



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Rose Luzia Barboza Paiva

**A Construção de Valores Humanos com
crianças: concepções e experiências de
professores do 1º ciclo**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Rose Luzia Barboza Paiva

**A Construção de Valores Humanos com
crianças: concepções e experiências de
professores do 1º ciclo**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos da Criança
Área de especialização em Intervenção Psicossocial
com Crianças e Famílias

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Maria Teresa Jacinto Sarmiento
Pereira**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Realizar um trabalho investigativo requer muito esforço e dedicação, permeados por momentos solitários, de frustração, receios e dúvidas. Esta presente dissertação foi feita graças ao apoio e incentivo de algumas pessoas e entidades as quais serei eternamente grata.

Primeiramente agradeço a Deus, razão máxima da minha existência, que me oferece força, oportunidades e guia os meus passos na vida.

Agradeço à minha orientadora, Doutora Teresa Sarmiento por todas as orientações dadas para a realização desta dissertação, com competência profissional e o seu saber, e solidariedade diante das dificuldades que enfrentei no percurso deste trabalho.

Sinto-me honrada por ter sido aluna e pela oportunidade em cursar este mestrado, e levarei para sempre este legado.

Ao meu pai e a minha mãe por todo o amor, preocupação, apoio e incentivo constantes a mim destinados mesmo que à distância. Ao meu pai muito obrigado por suas palavras e sua preciosa ajuda, nos momentos de maior dificuldade. À minha mãe, eu agradeço por suas palavras de ânimo, companhia, e todo o amor que me envolveu durante este período.

Às minhas irmãs que, mesmo distantes estiveram sempre presentes com as suas palavras alegres, fotos e vídeos da família e companhia motivadora ajudando-me a colmatar a saudade. Eu agradeço muito por tudo que foi feito por mim, na resolução de problemas importantes que enfrentei.

No Brasil

Agradeço pela permissão do afastamento de minhas atividades laborais para realizar o mestrado.

Sou muito grata às amigas do meu país que me deram compreensão, amizade, auxílio e por estarem sempre solícitas quando as procurei.

Às docentes que participaram das entrevistas, pela disponibilidade, e abertura em colaborar com o trabalho, sem elas o processo de investigação não teria acontecido.

Ao companheirismo, apoio e incentivo de um amigo muito especial para mim.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo conhecer as percepções de professores em relação à educação para os valores no 1º ciclo: as suas visões de educação em valores humanos, dentro das suas formações e práticas pedagógicas, a importância que atribuem a esta dimensão da educação para as crianças, como são construídos os valores dentro das suas dinâmicas escolares, e o que tem sido problematizado teoricamente sobre o assunto: relação escola família, os valores e a educação de crianças e a sua relação com o currículo no 1º Ciclo, bem como as suas impressões de (in)satisfação frente aos resultados obtidos, benefícios e desafios.

Neste estudo de cariz qualitativo, com base no método (auto)biográfico, a técnica escolhida para a coleta de dados foi a narrativa (auto)biográfica à luz do modelo proposto por Schütze (cit in Appel, 2005). Foram ouvidas, transcritas e analisadas narrativas (auto)biográficas de duas docentes na cidade de Braga, em Portugal, de uma escola do 1.º Ciclo, de cariz público e uma terceira docente, do Brasil, de uma escola também da rede pública, do Ensino Fundamental I (equivalente ao 1.º Ciclo).

Através deste trabalho dissertativo buscar-se-á caracterizar e analisar estas opiniões, numa relação com a literatura estudada, e os objetivos propostos para a investigação. Os resultados revelam que as narrativas (auto)biográficas são muito úteis como fonte de investigação e método de pesquisa, e que através delas o trabalho em valores pôde ser explicitado com os seus ganhos e desafios. Acredita-se que este estudo é um contributo positivo para reflexões posteriores e maiores aprofundamentos acerca deste tema tão importante para a educação das crianças.

Palavras-chave: Crianças e Valores; Educação para os Valores Humanos; Escola e Valores; Percepções de Professores do 1º Ciclo e Valores; Valores no 1º Ciclo.

ABSTRACT

The main objective of this study is to know the perceptions of teachers in relation to education for values in the 1st cycle: their visions of education in human values, within their training and pedagogical practices, the importance they attach to this dimension of education for children, how values are constructed within their school dynamics, and what has been theoretically problematized on the subject: school-family relationship, values and children's education and their relationship with the curriculum in the 1st Cycle and their impressions of (dis)satisfaction with the results obtained, benefits and challenges.

In this qualitative study, based on the (auto)biographical method, the technique chosen for data collection was the (auto)biographical narrative in the light of the model proposed by Schütze (cit. in Appel). The (auto) biographical narratives of two teachers in the city of Braga, in Portugal, from a public school in the 1st Cycle, and a third teacher, from Brazil, from a public school, were heard, transcribed and analyzed. Elementary School I (equivalent to 1st Cycle).

Through this dissertation work, we will seek to characterize and analyze these opinions, in relation to the studied literature, and the proposed objectives for the investigation. The results reveal that (auto)biographical narratives are very useful as a source of investigation and research method, and that through them the work on values could be explained with its gains and challenges. It is believed that this study is a positive contribution to further reflections and further insights into this very important topic for children's education.

Keywords: children and Values; Education for Human Values; School and Values; 1st Cycle Teachers' Perceptions and Values; Values in the 1st Cycle.

ÍNDICE

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
AGRADECIMENTOS	iii
ABSTRACT	vi
LISTA DE SIGLAS.....	ix
DEDICATÓRIA.....	x
INTRODUÇÃO.....	1
QUESTÃO DE PARTIDA.....	5
OBJETIVO GERAL DA INVESTIGAÇÃO.....	5
OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA INVESTIGAÇÃO.....	5
Capítulo 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO – CONCETUAL	7
1.1. O conceito de valor	7
1.2. Teoria dos objetos e valor	9
1.3. A importância dos valores humanos para a sociedade	14
1.4. A sociedade moderna e o conflito de valores	16
1.5. A Pandemia e a construção de novos valores	20
1.6. O contexto valorativo dos adultos e o reflexo na formação das crianças	28
1.7. Valores humanos, moral e ética e a formação da criança	32
1.8. Os Valores Humanos na Educação.....	37
1.8.1. EDUCAÇÃO DE VALORES E AS CRIANÇAS	39
1.8.2. LEGISLAÇÃO E VALORES	43
1.8.3. O PAPEL DO EDUCADOR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO EM VALORES	46
1.8.4. A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO ENSINO DOS VALORES PARA AS CRIANÇAS	49
1.8.5. A AFETIVIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO EM VALORES COM CRIANÇAS	51
Capítulo 2. METODOLOGIA DE AÇÃO.....	54
2.1. Entrevista narrativa (auto) biográfica como forma de construção de conhecimento - Fundamentos teóricos	54
2.2. A escolha da Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica com Docentes	56
2.3. Características da pesquisa	57
2.4. As entrevistas narrativas com os docentes	60

2.5. Apresentação e Análise das Narrativas	61
Capítulo 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
APÊNDICES.....	95
Apêndice 1. Guião de perguntas.....	95
Apêndice 2 – Quadro de Resultados.....	96

LISTA DE SIGLAS

AE – Aprendizagens Essenciais

CE – Comissão Europeia

C e D – Cidadania e Desenvolvimento

CEDH – Convenção Europeia dos Direitos do Homem

DGE – Direção Geral de Ensino

DGS – Direção Geral de Saúde

DUDH – Declaração Universal dos Direitos do Homem

EU – União Europeia

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

PA – Perfil de Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

PIDCP – Pacto Internacional dos Direitos civis e políticos

PIDESC – Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais

OMS – Organização Mundial de Saúde

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que estiveram sempre ao meu lado com o seu amor, incentivo e dedicação.

INTRODUÇÃO

No âmbito desta dissertação é desenvolvido um trabalho com ênfase na construção de valores humanos junto às crianças dos 06 aos 10 anos e as concepções e experiências de professores do 1º Ciclo na educação nesta área.

Conforme a Convenção dos Direitos da Criança, um tratado que defende as crianças e adolescentes do mundo inteiro, aprovada na Resolução N.º 44/25 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989, há alguns artigos que contribuíram na fundamentação da proposta deste trabalho de investigação, concretamente:

Artigo 12º (opinião da criança) - “A criança tem o direito de se exprimir livremente e de que a sua opinião seja considerada nas questões que lhe respeitam”;

Artigo 13º (liberdade de expressão)” - A criança tem o direito à liberdade de expressão, ou seja, de receber e expandir informações e ideias de qualquer tipo, sem prejuízo dos direitos e interesses legítimos de outro.”.

Neste pressuposto, a escola deve respeitar e valorizar os pensamentos, as ideias, os desejos e opiniões da criança, tendo em vista que cada uma, ao entrar na escola, já traz consigo sua bagagem de vida e sua leitura de mundo;

Artigo 18º (responsabilidade parental e institucional) - “A responsabilidade de educar a criança e de assegurar o seu desenvolvimento cabe primordialmente a ambos os pais, devendo o Estado apoiar os pais no desempenho desse papel.”.

Este artigo põe em relevo a responsabilidade da Família e da Escola como instrumentos importantes no desenvolvimento de todas as potencialidades sendo que esta nobre missão é partilhada entre Família e Escola;

Artigo 29º (dos objetivos da educação) - “O Estado deve reconhecer que a educação da criança irá proporcionar-lhe o desenvolvimento da sua personalidade, dos seus dons e aptidões mentais e físicas, conferir-lhe-á o respeito pelos direitos do homem e pelos valores culturais, por forma a prepará-la para assumir a responsabilidade da vida adulta.”.

Neste estudo a educação é ressaltada como alicerce para a formação da personalidade infantil, com a promoção do desenvolvimento sócio emocional, de ética e moral, para uma existência, ao longo da vida, com excelência não só intelectualmente, mas em seu desempenho enquanto cidadã.

Todos estes artigos elencados, destacam que o indivíduo, enquanto criança e jovem, deve receber uma educação de qualidade através da família e da escola, e alicerçada nestes princípios; esta

instituição deve agir de forma a refletir a sociedade numa ótica positiva na promoção do crescimento pessoal das crianças.

Embora as crianças tenham suas primeiras lições e os primeiros exemplos no seio da família, com os fatores de risco que envolvem a instituição familiar na sociedade vigente, os valores morais e éticos precisam ser ricamente trabalhados na escola, porque não dizer, seu segundo lar.

Educar as crianças na perspectiva dos valores humanos é um assunto real e necessário e algumas afirmativas reforçam esta realidade:

- ❖ Refletir sobre os valores humanos faz parte dos estudos em educação no mundo. Este olhar mais subjetivo na práxis educativa tem vindo sempre a crescer, pelas iniciativas já implementadas em escolas;
- ❖ Há cada vez mais pesquisadores e estudiosos a se debruçar em melhorar as práticas, superar os obstáculos e proporcionar mais benefícios as crianças;
- ❖ Nos dias de hoje as crianças vão cada vez mais cedo para as escolas, o que faz com que os educadores tenham um papel fundamental na vida e na formação da criança, e isto inclui a promoção de sua formação moral como um complemento à educação familiar que por muitas circunstâncias é limitada.

Diante deste quadro, compete aos educadores a tarefa de trabalhar valores com as crianças, educar crianças para realizar boas ações, para viver à luz de princípios equilibrados que promovam seu bem-estar e o convívio social positivo.

Sublinhe-se ainda que a escolha deste tema se fundamenta na importância destas posturas e o quanto é importante começar desde cedo este trabalho com os valores. Em vista disso, a escola foi escolhida como campo de investigação porque merece grande destaque neste enquadramento, tendo em vista seu papel educador e também formador de consciências. “A escola não pode ser apenas um conjunto de atividades; é uma visão da vida, persistente e longamente perseguida e afirmada.” (Conferência Episcopal Portuguesa, 2008, n.p.)

Este tema oferece uma gama de possibilidades para futuras investigações. Vale salientar a valorização do ensino conteudista frente a um modelo de educação que dê primazia à formação dos valores humanos nas crianças, facto que permeia a realidade de boa parte das escolas, seja em países desenvolvidos, seja em países em vias de desenvolvimento; quando na realidade, os valores e as habilidades sócio emocionais do indivíduo tornam-se tão necessários quanto qualquer área do conhecimento, visto que o crescimento infantil deve ser integral e isto inclui educar-se moral e eticamente para que seu desabrochar na fase adulta seja equilibrado e pleno.

É possível ainda que para dias futuros o estudo ofereça algumas referências sobre a Educação Moral na Infância, quais as diferenças nas atitudes das crianças antes e após uma proposta na linha dos valores em educação, na interpretação de suas narrativas de como agem na família, na escola e demais instâncias da sociedade. Por fim, este trabalho tem sua valência especificamente na formação de novos professores de Educação Infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico, bem como nas formações de professores nos Encontros Pedagógicos dentro das escolas e de outras instituições.

Neste ínterim, uma pergunta: como a escola pode contribuir para esta formação das crianças em valores morais através de exemplos bons que contribuam para seu crescimento, promovendo cada um como cidadão do bem, promotor de paz e de uma consciência mais humana de igualdade e justiça, com seres mais empáticos e solidários?

A par da justificação explanada acima, integram-se ainda algumas prévias indicações que justificam este estudo:

- Para perceber a importância e da necessidade de discutir o tema;
- Para investigar de que forma a educação na perspectiva dos valores humanos pode ajudar ao desenvolvimento sócio emocional e a formação moral das crianças;
- Pela necessidade de rever e analisar o tema à luz da literatura no contexto atual, numa sociedade vitimada por tantos desafios – economia, social, saúde;
- Pela pouca informação quanto aos avanços e retrocessos desta prática educativa.

Optou-se por investigar a práxis docente, através da participação de algumas professoras do 1.º Ciclo, uma vez que é através deste período escolar que a criança continua o percurso iniciado na Educação Pré-Escolar: sua rota de descobertas e aprendizagens, e passa um vasto tempo de sua semana no convívio escolar.

A escolha da faixa etária justifica-se pelo facto de que, embora existam trabalhos excelentes com os bem pequenos, percebe-se que a partir do 1º ano tal perspectiva perde espaço sendo menos enfatizada, substituída por modelos que visem uma formação mais académica, privilegiando-se o desenvolvimento cognitivo em detrimento de uma formação sócio emocional. Outra motivação para a realização do trabalho foi iniciar novas reflexões acerca deste tema instigante, e refletir sobre problemas que ainda existem e envolvem o ambiente educativo, na busca por respostas para questionamentos em torno do tema valores e educação de crianças.

Na primeira parte deste trabalho encontra-se um enquadramento teórico-concetual acerca dos Valores Humanos por meio de trabalhos publicados de estudiosos que forneceram informações para o

estudo, como Andrade, Amanda, & Dos Santos (2016); Lucas & Passos (2015); Reale (1986;1991); Reale (1986, in Da Costa, 2013); Reale (in Martins, 2008); Martins (2008); Restrepo (2004), Bindé (2004), Torres, V. C., Schwartz, S. H., & Nascimento, T. G. (2016); Pedro, A. P. (2002); ; Appel, M. (2005); (Béji, 2004); (Neto de Carvalho, 1992); (Nigro, n.d.), dentre outras fontes.

Na segunda parte são abordados alguns fundamentos teóricos sobre a Entrevista Narrativa (Auto) biográfica enquanto método da Pesquisa Qualitativa (Passeggi, M.; Nascimento, G.; Oliveira, 2016); (Passeggi, 2011);(Passeggi, Lani-Bayle, Furnaletto, & Rocha, 2018); (Appel, 2005), a perspectiva de Fritz Schütze (Köttig & Völter, 2014).

Na terceira parte encontra-se a metodologia de ação, suas características, as entrevistas narrativas (auto)biográficas com as docentes participantes, a apresentação e análise dos dados coletados.

As considerações finais encerram este trabalho, na ótica da prática educativa das docentes, a relação entre os objetivos deste estudo e as suas concepções sobre valores humanos, os aspetos positivos, outros a desenvolver e algumas perspectivas da investigadora frente ao trabalho realizado, que não têm a pretensão de dar um desfecho final no tema; muito pelo contrário, as reflexões dão um contributo para a continuação do estudo em trajetórias posteriores.

QUESTÃO DE PARTIDA

A questão geral que incita à reflexão e busca-se responder é “quais as concepções e experiências das professoras do 1º Ciclo sobre a Educação de Valores Humanos. para o desenvolvimento da formação social, emocional, moral e ética nas crianças?”

Pretende-se aprofundar em algumas questões de partida, com base no relato de experiências de professores, para as quais procuraremos encontrar respostas satisfatórias:

- Qual a importância de educar em Valores Humanos para as crianças dos 1º Ciclo?
- Como os valores humanos são abordados no currículo escolar do 1º Ciclo?
- Como se desenvolve entre professor e aluno a construção e a vivência dos valores?

Como se verifica a experiência profissional na promoção de uma educação em valores humanos?

- Quais os benefícios e desafios percebidos pelos Educadores, a enfrentar no exercício desta proposta educacional com as crianças dos 06 aos 10 anos, dentro e fora da escola, de modo a desenvolverem comportamentos positivos?

OBJETIVO GERAL DA INVESTIGAÇÃO

No enfoque teórico, esta dissertação tem como objetivo geral conhecer quais as concepções de professores do 1º ciclo sobre a Educação de Valores Humanos para o desenvolvimento da formação social, emocional, moral e ética das crianças.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA INVESTIGAÇÃO

Os objetivos específicos correspondentes às questões levantadas são:

- ✓ Conhecer as concepções dos(as) professores (as) sobre a educação em valores.
- ✓ Compreender como a experiência profissional promove a (re)conceitualização da educação em valores.
- ✓ Averiguar os benefícios e desafios percebidos pelos Educadores, a enfrentar no exercício desta proposta educacional para o exercício de uma cultura de paz, dentro e fora da escola, das crianças dos 06 aos 10 anos.

Muitos avanços são detetados na prática educativa pelo mundo fora, mas se há trabalhos de excelente nível desde o pré-escolar, estendendo-se para as crianças maiores, por que há problemas comportamentais que persistem nas turmas do 1º Ciclo? Se existe uma formação em valores humanos, porque estas crianças, futuros adolescentes e adultos do amanhã, ainda não conseguem efetivamente ser os cidadãos que podem (e devem) tornar este mundo um lugar melhor para se viver? Quem sabe reconstruir a perspectiva dos valores possa ajudar e compreender melhor a extensão de seu alcance para a formação moral e o desenvolvimento emocional das crianças.

Capítulo 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO – CONCRETUAL

1.1. O conceito de valor

Conceituar valores é uma construção relativamente difícil, dada a abrangente dispersão de ideias acerca do tema. Aliado a isto, esta conceituação reflete o contexto histórico do momento e as conceções individuais. O termo valor é ubíquo, ou seja, congrega várias áreas do conhecimento. Há também os juízos de valor e juízos de realidade. Os juízos de realidade mostram o que as coisas são objetivamente; os juízos de valor, a interpretação que o sujeito faz do objeto.

Na etimologia, o estudo científico da origem e história das palavras, o termo valor veio do latim, *valore*, que significa riqueza, valor, com a mesma origem de *valere* que tem o sentido de apresentar boa saúde, ser forte (Anónimo, 2010). Os romanos costumavam dizer – *Si bene vales, valeo*.¹ *Se estás bem, também estou* - e nos mostra a abrangência desta palavra quanto ao seu significado, na qual é possível afirmar que muito mais do que expressar de forma concreta e palpável nos gostos e preferências e também nossas crenças, a linguagem utilizada as constitui. No Mundo Antigo², quando a escrita foi inventada, a sociedade tornou-se mais complexa, e o significado de valor passou a referir-se à utilidade e ao valor em moeda que um determinado objeto ou bem material tinha e também o quão valia a honra e o talento dos indivíduos (Andrade, Bispo, & Dos Santos, n.d.) Entretanto, este uso não era importante para os pensadores, para os filósofos, por que não originava problemas filosóficos, motivo de pesquisa e análise dos estudiosos. Segundo Abbagnano (Abbagnano, 1970 in Gregório, 2007), a utilização da palavra valor no sentido filosófico surgiu a partir do momento que este termo foi generalizado pelas pessoas, ou seja, seu uso foi disseminado entre os indivíduos com um mesmo significado, o de representar qualquer objeto escolhido por um indivíduo conforme a sua preferência, gerando uma escolha, facto que pela primeira vez aconteceu com os estoicos³, responsáveis pela introdução do vocábulo no campo da ética e denominaram de “valor” (grifo pessoal) os objetos de escolha moral feita pelo homem. Cita-se a etimologia para acrescentar que no grego *axios* que se revela como aquilo que é precioso, que é importante ao ponto de ser estimado e traduz a prioridade do querer sobre a primazia daquilo que pode ser alcançado pela inteligência. Temos a honra, o dinheiro, o

¹ Valeo é um termo muito antigo, usado pelos romanos para se cumprimentarem. Era costume na época dizer: *Si bene vales, valeo* – Se estás bem, também estou. A civilização romana originou-se num vilarejo na Península Romana, precisamente em Roma por volta de 1000 a.C. (Sousa, 2002).

² A Idade Antiga é uma época da história que surgiu com a descoberta da primeira forma de escrita, a escrita cuneiforme na Suméria, em meados de 3500 a. C. com término em 476 d. C. quando os romanos e seu Império tiveram seu fim (Silva, s.d.-a).

³ Os estoicos pertenciam a uma escola filosófica a qual acreditavam que tudo que havia por acontecer seguia um curso, e já estava planeado como num “sopro vital” (grifo dos autores). Assim, não havia nada para preocupar-se. (Santi & Lisboa, 2020).

apreço, o direito, a riqueza, a dignidade que dentro de uma área da Filosofia que estuda os valores, denominada Axiologia³, responsável pelos estudos neste tema (Lucas & Passos, 2015).

A considerar as relações complexas que a vida revela, a diversidade de circunstâncias inovadoras, o termo valor é, geralmente, utilizado no plural (Gama, n.d.). O valor é um termo polissêmico, que abrange uma série de significados, alguns deles mencionados aqui: os valores são escolhas que as pessoas fazem, a nível cognitivo, que representam suas necessidades pessoais e sociais, que se referem à necessidade do respetivo momento no qual a pessoa está e no modo como esta necessidade é percebida pela pessoa (Casanova, 2011); os valores são ideias basilares que circundam a vida dos indivíduos, atribuindo uma certa orientação, um rumo a seguir, diretrizes que indicam a estes mesmos indivíduos a maneira de como devem atuar nas suas vidas, seu modo de ser, seu comportamento, a maneira como devem relacionar-se e demonstrar as suas competências e habilidades para atingirem seus projetos e ideais (Ricotta, 2006, in Lima, 2016).

Numa retrospectiva histórica, assinalam Lucas & Passos (2015) que, filosoficamente, Platão e Aristóteles utilizavam a palavra *ágathon* para referir-se ao *bem*, considerado o maior de todos os valores, e os romanos usavam o termo *bonum* para referir-se à noção de justiça, um valor que tinha a significância de bem supremo. E esclarecem ainda que os gregos usavam o termo *áxios* que se transformou no substantivo *áxia* (sendo este determinante na língua) para denominar que é digno de estima, aqueles indivíduos que se destacavam na sociedade a exemplo dos bravos guerreiros, os políticos (estadistas), os artistas com suas singulares obras, os artifices, os artesãos talentosos. Aos poucos, com a tradução de muitos termos gregos para o latim, ficou configurado o termo *aestimabile* que se tornou muito importante na tradução de valor dentro do idioma português (Reale, 1991).

Debruçar-se sobre toda a linha do tempo do conceito de valor até os dias de hoje não é o objetivo deste trabalho, ademais, outros enfoques serão abordados no decorrer do mesmo. Os valores são concepções de indivíduos ou de grupos, sobre o que é desejável, digno, bom ou mau. A diferença que existe entre as culturas humanas gera uma variação em termos de valores. Esta valorização por parte dos indivíduos recebe uma grande e incisiva influência da cultura que envolve cada indivíduo. Portanto, os valores assumem um papel principal, influenciando uma diversidade de áreas da vida, nomeadamente, as relações sociais, comportamento moral, as relações de pertencimento a grupos sociais, expressões de religiosidade, hábitos de consumo, costumes locais e regionais, expressões de arte, formas de usufruir o lazer, orientação política e demais ações em sua trajetória de vida. Numa

afirmação curta e bem clara, Lima (2016) afirma que cada indivíduo orienta e rege sua vida pessoal a partir dos valores humanos.

1.2. Teoria dos objetos e valor

Para que haja conhecimento sobre a realidade que o indivíduo pretende analisar, faz-se necessário que exista uma relação ente dois elementos, um indivíduo conhecedor que é a sua mente, e um objeto que o indivíduo pretende conhecer, que é a sua realidade. Contudo, somente existirá conhecimento se este indivíduo conseguir assimilar o objeto, ou seja, representá-lo mentalmente. A teoria dos objetos é importante para saber qual é o papel do valor para o conhecimento. Esta teoria pode ser compreendida como uma teoria que estuda a origem e o significado das coisas que podem ser vistas como objetos do conhecimento. Nesta linha de pensamento, existem os objetos físicos e os psíquicos. Os objetos físicos são aqueles que possuem uma categoria no tempo e no espaço, como por exemplo, um móvel; um determinado móvel existe no espaço, pois tem seu tamanho, comprimentos, etc., e existe também no tempo, pois tem sua durabilidade, enquanto objeto de uso. Os objetos psíquicos, por sua vez, estão relacionados somente ao fator tempo, uma vez que existem somente enquanto o indivíduo que os possui existir, a exemplo, os sentimentos. Ambos são objetos naturais porque atendem ao princípio da causalidade, o agente que liga dois processos, sendo um a causa e o outro o efeito, em que o primeiro é a causa da existência do segundo que passa a ser dependente do primeiro. Além dos objetos naturais, há os que nada têm a ver com espaço ou tempo, são os objetos ideais, pois são pensados pelo homem, sendo a matemática e a lógica representantes destes objetos. Quando um indivíduo pensa numa forma geométrica, ela existe em sua mente, independente do espaço e do tempo. Estas ideias iniciais acima de Reale (in Martins, 2008), foram tecidas para uma melhor compreensão da teoria dos objetos.

Na biologia, taxonomia significa classificação; e, com o mesmo sentido, assim como os indivíduos podem analisar situações e objetos atribuindo preferências, do mesmo modo conseguem agrupá-los de maneira organizada e classificá-los hierarquicamente numa tábua de valores.

Reale (Martins, 2008), chama a atenção que o valor pode existir somente a partir de algo valioso que o antecede em sua existência. Outra característica significativa é que o valor não pode ser quantificável, sendo que o valor que os homens atribuem, por exemplo, a uma peça de arte, é meramente simbólico, um juízo de valor (a imaginação de como algo deveria ser), não correspondendo ao seu valor axiológico.

Os valores não são simples projeções dos gostos individuais, porque quando um indivíduo nasce, já se encontra estabelecido um código de valores que mostra uma realidade indiscutível: cada ser não constrói seus valores, ao contrário, estes são incorporados a partir de uma construção de valores já feita por um sujeito histórico - que está perfeitamente integrado no tempo e espaço, (Reale, 1986, in Da Costa, 2013). Em conformidade com esta linha de raciocínio, o mesmo autor acima referido afirma que objeto de valor “é tudo aquilo que é sujeito de um juízo lógico, ou aquilo referido por um juízo”. O valor é considerado objeto, pois o indivíduo pode atribuir-lhe um significado proveniente de um juízo lógico. Os valores são inseridos no tempo e no espaço, dentro das páginas da história e da cultura produzidas pelos homens. Reale (1991), enfatiza este pensamento ao afirmar que cada época histórica ou civilização possui sua própria “constelação cultural valorativa”. Quando é mencionado que os valores são reais é porque são os únicos, aqueles específicos de uma sociedade em particular; são chamados valores ideais aqueles que um grupo social os escolheu e adotou-os como se fossem propriedade particular.

Há duas vertentes no que diz respeito à objetividade e a subjetividade dos valores. A objetividade dos valores defende que estes valem por si mesmos sem depender de características que os indivíduos possam atribuir-lhes. Como exemplo, citam-se preceitos do Cristianismo que existem independente do tempo histórico. A subjetividade dos valores tem sido defendida pela História da Filosofia, a citar os sofistas⁴ que anunciavam sobre a verdade e a moral como convenções que um grupo social determinava, convenções estas que sofriam variações de grupo social para grupo social e de pessoa para pessoa.

Quanto à sua natureza, os valores são concebidos como absolutos e relativos, sendo absolutos quanto são estimados pelo que são em si mesmos, independentemente de trazer benefícios ou prejuízos aos indivíduos, como por exemplo a alegria, a harmonia, a fraternidade, os indivíduos desejam alegria não para usarem-na para conseguir algo, mas sim porque admiram a alegria como sentimento que promove o bem estar; e os valores são relativos quando, em oposto, não são estimados por si mesmos e sim pelo que os indivíduos podem alcançar com tal valor, a exemplo, o dinheiro. Clarifica-se que esta relatividade dos valores é um estado que nunca pode ser vencido porque não existe um parâmetro de indicação único para as pessoas, e quanto a ser absoluto passa a sê-lo para cada indivíduo apesar de variarem de pessoa para pessoa. Acrescenta-se aqui que os valores são também categorizados em valores-fins e valores-meios, conforme a importância que os homens atribuem para suas vidas; os valores-fins são absolutos porque em si mesmos já existem, sem relação

⁴ Os sofistas foram os primeiros professores pagos da História da Humanidade; ensinavam a arte de governar através da oratória (EducaBrasil, n.d.).

nenhuma com o facto de serem positivos ou negativos aos indivíduos, e os valores-meios são os relativos, porque são apenas meios para obter algo (Costa, 2008).

A historicidade dos valores é marcada no facto de as impressões que os indivíduos têm deles está vinculada às crenças, interesses e percepções de uma época histórica e assim são os valores relativos ao tempo e espaço nos quais eles existem e têm significado; e, por fim, encontra-se o aspeto de perenidade dos valores, que é traduzido pela necessidade que os homens têm de sempre valorar coisas, situações e objetos seja qual tempo estiverem, e mesmo que estes valores passem com o tempo, sempre haverá humanidade para atribuir-lhes a sua apreciação. Perenes porque sempre os homens de um espaço e uma época estarão a buscar seus princípios duradouros.

Os valores possuem características básicas, assim explicita a estudiosa do tema Nogueira (2007): historicidade: como já foi explicado, o valor encontra-se envolvido com os acontecimentos históricos e culturais que, por sua vez, sofrem influência do tempo e da evolução do indivíduo enquanto ser histórico. Assim, os valores mudam com o passar do tempo, e recebem múltiplos olhares, mudando também em razão do pensamento dos próprios indivíduos; bipolaridade: O valor tem dois lados, são dois pontos de vista num mesmo valor e um contrapõe-se ao outro, como se fossem polo positivo e negativo, por exemplo, o certo e o errado. Assim, o sentido de um valor existe se paralelo a ele existir seu desvalor, "(...) verificam-se então valores positivos e negativos em permanente conflito numa dialética de complementaridade" (Nogueira, 2007, p. 265); realizabilidade: os valores são realizáveis, conforme o sentido atribuído pelo homem, mas apoiados em algo concreto que possa garantir-lhes a possibilidade de serem alcançados. Os valores influenciam as ações e condutas humanas e em suas criações de cunho cultural que se transformam no decorrer do tempo, registados na história. É possível concluir que entre as coisas concretas, reais e os valores há uma estreita conexão; inesgotabilidade: um valor, uma vez atribuído seus significados, permanece valorado, numa perspectiva de serem alterados em sentido, mas é infindável seu caráter enquanto objeto para o homem; implicação recíproca: todo valor é concretizado na medida em que outros valores são também concretizados. Assim, realizar um valor, resulta a realização de outro(s), como exemplo, podemos citar a bondade, que acarreta a realização da caridade, do perdão, da tolerância; referibilidade: quando uma pessoa adota um valor como seu, implica dizer que ela seguiu uma tendência para um caminho, uma diretriz. Este valor serviu como referência para prosseguir e isto significa que os valores partem das concepções de um indivíduo para outro; preferibilidade: traduz-se como a possibilidade de um indivíduo preferir um valor face a outro e que representa a sua natureza de ser livre e ter a liberdade de tomar decisões e escolher valores que as fundamentem. Prossegue-se com este raciocínio que a

liberdade e o valor estão intrinsecamente ligados nas condutas do homem em sua vida a nível pessoal e social.

Vendo-se as características acima mencionadas, vislumbra-se a presença marcante do valor. O ser humano é essencialmente valorativo. Todas as suas condutas são embasadas pela concretização de algum valor. Ademais, percebe-se que o ser humano não é como tal apenas pela sua existência, mas sim em decorrência da significação que para ele possui a sua própria vida. (Martins, 2008, p. 272)

Ainda sobre a classificação dos valores, é interessante citar a ordenação axiológica de Miguel Reale, citado em Martins (2008), já mencionado anteriormente, cujo valor de peso mais elevado, também chamado de valor fonte é o valor da pessoa humana, sendo que os demais valores que existem tem seu valor em decorrência deste valor soberano. A classificação proposta pelo autor busca contemplar todas as carências que o ser humano tem e que o deixam apreensivo. Tais carências estão exprimidas através de valores essenciais, a saber: o verdadeiro, o belo, o útil, o santo e o bem.

Em continuidade a este pensamento, cabe salientar que os valores fundamentais não estão classificados de forma hierárquica, pois não existe esta estrutura, apenas que os valores fundamentais estão subordinados ao valor principal, que se refere à pessoa humana. Quanto a ao belo, estão interligados às artes e a estética. O próximo valor, o útil, relaciona-se às atividades económicas ou industriais como assim abrange a economia. Em sequência, encontra-se o valor do *santo*, que significa o valor que compreende as religiões e isto quer dizer que este valor agrega a condição da existência do homem dentro da religião ou com enfoque de tudo que transcende a mente, alma humana. O último valor, o *bem*, refere-se à ética, nas suas vertentes, a social (direito e os costumes do indivíduo ou grupo social) e a individual (a moral).

Neste último segmento, Reale (Martins, 2008), em sua classificação dos valores, estabeleceu as mesmas categorias importantes para o valor, sendo estas semelhantes à classificação já explanada por Nogueira (2007), com a diferença de que acrescentou a categoria objetividade dos valores que traduz o estado de que os valores devem ser tão perfeitos como as coisas devem ser, uma vez que os seres humanos buscam a perfeitabilidade e que assim os valores refletem o que é criado e materializado pelo homem histórico e cultural.

Os valores auxiliam na formação e aperfeiçoamento do caráter humano. Os valores podem ser classificados a partir de dois ponto de vista, formal e material (Hessen, 2001).

Na perspectiva dos valores formais este mesmo autor os classifica em divisões: - Valores positivos e negativos. Positivo é aquele que tem o significado mais próximo de valor em seu sentido

mais real de valor. Em oposição, encontra-se o valor negativo, chamado muitas vezes de desvalor. Esta ambiguidade agrega à própria configuração social da ordem axiológica. Seguindo o pensamento do autor, foram estabelecidas as seguintes categorias:

- Valores das pessoas e valores das coisas, ou valores pessoais e reais. Os valores das pessoas ou pessoais só podem pertencer aos indivíduos, como é o caso dos valores éticos. E são intitulados de reais aqueles que indicam objetos ou coisas impessoais ditos bens;

- Valores em si mesmo, ou autônomos e valores derivados de outros ou dependentes. Significa dizer que o valor em si paira na sua mesma síntese; sendo independente de todos os outros valores, não depende de nenhum outro valor para existir e também não funciona como um meio para outros valores.

Todos os valores fazem parte do indivíduo, quer sejam valores que pertencem ao ser ou valores que o homem os escolhe para um determinado fim ou circunstância; dito isto, este indivíduo é constituído por sua sensibilidade e por seu espírito, e desta configuração são classificados de valores sensíveis e valores espirituais. Os valores sensíveis abordam o indivíduo como um ser que faz parte da natureza, e os valores espirituais dizem respeito também ao homem, mas no âmbito espiritual.

Os valores sensíveis são os valores hedônicos. Traduzem tudo que é agradável, que vem do prazer, esta categoria abrange além das sensações de prazer e satisfação, mas também com as coisas que instigam tais sensações (vestimenta, alimentação, bebidas, passeios, etc.). À ética que corresponde a estes valores chama-se geralmente hedonismo. São divididos em:

- Valores vitais ou da vida. São os valores que expressam a própria vida, em seu sentido literal (bios), são o vigor vital, a saúde, a força, a disposição, São aqueles valores de que é portadora a vida, no sentido naturalista desta palavra, isto é, bios.

- Valores de utilidade. São nomeados de valores econômicos. Referem-se a tudo aquilo que serve para a satisfação das nossas necessidades da vida (comida, vestuário, habitação, saúde, etc.) bem como as ferramentas que são utilizadas para criar ou construir estes benefícios, estes bens. Diferenciam-se dos sensíveis, já citados acima, porque estes valores de utilidade são derivados.

Os valores espirituais são valores são singulares em sua essência, e não tem semelhança com os da primeira categoria. São distintos porque são imateriais, duráveis e perduram com o tempo. São divididos em: valores lógicos, a função do conhecimento (o saber, o conhecimento da verdade) e o esforço para obter o conteúdo do conhecimento. Contrapor-se-lhe-ão, como desvalor lógico, a ignorância, o erro, a falta de interesse pela verdade, a ausência de esforço para a alcançar, etc.; valores éticos ou do bem moral. Estes grupos de valores têm as características abaixo: Somente as

pessoas podem ter acesso a estes valores, jamais as coisas. Os valores éticos correspondem às solicitações imperativas ou absolutas. O indivíduo deve ou não fazer, conforme sua própria consciência e afetam todas as áreas da vida humana e são universais, pois dirigem-se a todos, ao passo que o estético não tem pretensões, não são imperativos.

Os valores estéticos, ou do belo compreendem o sentido mais abrangente da palavra. Os valores religiosos ou do sagrado não são valores imperativos, ou seja, que devem ser realizados. Não se impõem ao indivíduo, são valores do indivíduo enquanto ser.

Propostas variadas vêm sendo realizadas para entender e compreender o sentido dos valores na sociedade, em diversas instâncias, no seio das empresas e demais instituições, no campo trabalhista, nas redes de comércio, na área desportiva, além de inúmeros outros setores. Entretanto, é divulgado em muitas fontes que a teoria dos valores básicos de Schwartz (Torres & Schwartz, S. H., & Nascimento, 2016) é a que tem sido alvo de destaque e pesquisas. Do ponto de vista dos autores, os valores são descritos como ideias que os indivíduos acreditam e carregam consigo e que traduzem suas emoções e sentimentos bons e maus e que os levam a tomar determinadas atitudes. O autor estabeleceu uma teoria que une os valores e os configuram num sistema em que as categorias traduzem motivação, desejo por alguns e censura, e, portanto, de baixo apreço por outros, a confirmar o assinalam os autores citados.

Concebidos dessa forma, os valores humanos são construtos importantes no conjunto dos conceitos psicossociais considerados centrais para a predição de atitudes e comportamentos, inclusive para a compreensão de fenômenos de interesse de estudo das ciências sociais e humanas.(Torres et al., 2016, p. 342)

1.3. A importância dos valores humanos para a sociedade

Em qualquer grupo social, desde os primórdios da humanidade, o homem movimenta-se segundo as suas necessidades. Assim, suas ações são conduzidas pelo comando biológico, que determina o que é preciso para um dado momento, e são as necessidades primárias que independem de qualquer aspeto geográfico e temporal. Um dos comandos biológicos dos homens é o instinto de sobrevivência, e, animado pela vontade de viver, protege-se e guia-se pela satisfação destes comandos, ele busca acolhida, alimentação, vestimentas, companhia, conhecimento, contato com a natureza, lazer, experiências novas, etc., e estes recursos podem ser denominados *bens*, expressão usada por

Neto de Carvalho (1992). Neste sentido, os homens atribuem a estes bens um valor, porque se os satisfazem passam a ser bons, e, portanto, pode-se afirmar que há uma relação íntima entre necessidades e valores. Quando estes valores são levados numa realidade de grupo, a atividade torna-se mais complexa, pois muitas vezes os indivíduos precisam sacrificar-se em prol da coletividade, a exemplificar os atos de respeito mútuo, de justiça, de lealdade, de patriotismo, da tolerância, da solidariedade, e da democracia, além de inúmeros outros valores sociais que são os princípios basilares dos Direitos do Homem.⁵ Deste pensamento pode-se extrair a ideia de que viver em sociedade é algo bom, positivo e salutar, e o contrário, ser rejeitado socialmente, ser excluído de vivências sociais é visto com uma situação má, negativa e prejudicial ao homem.

Os valores sociais revelam um projeto comum de vida, um projeto social. Em conformidade com o autor acima citado, em todo grupo social surgem normas, estatutos, estabelecidos pela coletividade, que irão determinar a estrutura orgânica da família, a maneira como as propriedades serão administradas em termos de utilização e transmissão para herdeiros, como o poder se organizará, como serão estabelecidas as formas de comércio, o convívio com múltiplas formas de religiosidade, as atividades culturais e as formas de lazer institucionalizadas e tudo que faz a vida social. Estas normas definem muitos comportamentos humanos, para cada indivíduo cumprir dentro da sociedade, com vistas a objetivos comuns sem precisar que cada indivíduo tenha de tomar decisões o tempo todo acerca de coisas e situações similares, racionalizando o sistema social, oferecendo uma espécie de segurança emocional ao evitar certa dúvida, ou ansiedade de ter de procurar sempre uma diretriz a seguir. Por tudo isso demonstrado, os valores e as normas são essenciais ao bom funcionamento de uma sociedade, e para tal, há de se existir normas precisas e bons valores humanos para serem seguidos.

Em termos de sociedades, o ser humano biológico está sempre em evolução, a conviver com animosidades entre os membros de seu grupo. Os indivíduos são compelidos a organizar e voltar seus interesses para estruturas sociais que os aceitem, que os defendam e promovam a realização de suas necessidades, cada vez mais complexas e distantes das primárias. As pessoas são impelidas à participação ativa dentro do grupo social, e para que isso aconteça, precisam colaborar em funções que a sociedade oferece como meios para o sucesso, facto que não as afastam de possíveis conflitos, principalmente quando enfrentam problemas, e cada grupo social quer chegar primeiro ao resultado que apresente a solução para um determinado problema, desenvolvendo um conjunto de ações e

⁵ Os Direitos do Homem estão prescritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas no dia 10 de dezembro de 1948, em Paris, França (resolução 217 A III), como um conjunto de garantias fundamentais à vida dos homens de forma universal, isto é, sem distinção de etnia, cor, gênero ou nacionalidade. (Freitas, 2008)

reações que são nada mais que forças em ação debatendo-se para obter o êxito, que pode ser o lucro maior, o resultado mais fácil, o bem estar melhor, o funcionamento mais prático, enfim, as sociedades vibrando e enfrentando situações constantes, num devir ininterrupto de confrontos e soluções que podem unir os grupos sociais mas por dificuldades que os próprios indivíduos impõem, e que impedem o desenvolvimento harmônico da engrenagem social global.

1.4. A sociedade moderna e o conflito de valores

Nossa sociedade está imersa em constantes transformações sociais desde o início do século XIX, mudanças estas que têm influenciado em várias áreas, e esta dinâmica gera uma postura de expectativa por parte dos indivíduos. Consoante a, o conjunto de valores, ideais, ideologias, sentimentos e condutas, criam um conjunto de tensões sociais e econômicas, e como consequência perplexidades, individualismo e desalento.

A sociedade evolui a passos largos, na Ciência e Tecnologia, com o crescimento dos espaços urbanos, da engenharia, dos avanços da medicina e da era digital. Este crescimento tecnológico, marco desta nova era, trouxe muitos benefícios, mas também trouxe consigo um descompasso para o homem. Backer (cit. in España, 2014), numa palestra na cidade de São Paulo, Brasil, transcrita pela revista Exame em setembro de 2017, refletiu que a tecnologia tem a força de atingir as relações pessoais e sociais, e as influenciam, uma vez que as pessoas permitem esta invasão em suas vidas, destruindo a privacidade dos indivíduos, num desrespeito sem limites na trajetória psíquica, no ritmo biológico inclusive com poder de afetar a saúde de cada um, no desenvolvimento de patologias. Os seres humanos estão a ser obrigados a entrar num ritmo desenfreado no qual a sociedade automatizada e tecnológica exige, e assimilar novos valores independente de estar ou não preparados para este novo fluxo e para a velocidade das mudanças. Atualmente quem não tem um telemóvel, quem não está inserido nas redes sociais, fica aquém do processo comunicativo. Os indivíduos tornaram-se reféns da tecnologia, na busca por uma rede 24 horas veloz e acessível, sendo que tal modernidade entrou nas rotinas de cada um, como ver e-mails várias vezes, enviar e receber mensagens, pagar contas, comprar pela internet, satisfazer curiosidades, ampliar seu conhecimento acerca de algo, cumprir tarefas, enviar fotos de sua vida pessoal, etc.

Concomitante a todos estes avanços, a humanidade evolui em conhecimento e parece envolver em humanismo, no sentido da falta de empatia do ser humano para com o próximo e de não olhar o outro com as lentes de si mesmo. Os indivíduos precisam viver situações que lhes proporcionem

despertar e resguardar suas características naturais, que promovam o respeito de seus limites e que este conjunto de ações trabalhe dentro de um patamar de tolerância entre cada indivíduo, mesmo com as especificidades de cada um, de compreender que todos são diferentes, com talentos individuais e que a sociedade digital inúmeras vezes corrói momentos importantes.

Muitos acontecimentos na história da humanidade trouxeram à tona muitos questionamentos referentes à sociedade, à história em si e ao homem. Bindé, (2004) expõe seu pensamento de que a crise dos valores não representa somente a crise da moralidade, herança das religiões, mas sim a crise dos valores de quem não sofre influência da Igreja, chamados *valores laicos*, que surgiram e substituíram os religiosos – a Ciência, o progresso, a emancipação dos povos, ideais solidaristas e humanistas. O autor continua sua linha de raciocínio ao indagar se o desenvolvimento das técnicas, que acontece em marcha veloz e imprevisível, não concorrerá em cair numa humanidade indistinguível, inclusive faz alusão que alguns já usam a expressão de “pós-modernidade” (p.22).

Os valores passageiros são muito fomentados nos dias de hoje, ao mesmo tempo que há por todos os lados iniciativas e empreendimentos que visam o saber, uma educação em valores ao longo da vida, e é preciso que sejam valores a congregar as três faixas etárias. Outro questionamento diz respeito aos avanços na área da Genética, se podem despertar uma maneira de formatar a espécie humana, com suas criações em laboratório, com o poder de escolher características para o ser humano que vai nascer, e que num mundo repleto de descobertas e de ruturas que com certeza interferem no rumo da humanidade e no equilíbrio político entre países, nomeadamente os países mais ricos do planeta, que impõem valores materiais, narcisistas, egoístas e gananciosos, como, diante de todo este quadro, é (e será) possível pensar, refletir e preservar o ambicionável desejo de uma vida mais fácil e melhor para ser vivida para um número maior de seres humanos? O fosso que foi aberto (e ainda está a abrir) entre os países ricos e os mais pobres quanto às novas tecnologias e a informática é enorme e talvez a resposta esteja na união os povos e no compartilhamento de conhecimentos.

O filósofo Paul Valéry⁶ (1871 -1945) é citado por (Bindé, 2004) acerca da concepção dos valores morais ou estéticos ao mencionar a semelhança do que ele intitulou modelo da bolsa de valores (p. 23); e justifica esta constatação ao refletir que já não existe mais uma escala fixa de valores, com estabilidade e integralidade, uma vez que os valores oscilam para frente e para trás, dentro da

⁶ Paul Valéry foi um dos escritores de maior expressão do séc. XX. Francês, poeta e filósofo, conseguiu com suas poesias, perpassar por vários domínios do saber: poética, linguística, psicologia, política, física, biologia, e escreveu em vários gêneros literários (poemas, ensaios, traduções, peças, diálogos).(Pedagogia & Comunicação, 2005)

sociedade, com suas cotações a variar conforme os temores, as aspirações, os desejos e ideologias dos seres humanos. E assim como na moda, área na qual o tradicional e o revolucionário caminham juntos a conduzir as pessoas à constante questionamento, e remodelagem dos próprios valores, atualmente a humanidade vive o temporário, o transitório, e onde os valores ditos mais intocáveis, inatingíveis, ficam à mercê de valores assemelhados às taxas de câmbio, de puro comércio, reflexos de uma contemporaneidade acelerada, reforçados pelos meios de comunicação e de outras tendências passageiras que, através da informação instantânea de certo modo consegue substituir o espaço dos valores ao longo da história, como sua evolução pela linha do tempo, que legitimou (e legitima) os mesmos valores. É possível refletir com profundidade os valores diante do mundo que privilegia o efêmero, o trivial? E a educação, como fica neste contexto? Os aspectos emocionais e cognitivos mesclam-se, e oscilam, com apelos de variadas fontes, passageiras e muitas fictícias, a embalar sonhos e fantasias dos adultos e principalmente das crianças, inocentes em sua capacidade racional e analítica, como que a educação se situa neste tempo e espaço como seu papel primordial aos seres humanos?

O século XXI pode estar preso numa estranha contradição: nunca o efêmero foi tão valorizado; contudo, a emergência de sociedades do saber, que tende a fazer da educação para todos, ao longo da vida, já não um simples sonho, mas um projeto, parece prefigurar o lançamento de um novo dispositivo de valores a longo prazo, simultaneamente sérios, lúdicos e juvenis. Sempre que se esbatem as fronteiras entre as três idades da vida, novos valores, simultaneamente cognitivos e prospectivos parecem emergir. São menos herdados do que inventados, menos reproduzidos do que criados menos recebidos do que transmitidos.(Bindé, 2004, p.23 e 24)

Quando Bindé (2004) interpela sobre a “estetização dos valores” (p.24), está a refletir que acima de tudo é necessário criar os valores, e recriá-los sempre que houver nova mudança no padrão do pensamento social. Assim, a estética dos valores fica entrelaçada com a economia, válvula motriz da sociedade humana, e da ética. A figura do artista, o criador de figuras do seu tempo, passa a ser distinguido em alto relevo social, como um modelo daquele que cria um sentido e algo novo. Por conseguinte, os atos criadores cercam as pessoas, fazem-se presentes em todas as esferas da vida, porque é inerente ao homem o desejo de criar, ou descobre-se criador ou aspira esta capacidade, e tudo que é produzido provém, de um ato criativo. Em termos pessoais, a considerar que nada é sólido o suficiente que perdure imutável, cada membro da sociedade precisa criar seu ritmo próprio de vida, seu estilo que o conduza a padrões estáveis de comportamento que façam sentido para si. Esta

inserção do homem no universo criador acontece concomitante à criação na vida económica, que por sua vez, reconhece a criação como fonte de inovação, a própria fonte motriz geradora de novos avanços, do desenvolvimento que impulsionam o homem nas “seduções de oferta”, os objetos desejáveis para a sociedade, numa dinâmica constante de produção, que ofuscam a sociedade para o ter, em detrimento do ser. Esta estetização influencia no querer dos homens, que não conseguem, em sua maioria, distinguir o imposto por outrem de seu próprio desejo.

De se registar também as conquistas das mulheres no espaço social. A cada vez mais elas avançam dentro da sociedade ao ocuparem postos que há muito tempo são dominados pelos homens, numa caminhada que se opõe ao patriarcado⁷ inclusive cargos com alto poder de liderança, a reivindicar seus direitos, a alavancar conquistas embora haja muito o que fazer, pois a maioria das mulheres em alguns setores recebe rendimentos menores que os dos homens, ainda existe preconceito em empregar mulheres porque podem engravidar e porque são as principais responsáveis pela criação das crianças, sendo uma mão de obra pouco produtiva, além do machismo que ainda impera sobre a mulher, com situações de violência, alienação e exploração, e mesmo assim as mulheres conseguem pouco a pouco desbravar um caminho no qual os valores podem sim ser vistos pelo prisma de um processo de feminização dos valores, que através do qual as mulheres ressignifica muitos valores ao legitimarem o seu papel feminino na sociedade, o que pode gerar consequências sólidas na estrutura social, que nos dias atuais são complexas e difíceis para a sociedade mensurar e conhecer, mas que representam um universo de mudanças para o século seguinte.

Na perspectiva cultural, mergulhar na cultura traz consigo uma proposta de pensamento que conduz as pessoas a discernir os aspetos humanos dos inumanos, pois é natural que a cultura e a arte abordam estes elementos. Contudo, muitos indivíduos, nas sociedades pelo mundo afora, já não querem parecer com homens em sua forma literal. Os critérios que outrora representavam a identidade humana não são mais admiráveis e interessantes; e, a considerar que é possível e legítimo os homens se identificarem, talvez seja possível também serem reconhecidos sob outros formatos, e de maneira até radical com suas ideologias, e com isto novos valores são transmitidos. Nesta linha de raciocínio, o homem não demonstra interesse por sua natureza original, revela uma acomodação frente a uma cultura inumana, para afirmar a sua diferença dentro da sociedade em que vive. É a cultura da insensibilidade diante dos problemas do mundo ou como foi intitulado de a “cultura do inumano” por (Béji, 2004, p. 57). Seus valores já não são os valores de todos, para tal a exclusão da sociedade como

⁷ Sistema social que se baseia na superioridade dos homens em detrimento das mulheres nas relações de poder e domínio. (Folter, n.d.)

a conhecemos, estes homens que adotam esta postura diante da vida criam novos valores e mesmo que estes valores não representem os seres humanos em sua totalidade, são adotados por uma quantidade cada vez maior de indivíduos que os seguem como bases para suas vidas.

O monstro já não se preocupa em fazer parte do humano, quer ser de outra espécie e reclama-se mesmo em fazer parte de um direito filosófico de ser um monstro, isto é, alguém insensível não apenas ao sofrimento de outros, mas ao seu próprio sofrimento. (Béji, 2004, pp.62-63)

Há no mundo atual um apelo ao niilismo³, a “perda do sentido” (Bindé, 2004, p. 21), um quadro que denota que os valores estão a desaparecer. Com as exigências da sociedade complexa, exigências económicas, intelectuais e psicológicas que circundam as sociedades, esta postura niilista pode surgir (ou talvez já exista) com os homens com sentimentos de vazio interior e sem reconhecer os valores humanos como cruciais para a vida equilibrada e justa em sociedade. E diante de tantas adversidades muitas perguntas dos homens ficam sem resposta, o que pode causar a incerteza moral e esta perda de sentido na vida, a somar inúmeros problemas psicológicos que afetam muitos indivíduos nos dias de hoje, com casos de patologias comportamentais graves, que estão inseridas em todas as áreas da vida, muitos destes indivíduos nas famílias, na escola, nas instituições laborais, na polícia e em outras esferas da sociedade, o que conduzem ao pensamento de que, além da perda de sentido, muitos estão a perder a “alma ” (gripo pessoal). É notório que a sociedade tem à sua frente um grande trabalho de reflexão e (re) construção coletiva, e dentro desta mudança as crianças

A humanidade clama por um tempo de mais solidariedade e fraternidade, com os conhecimentos universais compartilhados, assim como as culturas, num processo de troca harmónica e valorativa.

1.5. A Pandemia e a construção de novos valores

A internet e as redes sociais mudaram e continuam a mudar os comportamentos de várias gerações. De maneira positiva as oportunidades e novos negócios surgem em todo o Planeta, entretanto, reputações são criadas ou eliminadas nas vidas pessoais e instituições. Os ataques cibernéticos surgiram e amedrontam, além de prejudicar a nível pessoal e financeiramente . Além das

³ O niilismo é o conceito ideológico que tem um ponto de vista radical e cético diante das perspetivas da realidade eliminando qualquer tipo de ponto de vista baseado em princípios ou ideologias(Macedo, 2019).

inovações tecnológicas, outro ponto negativo, é o grave problema também de ordem mundial, e que conduziu as pessoas a repensar novas formas de viver em grupo – uma epidemia mortal, a Covid 19⁹, que dizimou a vida de muitos indivíduos, dilacerou famílias, forçou-as a adaptarem-se às perdas. Além de expor os indivíduos em sua fragilidade, que os deixou completamente vulneráveis e suscetíveis à contaminação, trouxe consigo a imposição de algumas novas posturas sociais, na tentativa de reduzir as possibilidades de contágio. A maneira como os indivíduos relacionam-se mudou durante o período maior de contágio, com novas regras sociais, e mesmo com as medidas de desconfinamento, A Covid-19 impactou os relacionamentos humanos que mudaram para sempre, principalmente no isolamento social e na utilização da internet e das redes sociais como forma de contato. Impôs o distanciamento social; o comércio, o lazer, as práticas religiosas, a vida escolar, a restauração, as atividades culturais, a dinâmica na política, estão envolvidos neste processo e instigaram (e ainda instigam em alguns países) autoridades a repensarem novas formas para fazer funcionar a engrenagem social principalmente nos países com maiores dificuldades económicas, políticas. Vivemos nos dois últimos anos a maior crise sanitária do século. Sobre as relações laborais, espera-se mais humanização do que sistematização. Assim concluiu (Filho, 2021) que algumas empresas e órgãos estão a trocar a missão pelo propósito. Com efeito, o propósito inspira e impulsiona as pessoas, à ação; a missão caracteriza o empreendimento e a visão destaca o nível que a entidade com ou sem fins lucrativos pretende alcançar. Empatia, solidariedade, paz, união, concórdia, justiça, são muitos dos valores necessários ao ser humano, e de antemão é possível afirmar que se houvesse mais empatia entre os adultos a humanidade não estaria com tantos problemas. Como diz um ditado popular, “o bem não procura sucesso” e os media não poupam a sociedade de estímulos pouco educativos e formativos que não induzem aos valores humanos.

É facto que a sociedade humana no seu todo procurou alternativas para vencer esta crise sanitária com novas formas de comportamento e com tratamento eficaz através de vacinas e difusão das mesmas nos países de menores posses. Todo este quadro gerou novos questionamentos e o confinamento social conduziu as pessoas a um imersão em seu mundo íntimo o que para muitos foi inovador e balsâmico pois proporcionou um mergulho em torno de si mesmo , um repensar em seus valores e metas de vida, e para outros revelou-se como um período conflituoso, estar fechado em seu lar, a olhar para si mesmo, reconhecendo seu limites, temores e avanços, ao mesmo tempo que o

⁹ A Covid-19 é uma doença respiratória aguda que pode agravar-se e em alguns casos levar à morte causada por um coronavírus identificado que é chamado de SARS-COV-2. A doença foi identificada em Wuhan, China e depois alastrou-se por todo o planeta. A forma de transmissão é de pessoa para pessoa por meio de gotículas e/ou tocar algo contaminado e que após a pessoa leve as mãos para o nariz, boca ou olhos. Os meios de proteção são o distanciamento social, o uso de máscaras, lavar sempre as mãos, álcool gel nas mãos e vacinação em três doses. (Tesini, 2021)

indivíduo forçosamente passou mais tempo também com sua família, facto que gerou aproximação para alguns e repúdio e desavenças para outros, inclusive com quadros de violência doméstica e separações conjugais. Os valores estão intimamente ligados à realidade e quando uma sociedade entra em crise, os valores também se encontram na mesma situação, pois estão condicionados à pessoa humana.

Refletir sobre os valores em sociedade que luta para sobreviver ao agravamento que a pandemia trouxe, diz respeito à relação dos indivíduos entre si, não é um empreendimento individual, mas coletivo. Portanto, trata-se de algo que traz consigo uma dimensão ética¹⁰. A ética é o campo dos valores. Por exemplo, cuidar do lixo produzido é uma atitude que visa manter o meio ambiente equilibrado, e o seu contrário, não dar o devido tratamento aos resíduos, é uma atitude não louvável, o que seria contrária à ética. Acontece que muitas vezes os indivíduos não sabem qual é a melhor maneira de agir, qual a postura mais correta dentro de uma ética coletiva, os valores confundem-se em meio aos interesses sociais. Um exemplo simples do quotidiano são as pessoas que literalmente “pulam” (grifo pessoal) portas das estações de metro para não pagarem um bilhete e neste caso, esta é uma postura considerada por muitos como errada, que foge ao comportamento ético, mas para os que a adotam, talvez seja correto porque julgam o valor dos bilhetes caros para a população com menos poder aquisitivo. Outro exemplo ocorre com relação às filas. Ninguém gosta de esperar em filas, mas a regra de boa conduta social e do respeito ao próximo solicita que cada um espere a sua vez. Porém, muitas vezes, as pessoas deparam-se com alguém que passa à frente dos demais para ser atendido mais rápido, um comportamento não ético.

Muitos exemplos poderiam ser dados, mas são apenas para ilustrar o que se quer dizer, que confundir o bem pelo mal não pode ser feito porque não se tratam de sinónimos. Isto pode ser caracterizado por uma crise ética nos valores, crise que permeia a sociedade humana.

Esta crise ética pode também ser percebida em tempos de pandemia. Os jornais por vezes noticiam pelo mundo os abusos de autoridade que muitas pessoas adotam quanto à aplicação da vacina, quando se aproveitam de circunstâncias e sujeitam-se à aplicação da dose vacinal antes de outras pessoas que tinham esta prioridade; os desvios de doses de vacina, sem justificação condizente

¹⁰ A ética é compreendida como uma qualidade de conduta que é desejável e esperada nas pessoas como resultante do seguimento e uso de regras morais que regem os comportamentos sociais. (Neme & Santos, 2003)

com as regras da Organização Mundial de Saúde (OMS)¹¹ e no caso de Portugal, a Direção Geral de Saúde (DGS)¹². Este egoísmo e falta de empatia com os outros denota uma inversão de valores do bem para o mau, no entendimento do respeito às necessidades que os outros têm em detrimento de condições precárias de vida, da idade avançada, de comorbidades adquiridas, de suas individualidades.

Na sociedade atual, que é estruturada pelo sistema capitalista, os aparelhos ideológicos gerem e conduzem as pessoas a serem consumidoras e preocupadas com seus recursos financeiros, com o ter, em detrimento do ser. Dois valores bem diferentes e porque não dizer, de sentidos opostos. Este consumo desenfreado deixa as pessoas materialistas e racionais ao ponto de tornarem-se pouco ou nada sensíveis aos problemas sociais, que beneficiem a coletividade. É conhecido o lema “cada um por si, que Deus cuida de todos” (dito popular, grifo pessoal). Cada um age em conformidade com seus valores pessoais, sem pensar no bem-estar do próximo. Desta maneira, faz-se necessário transformar o modo como as pessoas agem, e a forma é através do pensamento. A considerar que existe atualmente na sociedade, nomeadamente a Ocidental, uma possibilidade constante de enganar, de iludir grupos sociais em proveito de interesses de grupos económicos, é que os valores sociais revestem de uma atenção especial junto à educação das crianças e dos adolescentes.

No século XX muitas guerras e conflitos existiram, tanto no campo da ideologia como no campo de batalha (Neto de Carvalho, 1992). O autor explicita que ao longo dos anos, ações foram tomadas no rumo de implantar uma sociedade mais justa, igualitária e humana, e isto significa que os valores humanos estiveram à frente como um farol a guiar os homens de boa fé. Muitas medidas de ordem global foram adotadas que em muito contribuíram para o incremento de uma postura de vida voltada para os valores humanos, a saber:

Após a 2ª Guerra Mundial¹³, a Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁴, aprovou a Declaração Universal dos Direitos do Homem (DUDH)¹⁵, que considera a dignidade como intrínseca ao homem, e que todos tem direitos iguais perante a sociedade, direitos estes que constituem os princípios da

¹¹ A OMS é um organismo que está ligado às Nações Unidas, fundado em 07 de abril de 1948, direcionado para a saúde global, com sede em Genebra, Suíça. (Leitão, 2022)

¹² A DGS é um serviço do Ministério da Saúde, ligado à administração do Estado, mas que possui autonomia. Sua atividade centraliza-se nos interesses dos cidadãos, trabalha em sintonia com outros serviços e órgãos, especialmente os vinculados ao Ministério da Saúde. (SNS, n.d.)

¹³ A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito que já atingiu o mundo, no período entre 1939 e 1945 no qual mais de 60 milhões de pessoas morreram. (Neves, n.d.)

¹⁴ ONU é uma organização Internacional criada em 26 de junho de 1945 e formada por países-membros que tem por objetivo manter a paz e promover o desenvolvimento mundial. (Mereles, 2017)

¹⁵ A DUDH foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, com os documentos que contém os direitos considerados fundamentais para a vida do ser humano. (Freitas, n.d.).

liberdade, da justiça e da paz mundial e que o não cumprimento destes direitos acarreta ações de rebeldia, selvageria, aspetos que são revoltosos para a humanidade, conforme a própria declaração assinala:

A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos do Homem como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação universais e efetivos tanto entre as populações dos próprios Estados membros como entre as dos territórios colocados sob a sua jurisdição.(Unicef para cada criança Brasil, n.d.)

Posteriormente, foi redigido o Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (PIDESC)¹⁶ e o Pacto Internacional dos Direitos Cíveis e Políticos (PIDCP)¹⁷, que condensam alguns direitos específicos referenciados na DUDH.

O Conselho da Europa¹⁸ criou, em 1950, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem¹⁹, que veio garantir que muitos direitos estabelecidos na DUDH fossem de facto, legitimados quanto ao direito e a liberdade dos indivíduos e num regime democrático, justo e de paz;

Com a finalidade de reunir esforços para melhorar a qualidade de vida da população urbana e rural de todas as categorias populacionais, com vista ao bem-estar, foi elaborada a Carta Social Europeia²⁰ em 1961, que, imbuída dos melhores valores para o bom convívio social, direcionou suas ações em várias esferas: os direitos dos indivíduos, o trabalho, a segurança, a vida das crianças e dos

¹⁶ O Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais – PIDESC, é um tratado estabelecido pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 16 de dezembro de 1966 e que entrou em vigor na ordem internacional no dia 3 de janeiro de 1976, com o intuito de tornar a efeito jurídico e assevera que os estados-membro devem trabalhar para garantir os direitos económicos, sociais e culturais das pessoas físicas, incluindo saúde, educação e trabalho estabelecidos na DUDH, sendo que todos seus Estados signatários passam a ter esta responsabilidade.(Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Movimento Nacional de Direitos Humanos, & Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2000)

¹⁷ O PIDCP é o documento que integra a Carta Internacional dos Direitos Humanos juntamente com o PIDESC e a DUDH. Como a DUDH não exerce nenhuma força de lei, a Comissão de Direitos Humanos criou o PIDESC e o PIDCP para este fim. O PIDCP aborda assuntos como o direito à vida, à liberdade de expressão, à religião e a votação. O artigo 26 do PIDCP criou um Comité de Direitos Humanos das Nações Unidas, composto por dezoito peritos nos direitos humanos, com a responsabilidade de assegurar que cada signatário da PIDCP cumpra com seus termos.(Unidos pelos Direitos Humanos, n.d.)

¹⁸ Principal organização de defesa dos direitos humanos no Continente Europeu, criada em 1949. Integra 47 Estados -membros, dos quais 27 são membros pertencentes à União Europeia (Concil of Europe Portal, n.d.)

¹⁹ Importante instrumento de defesa dos direitos humanos adotada no Âmbito do Conselho da Europa em novembro de 1950 em Roma, para exercer o controle judiciário dos respetivos direitos humanos e para tal, instituiu o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (Direção Geral da Educação, n.d.)

²⁰ A Carta Comunitária dos Direitos Sociais Fundamentais dos Trabalhadores, de 18 de outubro de 1961, mais conhecida por Carta Social Europeia, foi subscreta por todos os Estados-Membros da Comunidade Europeia, à data, com exceção do Reino Unido. Numa Convenção, em Turim, nos dias 21 e 22 de 1991 foi adaptada e atualizada. A Carta Social Europeia Revista foi adotada a 03 de maio de 1996 em Estrasburgo A essência desse documento é assegurar às populações os direitos civis e políticos e as liberdades especificadas nos documentos citados. Os Estados-membros do Conselho da Europa comprometem-se a garantir às populações os direitos civis e as liberdades a fim de melhorar seus níveis de vida e seu bem-estar conforme especificações nestes documentos.(Dhnet, n.d.)

adolescentes no tocante à segurança e proteção, as mulheres que trabalham fora de seus lares, a formação de profissionais, a área da saúde, e os demais serviços prestados.

Todas estas medidas estão entrelaçadas entre si, e buscam a melhoria na qualidade de vida dos indivíduos e representam os valores humanos em ação. Todavia, mesmo assim, a sociedade está a caminhar a tal velocidade que o homem está a perder-se nesta caminhada. O trecho a seguir assevera esta análise:

O mundo, sobretudo o Ocidente, está a viver em plena feira, onde tudo se vende e tudo se compra. O que vende melhor é o mecanicamente, o automaticamente, o imediatamente. O próprio tempo foi redirecionado. O diálogo desinteressado entrou em desconfiança, a relação com o outro passou a ser orientada pela máxima de que "tempo é dinheiro". (Gama, 1991, p. 3).

Há também uma grande tendência à acomodação, as pessoas vivem inseridas em suas rotinas dentro da esfera familiar, no trabalho, e em outras esferas da vida, e cada vez mais o tempo é matematicamente preenchido por tantas atividades que pouco resta para contactos pessoais, os indivíduos voltam suas atenções somente para dentro de si quando certas questões são apresentadas como adversidades em suas vidas e que por isso importam, e na proporção em que os indivíduos interpretam as adversidades através de suas concepções de vida e de uma linguagem aprendida no grupo social, herdada de geração em geração, é que percebem o quanto estão intrinsecamente ligados ao coletivo, à modernidade que é atualmente tão criticada por trazer tantos problemas. Sobre a modernidade, segue-se a seguinte afirmativa:

A modernidade mostra-se como conjunto complexo de valores ou fontes morais que determinam os padrões de comportamento que observamos no cotidiano.

(...) São conceitos, categorias, descrições, ou seja, toda uma linguagem moral subjacente em que assentamos os alicerces das obrigações morais que reconhecemos. É nesse sentido que podemos dizer que a modernidade forja nossa identidade. E que nossa identidade se encontra inextricavelmente associada à moralidade. (Nigro, n.d., n.p.)

Neste contexto, as ideias e propósitos defendidos pela educação e empreendidos pela sociedade são, dentre muitos outros, respeitar a vida de cada povo e os seus direitos, desenvolver a autonomia do

indivíduo a nível pessoal e grupal, a igualdade de oportunidades, a imparcialidade, na qual todos são iguais perante os direitos humanos. Ademais, a dinâmica escola e sociedade faz com que surjam novos valores, únicos e distintos que se chocam aos já existentes que passam a ser ultrapassados e desatualizados e isso cria nas mentes humanas dúvida, inquietude, medo, irritação e insatisfação, além da insegurança e a “perda de sentido do passado e de perspectiva de futuro, de vazio existencial.” (Aurea-Tardeli, 2009, p. 3)

Todo ser humano é livre por natureza, e esta liberdade é traduzida como seu livre arbítrio que é o pilar dos homens para sua capacidade de autodeterminação individual e coletiva, mesmo que em hipótese, o domínio do homem sobre esta capacidade fosse total, como se o indivíduo fosse capaz de agir conforme seu código moral sem nenhuma ligação com as demais ações de outros indivíduos de sua coletividade. Então pode-se afirmar que o homem não age sem motivo, ele sempre tem alguma intenção por trás de sua ação. Não existem ações puras, neutras de vontade humana, desconectadas de um caráter forjado pelas necessidades e do ambiente em que os comportamentos se desenrolam. Assim sendo, sustenta-se que o conhecimento que as pessoas têm surgem de todas as formas e lados, no tempo e no espaço, e para que uma pessoa mude de ideia, que mude seus valores, faz-se necessário que algo mude de dentro para fora de si, através de estímulos, que podem ser livros, ofertas, descontos, propagandas, promoções, acontecimentos, uma conversa dirigida, dentre inúmeros caminhos. Isto representa uma justificação para que cada vez mais pessoas e grupos de pessoas, agências e grandes grupos económicos andem à procura de uma maneira de influenciar os demais, em prol de algo que é julgado (na ótica do influenciador) como conveniente e o caminho melhor. Mais uma vez o mundo apresenta-se numa crise para o indivíduo que embarca neste redemoinho de valores e contravalores. Portanto, cabe aqui ressaltar a máxima: há uma crise de valores no mundo.

O que move os seres humanos, então? São movidos por seus valores, mesmo que diluídos nos valores coletivos. O individual funde-se com o coletivo e todos procuram motivação e satisfação, mesmo que muitas vezes ela seja ilusória ou passageira. Todos vivem de certa forma, soltos, feitos “brisa no mar” (uso pessoal das aspas), abandonados numa realidade culminada de incertezas, de temor pelo que possa acontecer. São, então, conduzidos a agir sempre com alguma desconfiança de quem está ao seu lado e das pessoas que estão no topo do poder, os dirigentes políticos, que regulam as regras sociais de comportamento.

A Comissão Europeia²¹ deliberou ações para efetivar o Pilar Europeu dos Direitos Sociais. A realização deste pilar, em novembro de 2017, é resultado da união de forças das instituições da União Europeia²², de autoridades nacionais, das diversas regiões e de locais, de associados e da sociedade civil no seu todo. Acerca dos valores, há 20 pressupostos em seu Pilar que formam o painel de orientação rumo a edificação de uma Europa em que reine a justiça, a inclusão social, e que haja uma fonte de oportunidades para os povos.(Comissão Europeia, 2017). O capítulo um versa sobre o valor da igualdade, entre os homens e as mulheres, igualdade no mercado de trabalho e na educação. O segundo capítulo compreende o valor da justiça, na busca por trabalhos mais prósperos e bons salários (muito embora ainda existam diferenças grandes entre muitos países).

Percebe-se nitidamente a intenção de investir nos valores humanos, como diretrizes que norteiam a vida em sociedade, permeada de boas intenções e ações que dignifiquem os indivíduos e as organizações, com vistas a uma vida mais próspera, mais humana e igualitária, valores que são traduzidos em direitos sociais.

Quais os valores que devem emergir nesta era moderna? A culpa desta crise de valores é dos homens, mas as soluções também passam pelas mesmas mãos. Não há como culpabilizar um fator externo. À medida que o homem perceber que a responsabilidade de sua vida depende dele próprio, por mais influências que ele receba em seu grupo social, por maiores que sejam os problemas a enfrentar, sejam de ordem económica, política, social, sanitária (como a pandemia), familiar ou pessoal, surge a triste consciência infeliz do homem moderno.

Ademais, resta citar a sociedade civil como um todo, na qual a criança está inserida que da mesma forma transmite padrões de comportamento, normas e regras sociais, educando as crianças em associação indireta com a Família e a Escola, as maiores responsáveis pela formação da personalidade e do caráter da criança, e que podem ensinar-lhes valores humanos sólidos que ela levará para o resto de sua vida.

²¹ A Comissão Europeia é uma equipa de 27 comissários, chamado "Colégio" um de cada país constituinte, formada em 1958 com o objetivo de defender os interesses da EU e zelar pelo cumprimento do Direito Europeu, através de propostas legislativas e a execução da legislação, das políticas e do orçamento da União Europeia. A sede da Comissão Europeia fica em Bruxelas, Bélgica. De cinco em cinco anos, é nomeada uma nova Comissão. A atual presidente é Ursula von der Leyen.(União Europeia, n.d.)

²² A União Europeia (UE) é uma grande organização, económica e política formada por 27 países da Europa (o Reino Unido saiu da EU em 2020), que surgiu com a intenção de formar um mercado único também intitulado de mercado interno, para que os países dependessem uns dos outros e assim reduzir o risco de conflitos, contudo as relações evoluíram e atualmente a organização tem uma enorme amplitude de intervenções, que estende-se desde o clima, o meio ambiente, a saúde, as relações externas, a segurança internacional, a justiça, a migração. Foi criada em 195, inicialmente com seis países, com o nome de Comunidade Económica Europeia (CEE) mas em 1993 passou a chamar-se União Europeia (EU), o que expressa a evolução da própria organização.(Comissão Europeia & Direção Geral da Comunicação, 2021)

1.6. O contexto valorativo dos adultos e o reflexo na formação das crianças

No decorrer do século XX os indivíduos sobrevalorizaram uma busca pela felicidade e associado a isto a satisfação do prazer e o gozo da liberdade. O que ficou esquecido ou posto de lado foi o estado de alerta para a responsabilidade quanto ao modo como esta busca era e é feita: o desprendimento em algumas áreas da vida para os mesmos indivíduos assumirem esta tão almejada liberdade e prazer individual. Contudo, não é possível falar de liberdade do indivíduo do ponto de vista literal. Segundo Neto de Carvalho (1992), a liberdade é a capacidade do indivíduo de movimentar-se dentro dos vários sistemas com os que encontra-se a confrontar, através do conhecimento e das leis sociais. O indivíduo não conhece as leis dos sistemas, e se ele quiser gozar de uma capacidade maior de ação tem de conhecê-las. Neste sentido, se o indivíduo for ensinado desde pequeno no seio familiar, e depois na escola, aprenderá muitos valores, que mais tarde, os ajudará a movimentar-se dentro da sociedade com mais consciência. Assim, são os valores, orientam as ações dos homens, e obviamente, orientam as crianças no conhecimento, interiorização e na ação.

Há de se destacar que numa sociedade dominada pelas operações financeiras e de mercado, onde o próprio indivíduo é um objeto de compra e venda, é essencial que este indivíduo aprenda a atribuir valores para si mesmo, valorizando o que ele é ao invés de que ele tem. O que o indivíduo possui em sua essência é o que de mais singular ele tem para oferecer aos demais indivíduos em seu grupo social. No ecossistema humano²³, esta é a realidade corporal, sensorial e cultural que de forma alguma pode ser convertida em algo para comprar e vender. De facto, contrariamente a esta ideia, o que o indivíduo é, representa em algo único que ele precisa e deve partilhar (Restrepo, 2004)

Certas reações como a segurança, a autoestima e a capacidade de autodeterminação que o indivíduo adulto demonstra no convívio social, são respostas aprendidas, valores absorvidos e interiorizados desde a infância, daí a importância de aprender valores humanos desde a mais tenra idade. Este indivíduo busca suprir a sua insegurança com o desejo forte de possuir, sejam objetos, roupas com etiqueta da moda, aparelhos cada vez mais modernos e potentes, numa tentativa de se impor sobre os demais de seu grupo, revelando uma relação interpessoal marcada pela competição atroz. Este sentimento de ambição é um contravalor encontrado na atual sociedade humana.

²³ Ecossistema é a convivência de seres bióticos (seres vivos) com abióticos (não vivos) dentro de um mesma região (Correia, n.d.). Entretanto, o texto faz alusão ao ecossistema humano do corpo do ser humano, constituído de células do ADN e milhões de células microbianas que convivem entre si.(Lima, n.d.)

Na sociedade contemporânea, numa perspectiva de ecologia humana, Restrepo (2004) reflete que é urgente equilibrar a presença de mais diálogo e trajetórias por onde os valores permeiam, abrindo campo na vivência interpessoal. Quanto mais diálogos lúdicos (informais) forem estabelecidos entre os indivíduos de uma sociedade, nas relações de trabalho, na escola com as crianças, nos momentos de lazer, nos meios de comunicação, muito maior a possibilidade de alicerçar uma rede afetiva dentro da sociedade, uma rede mais tolerável, harmônica, com mais confiança, entre seus membros, com cordialidade, autoconfiança, disponibilidade, sociabilidade, valores estes que vão ao encontro com uma vida de mais qualidade. Esta dimensão lúdica é ensinada, aprendida e vivenciada na escola, em aprendizagens que podem alicerçar a formação de crianças em adultos mais preparados para a vida.

Na contramão da perspectiva acima citada, surge um problema que é o cerne de muitos acontecimentos prejudiciais ao homem, tanto a nível individual como social, refere-se ao desrespeito ao próximo, um contravalor que implica em outros valores negativos e que impede novas oportunidades para resolução de conflitos no âmbito nacional e no cenário internacional. É de extrema importância permitir a redefinição das relações entre os homens a partir dos valores como a empatia, a paciência, a benevolência, a consciência, o equilíbrio, a humildade e a justiça. Sublinhe-se ainda que a vivência da ternura, um valor pouco estimado e ainda pouco vivenciado, que é tido por muitos como algo que enfraquece a postura de indivíduos que carregam dentro de si a arrogância, incompreensão e revolta, uma postura de divisão, e o desejo de vencer acima de tudo, representa um elemento de proteção social, e que uma vez aprendida na infância, vivenciada em variados momentos promovidos no âmbito escolar, pode servir como uma diretiva ética, uma tática para encontrar caminhos rumo à resolução de problemas, preservando aquilo ou as coisas que os indivíduos mais gostam e valorizam.

Ainda sobre as relações interpessoal e intrapessoal ²⁴, Restrepo (2004), assinala que na direção da composição de um cidadão livre, que tenha o auto respeito e respeite os outros, é imprescindível a compreensão que a ternura não é somente uma necessidade humana, mas precisamente um assunto político e que ter este valor como premissa gera uma postura empática; ao agir com ternura os indivíduos têm a possibilidade de educar as crianças para a democracia e para a convivência respeitosa e mais humanizadora.

²⁴ O relacionamento intrapessoal é também denominado de inteligência intrapessoal é a relação que o indivíduo estabelece consigo próprio, com seus pensamentos, sentimentos, temores e desejos e fundamenta-se no autoconhecimento. A relação interpessoal é aquela que o indivíduo mantém com os outros, na capacidade de interagir bem e de forma equilibrada com o próximo. (Brasil Assessoria, n.d.)

Na sociedade humana, cada vez mais mecânica, industrial e digital, na qual todos os dias surgem situações das mais trágicas, nas quais os contravalores insistem em dominar as relações e circunstâncias de desrespeito, imposição de ideias, ações ilógicas e egoístas, exploração e autoritarismo, injustiça e agressividade, sentimentos de abandono e desapontamento, criar ambientes e momentos de ternura significa aceitação de momentos partilhados, um impulso para a fraternidade entre os povos, e compete a este indivíduo “consciente” contribuir para a formação da personalidade infantil, não somente os indivíduos profissionais de educação, mas indivíduos familiares, indivíduos na comunidade, indivíduos no lazer, indivíduos nas igrejas e templos, indivíduos espaços desportivos, indivíduos nos centros culturais, enfim, adultos que fazem a sociedade em sua totalidade, afinal, a sociedade é feita de adultos em todas as fases de sua vida, a infância, é a primeira de todas, e especificamente até o primeiro ciclo, as crianças estão sedentos de novos conhecimentos e portanto ávidas para a aprendizagem dos valores.

Como acima exposto, os valores humanos encontram-se permeados nas ações dos seres humanos, em todas as instâncias da sociedade. Pergunta-se, quais os valores condizentes com a sociedade moderna? Valores referentes ao íntimo do homem, a consciência, a alegria, a tolerância, o altruísmo, ou valores relativos ao social, como o progresso, justiça, igualdade, liberdade? Assevera-se que todos os valores são pertinentes ao desenvolvimento individual e social. Entrelaçam-se como um conjunto de referências que podem e devem ser aprendidas e exercitadas pelos indivíduos a nível pessoal e social para o bom convívio e bem-estar no quotidiano. Estes valores moldam e estruturam a identidade do homem, e fundamentam seu caráter, processo que é refletido na própria sociedade na qual ele pertence.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (Artigos Nacionais, 1995), adotada pela Organização das Nações Unidas²⁵ em 1948, em seus trinta artigos detalha uma série de direitos que o homem tem ao seu dispor nas diversas trajetórias que ele escolhe no percurso de sua caminhada, dentro de seu grupo social. São direitos que salvaguardam a sua liberdade integral, princípio basilar para agir com autonomia nas decisões rumo às soluções dos conflitos que surgem constantemente ao longo da vida, conflitos que interferem negativamente no equilíbrio da sociedade. Tais direitos abrangem uma vasta amplitude de aspetos nos quais destacam-se: Direito de viver e de ser livre, contudo, se o indivíduo enquanto criança, não tiver a oportunidade de conhecer este valor, através de

²⁵ A ONU é uma organização internacional criada em 1945, inicialmente com 51 países, e atualmente composta por 193 estados-membros, com o objetivo de conquistar a paz, a segurança e o desenvolvimento mundial. (Mereles, 2017)

experiências ricas que promovam a tomada de decisões, seguirá em adulto com dificuldades de agir de maneira autónoma; Direito a ser protegido pelas leis, sendo importante que os adultos reflitam sobre estas leis, e se as mesmas estão em consonância com as necessidades sociais. O direito ao voto por exemplo ajuda a legitimar a escolha de ideologias que justifiquem o tipo de ordem social que se almeja. Faz-se importante que os encarregados de educação e educadores, criem momentos junto às crianças para conhecer o sentido da necessidade de regras, como premissa para uma organização interna do grupo ao qual pertencem, da importância de elaborar normas que regulem o bom funcionamento da estrutura interna do ambiente escolar, no sentido de justiça, enquanto valor que pode promover igualdade ou acentuar desigualdades, a depender do ponto de vista adotado; Direito de pensar com autonomia, de agir conforme sua consciência e de ter sua crença de acordo com sua ideologia. No período de sua escolarização, cabe aos profissionais de educação e em especial aos professores, manter uma postura de respeito à individualidade do aluno, por exemplo, como expressa sua religiosidade, de acordo com os preceitos de sua família. Este valor que tem seu desenvolvimento no seio familiar, é mantido na escola e em outros setores da vida da criança, de maneira que a mesma possa sentir-se livre em sua manifestação; direito de ter suas próprias opiniões, de poder expressar-se independente da opinião dos outros. A escola é o melhor ambiente para o desenvolvimento da oralidade da criança, e ao provocar discussões em sala de aula por exemplo, conduz a criança a pensar de acordo com sua visão de mundo e de manifestar suas ideias acerca do mesmo; direito à segurança social, com a possibilidade de reivindicar direitos económicos, que a satisfaçam, assim como direitos sociais e culturais que contribuam na formação de sua personalidade. A escola como mecanismo social, no uso de sua autonomia, pode reivindicar mais apoio às crianças, nomeadamente as mais desfavorecidas, e aquelas que necessitam de mais atenção durante o processo de aprendizagem, formar parcerias que a ajudem neste processo, e promover ações que guardem os direitos das crianças, o respeito para que elas possam sentir-se protegidas e seguras, sendo a proteção e a segurança traduzidos pelo valor de cuidar, sempre emergente quando se trata dos pequenos; Direito de trabalhar, e de acima de tudo, escolher sua área de trabalho, com condições salútares no exercício da profissão, de receber uma remuneração equitativa e a ser protegido contra o desemprego. Neste direito, a criança pode aprender sobre o valor do trabalho, dos tipos de funções existentes e da liberdade que ela terá de escolher uma área de atuação e aprender a exercer determinadas funções através de oficinas dentro da escola que a ajudem e conhecer um pouco desta realidade; Direito a uma vida saudável, e aqui no que se refere à criança, direito para si e sua família à saúde, ao bem-estar e satisfação de viver bem, no que concerne às suas necessidades básicas quanto à alimentação,

vestuário, moradia, e cuidados médicos e demais serviços. Infelizmente milhares de crianças não tem este direito garantido para suas vidas.

Vale frisar que, a ampla gama de direitos enumerados e defendidos para os 193 países que fazem parte das Nações Unidas, na realidade não é igual para todos, nos países mais pobres, do terceiro mundo, a realidade social é bem diferente da realidade idealizada nos princípios que regem a DUDH. A distância é gritante. Os indivíduos iludem-se pelas vias fáceis e muitas vezes não tão corretas que o dinheiro e o lucro oferecem, pelo poder, pela necessidade de autoafirmação do que pela solidariedade pelo espírito de fraternidade, pela empatia, pelo respeito à dignidade do próximo, valor muito defendido nos documentos e nos discursos, e isto significa que na escala de valores a dignidade encontra-se num patamar muito baixo sem ter a relevância que necessita. É pertinente perguntar porquê o mundo não consegue viver, na prática, este valor, a dignidade? Uma explicação pode ser encontrada em Neto de Carvalho (1992, p. 113), cuja resposta está no homem, “Precisamente porque os homens procuram satisfazer prioritariamente as suas necessidades, vão tentar defender os seus interesses até ao ponto que lhes for possível.”

Na sociedade atual e inclusive nos países que mais prosperam, não existe a concretização efetiva de todos estes direitos, uma vez que os níveis de vida dos indivíduos são díspares, as realidades sociais são desiguais, as necessidades e os valores humanos divergem consoante o estágio evolutivo dos homens, e com isto a capacidade da população de participar e interferir nas decisões políticas também variam em vontade e intensidade, sendo que esta evolução revela a sintonia com as necessidades reais e o que precisa ser feito para mais organização, progresso e bem estar dos povos, onde os valores humanos imperem para a dignificação de uma sociedade melhor para os homens de boa vontade, rumo a um projeto societário adulto valorativo digno e justo para que as crianças possam espelhar-se na postura dos adultos e segui-los como bússolas no caminho da vida.

1.7. Valores humanos, moral e ética e a formação da criança

Moral e ética são termos que as pessoas confundem a tal ponto que atribuem significados sinónimos para ambos os conteúdos, e tal semelhança tornou-se comum nos dias de hoje. Mas há distinções entre os dois termos. A moral são os princípios, as normas, os hábitos e costumes em que se baseia uma sociedade. A moral muda conforme o período e a geografia, pois os hábitos transformam-se com o passar do tempo, e conforme o local onde existem. Muitos fatores influenciam a moral de um lugar: a presença ou ausência de uma religião e a maneira como os moradores vivem sua

religiosidade, como vive um determinado grupo social, o acesso que este grupo tem às informações globais, e o modo como tais pessoas utilizam estas informações em seu benefício ou em benefício do coletivo. A moral é expressa através de regras que proíbem ou autorizam os indivíduos a agirem dentro da sociedade.

Em termos de estudo, a moral pode ser objeto de análise científica, uma vez que é possível investigar como era a moral ao longo da história (tema específico da História), o entendimento das condições sociais que favoreceram estes sistemas morais (trabalho da Sociologia) ou pode-se ir à procura de descobrir quais são os processos mentais, que ocorrem dentro da mente humana e que influem para que as pessoas os validem e os legitimem (trabalho da Psicologia), e todo este processo reflexivo por qual o homem passa, este processo de reflexão filosófica e da ciência, é o que se denomina ética. (LaTaille, 2006).

Em outras palavras, todos os indivíduos entendem que precisam seguir regras de convivência para que a vida em sociedade seja mais organizada e harmoniosa. Desde que o indivíduo nasce, ele aprende diversos valores na família, na escola e no convívio com os demais indivíduos para que consiga seu bem-estar social e felicidade. Todas estas regras de comportamento social são definidas como moral, baseadas em valores e princípios que norteiam as variadas sociedades. Assim como as relações sociais, estes valores e diretrizes necessitam ser refletidos, face à constante transformação do homem e da sociedade como um todo. Este pensar e repensar dinâmico que os indivíduos fazem é denominado de ética.

Muitos indivíduos vivem sua rotina diária sem a reflexão ética sobre suas ações. A grande maioria segue as regras sociais, ditadas para um convívio mais tolerável ante as diferenças entre as pessoas, e quando estas regras são transgredidas passam por sanções socialmente organizadas, pois toda sociedade humana tem uma moral a ser seguida, com seus valores embutidos que fundamentam as ações humanas. Todavia, cabe não somente aos estudiosos e filósofos, mas a todos os indivíduos, refletir sobre esta moral, que evolui no tempo e no espaço, assim como os valores humanos, que os revestem.

Outro enfoque não menos importante, reside na liberdade que rege os indivíduos e que em Portugal, é garantida na Constituição da República Portuguesa, em seu preâmbulo:

A Assembleia Constituinte afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno.(DRE, 2022b)

Tal como está redigida, a Carta Magna expressa que todos são iguais perante a lei, dotados dos mesmos direitos e deveres. A questão a ser levantada remete-se à necessidade dos adultos ao assimilarem seus códigos de conduta, com base em seus princípios de vida e valores, exercerem na prática aquilo que defendem no campo das ideias, pois enquanto os pensamentos se encontram no discurso oral não passam de teorias, mas a relação entre o que se diz e o que se pratica precisa estar em estreita ligação, do contrário não passam de palavras soltas ao vento. E especialmente, estas condutas dos adultos devem também traduzir os seus valores, e se não for assim, como será possível educar as crianças, de forma confiante, sem exemplos verdadeiros de uma prática raciocinada? A coerência aqui é a chave mestra deste processo educativo. LaTaille (2006), assinala que existe a moral nas relações públicas e nas relações privadas. Para as relações privadas encontra-se o conceito de moral, como por exemplo os comportamentos familiares, ditos satisfatórios para os pais e educadores na relação com as crianças, e a ética seria destinada àquelas posturas que estão para os comportamentos sociais, em ambientes públicos. Para tal justificação, alguns exemplos podem ser citados, a saber, os códigos de ética, os comités de ética, a ética no lazer, a ética na justiça, o código de ética na escola, dentre inúmeros exemplos. Esclarece ainda que a ética estabelecida para um setor, é válida para outro, como agir com respeito que é válido para as duas esferas.

Se a moral lembra regras a cumprir, a imposição de comportamentos sobre alguém se refere a padrões de comportamento em relações públicas ou privadas, assim, o autor aprofunda-se nesta temática, sendo um dos maiores estudiosos neste assunto, não sendo o mérito deste trabalho aprofundar o tema. Por certo, o desenvolvimento ético e moral do indivíduo ainda criança, perpassa os valores que são ensinados dentro da sociedade, no seio da família e na escola, os dois maiores ambientes socializadores e de aprendizagem para a criança.

Como já foi abordado, a sociedade avança nas relações sociais e políticas, tornando complexas as vias de comunicação na política, nas mídias, nas relações de poder, nas relações sociais, e mesmo

diante dos avanços, inclusive nos direitos humanos, tais relações tornam-se cada vez mais agressivas, egoístas, individualistas e em muitas situações até sádicas, como se a dor alheia fosse prazerosa para alguém. Ainda sob sua análise, dentro da família e da escola a crise moral e ética acontece, e hoje em dia é comum, encontrar a família e a escola num “vai e vem” (grifo pessoal) de responsabilidades, cada uma transmitindo para a outra esta missão de formar e educar as crianças dentro da moral e da ética, como se ambas não fossem corresponsáveis nesta sementeira.

É notório que os seres humanos estão a enfrentar uma crise ética, no sentido de se perguntarem que vida querem para si, pelo que vale a pena viver, o que realmente é importante na vida, e estas indagações refletem em comportamentos morais e nos valores que as pessoas escolhem como seus princípios de vida. Esta crise de valores, de questões morais e éticas, tem relação direta com os contravalores sociais, como exemplos a agressividade, a violência, a impaciência, a rigidez emocional, o individualismo, etc., porque cada um pensa e age de acordo com suas vontades, ideais e propósitos para satisfazer-se pessoalmente, mesmo que para isso tenha que sobrepor-se aos outros ao seu redor, manipulá-los, e até prejudicá-los, seguindo aquele dito popular, “os fins justificam os meios” (ditado popular, grifo pessoal).

Esta crise acima citada interfere em todas as instâncias da vida, nomeadamente na família e na escola. A sociedade, através dos seus mecanismos de controle, atribui responsabilidades que são para todos, e no que se refere aos cuidados com a formação integral das crianças sendo esta da responsabilidade de todos, nenhuma instância pode ser excluída, uma vez que os pequenos indivíduos não sabem se proteger e nem gerir suas próprias vidas. A questão é que o adulto de hoje provém de um passado em que a moral e a ética tinha outra tradição, muito marcada por proibições, castigos e uma educação voltada muito mais para a adaptação do homem do que para a liberdade e transformação. Os adultos precisam saber administrar suas vidas, o que querem para o hoje com vistas no amanhã, numa vida que é válida para si e especialmente pelos que ainda hão de crescer, foco deste estudo. Se não tiverem de forma clara esta percepção da realidade, serão difíceis e problemáticas as suas contribuições para a formação das crianças. É importante que a sociedade humana perceba que a moral precisa ser entendida e aceite por todos como um conjunto de prescrições e orientações que fazem um sentido, que significam algo para os indivíduos, e no caso dos pequenos cidadãos, é preciso traduzir esta moral em palavras e exemplos que formam também um todo inteligível e claro para suas realidades, e que possam ter várias oportunidades de refletir sobre

suas ações, para que saibam fazer escolhas e assumir as consequências pelos seus atos, numa ação dialética como a dinâmica da vida.

Os pais e educadores precisam ensinar bons valores aos pequenos, a partir de ricos exemplos de comportamentos e de conhecimentos que valorizam a vida, para que as crianças possam espelhar-se com boas referências durante seu crescimento e quando forem crescidas tenham uma postura condizente com um projeto salutar de vida para si e para a sociedade, e que possam agir moral e eticamente conforme seus valores humanos.

Pertinente ao desenvolvimento da criança, ela está sempre a aprender, pela observação, pela escuta, pela conversa, pelo ensaio e erro, pelas brincadeiras, pelo faz de conta e todo este conjunto de ferramentas está à disposição da escola atual, que pode promover e em muitos casos, já promove, um processo de ensino e aprendizagem na ótica dos valores humanos. Esta nova maneira de encarar as crianças tem fomentado nas escolas pelo mundo grandes ideias, projetos escolares e de áreas afins muito interessantes para o desenvolvimento moral e social da criança.

A constatação que é de conhecimento de todos o facto de que além da família, e concomitante a ela, as crianças constroem seus valores com ajuda da escola, é válido também salientar que são vários os elementos que influenciam neste processo, dentre eles, a religião, os amigos, a cultura, os meios de comunicação. Quando as crianças são inseridas na escola, devem construir junto com seus professores princípios básicos referentes aos valores humanos, assim elas terão oportunidades de conhecer a importância dos elementos para uma sociedade ética, onde o respeito seja um valor mestre.

Sabe-se que a qualidade do relacionamento que se estabelece com a criança, é um dos determinantes da qualidade de relacionamento que essa virá a desenvolver com os amigos, pais, professores, enfim, com as pessoas de seu meio social. Se o relacionamento for pautado em respeito mútuo, a criança perceberá a necessidade de respeitar as pessoas com as quais convive, Porém, respeitar a criança não passa por deixá-la livre para fazer o que bem lhe convier. (Ruiz, n/d., p.1)

Se todos estes meios favorecem as relações sociais, sublinha-se que tanto a fisiologia, a genética, quanto o meio ambiente influem para a formação da personalidade, da criança, sendo esta

um agente ativo em seu processo de formação. Todas as relações sociais sejam desenvolvidas por adultos, por adultos e crianças e por crianças e crianças, estão interligadas, formando um todo social. Estes pequenos atores sociais, que hoje são sujeitos de suas histórias, tem um papel ativo na construção de valores e normas de conduta a partir do momento em que são convidados à participação. Um fator que é importante sempre ser visto e revisto, é a qualidade do meio em que as crianças estão a se desenvolver, e quais relações sociais estão a ser geradas deste meio.

1.8. Os Valores Humanos na Educação

As tendências no campo educativo caminham paralelo ao tempo histórico dentro de cada sociedade. Na Grécia e Roma Antigas, a política era o tema mais emergente na sociedade, e a escola tinha por função educar as crianças para serem adultos preparados para debater intelectualmente estes assuntos; neste sentido, vigoravam valores como a expressividade, a assertividade, a convicção, a determinação, e o diálogo, que reconhece na fala um momento de interação, em busca de um acordo, mas a participação das crianças neste processo era passiva. Já a Idade Média tinha como foco central a religião, visto que as habilidades políticas perderam espaço para a influência do catolicismo, onde a Igreja detinha o poder sobre a educação, ao ensinar às crianças o latim e o ensino religioso, a modalidade de educação que imperava na sociedade era a educação autoritária, considerada normal dentro da sociedade. Neste período, somente a família cuidava da moral e dos bons costumes das crianças, que aprendiam a partir das relações estabelecidas com seus membros familiares, enquanto à escola era dada a função mestra de transmitir conhecimentos, como se a criança chegasse à escola num vazio cognitivo e experiencial, sem nenhuma bagagem de conhecimento. Com a evolução da Pedagogia²⁶, muitos valores foram repensados e nos dias atuais a escola encontra-se cercada de indagações acerca de sua real missão junto às crianças. Na perspectiva dos valores humanos, a escola exerce um papel fundamental para formar um sujeito ético.

No desenvolvimento da educação, a escola tem a dupla função: a de informar, fornecer conhecimentos gerais sobre a vida, e a de formar, dar continuidade ao processo de formação da personalidade infantil, iniciado pela família, mesmo que a criança ainda seja recetora das atividades desenvolvidas, em ambas as instituições, portanto, a instituição educativa informa no sentido de instruir e forma no sentido de construir.

²⁶ Ciência de educar as crianças que surgiu na Grécia Antiga, cuja palavra significa *paidós* (criança) e *agogé* (condução). A missão do pedagogo é mediar, dinamizar e promover o desenvolvimento do potencial humano (Ramiro, n.d.)

É de conhecimento coletivo que os objetivos da educação são responsabilidade do Estado, através da escola e de outras instituições afins, quanto à importância de favorecer o desenvolvimento infantil, na promoção de uma boa educação. Independentemente do período histórico ou localização geográfica, esta verdade é inquestionável, os adultos sempre serão o referencial da criança na construção de elementos constitutivos de sua personalidade. E em sua organização interna, compete ao adulto o ensino de saberes teóricos, de conhecimentos acadêmicos e práticos, nas mais variadas áreas da vida humana, pois somente assim seus crescimentos motores, cognitivos, sociais, emocionais e éticos serão aprimorados. E dentro de todo este cenário, os valores humanos representam uma diretriz para ajudar na construção do ser integral, pleno em suas competências e habilidades consciente de suas responsabilidades e sabedor de suas possíveis consequências, uma vez que o próprio contexto social faz parte de sua vida, como se o indivíduo e o social fossem um todo único.

Se os adultos precisam estar constantemente a reinventar-se, a buscar a adaptação e ajustamento social, a rever seus valores diante das adversidades da vida, como ficam as crianças diante de tantas transformações? Quais os valores que podem alicerçar seus princípios, sua postura, suas atitudes, especialmente nos momentos mais desafiadores e que lhes devem ser ensinados? Cumpre dizer em resposta que os conceitos de justiça, solidariedade, esperança, fraternidade, motivação e paz, dentre outros valores são essenciais aprender na escola institucional e na escola da vida.

As crianças de ontem não são as crianças de hoje, e a escola não é a mesma. A escola com seu papel ímpar, cresceu em qualidade, nos países desenvolvidos, e mesmo nos países em desenvolvimento muitas escolas conjugam o binômio educar e cuidar com excelência, realizando propostas pedagógicas e projetos fantásticos com grandes resultados ainda que existam fatores de risco que dificultam o êxito pleno. Como recurso pedagógico, a escola utiliza principalmente em turmas menores a brincadeira, perpassando os conteúdos com o ensino de atitudes e princípios. Neste manancial de possibilidades, a escola é protagonista e tem as condições para promover uma educação em valores humanos, corroborando mais beneficentemente com as crianças oriundas de famílias multidesafiadas, quando seu responsável não tem tempo para dar a atenção necessária aos filhos, quando há problemas de desajuste emocional na família, violência doméstica, etc., e muito menos para comunicarem-se ao nível de suas crianças. Em alguns casos, não há sequer interesse pela vida da criança, por seu crescimento, descobertas e temores. Diante da sociedade atual, faz-se necessário que cada vez mais escolas abracem o firme propósito de produzir uma metodologia de ensino que haja

de maneira preventiva, na educação de valores éticos e morais, na formação consciente do indivíduo que reflete e atua com ética diante de situações conflitantes, que exijam dele uma gama de princípios e valores que norteiem suas decisões. Esta postura reflexiva é muito importante para os indivíduos (re)pensarem a sociedade, uma vez que a reflexividade não é um traço pertencente aos estudiosos e especialistas. e isto possibilita assim conceber os valores por outro ângulo, uma ótica positiva, de que todas as mudanças que surgem no cenário social não são porque os valores estejam em crise, mas como possibilidade de evolução, ao invés de representarem um fim avassalador e, do exposto, decorre inexoravelmente que a sociedade é um organismo vivo que está a ser constantemente na esfera do pensamento individual e coletivo, assim configura (Flecha & Tortajada, 2000, pp. 25-26)

Pesquisas na área da Psicologia e Educação e os meios de comunicação noticiam que a maioria dos adolescentes hoje não aceitam seus corpos, sua situação financeira e não possuem saúde emocional, são frágeis emocionalmente. Valores algumas vezes deturpados por brinquedos, filmes e modismos aos quais eles têm acesso sem um cuidado e uma atenção mais especial dos seus pais e educadores. É necessário que os pais e educadores tenham a preocupação de promover valores tanto na educação formal quanto de maneira informal às crianças e aos adolescentes para que eles cresçam e se desenvolvam seguros emocional e socialmente, que tomem decisões, busquem sua felicidade e a felicidade coletiva, tenham saúde mental e exerçam mais à frente, o papel de educadores das futuras gerações transmitindo os valores que lhes forem ensinados de maneira que respeitem a subjetividade do indivíduo e mantenham o ritmo de crescimento saudável à sociedade e verdadeiramente sejam pessoas livres e felizes. Para tanto, conta-se com a ação educativa formal da escola, uma preocupação de todos para uma reorganização da sociedade, resgate dos valores nas famílias e o restabelecimento dos papéis educacionais, citados acima mediante os seus segmentos, para que assumam sua responsabilidade e contribuam para a formação de crianças, adolescentes, jovens e futuros adultos. É responsabilidade da escola, da família e da sociedade como um todo. Cabe a cada um exercer o seu papel com responsabilidade, conscientes de sua importância.

1.8.1. EDUCAÇÃO DE VALORES E AS CRIANÇAS

De que adianta tanto progresso se não for para o bem-estar dos indivíduos? Grandes grupos económicos, de todos os países, que poderiam fazer muito pelos mais necessitados, não o fazem, e dentro desta “constelação humana” (grifo pessoal), formada maioritariamente por indivíduos em situação de vulnerabilidade, está também a criança, um ser que necessita, além dos recursos básicos

que garantam a sua sobrevivência, de uma sólida formação moral e ética para que possam tornar-se indivíduos conscientes de sua realidade, com capacidade de perscrutar suas percepções, suas ideias, seus ideais, transformando em ações concretas que visem a melhoria do mundo. Uma educação em valores humanos com certeza abre as portas das mentes humanas, e salienta-se aqui que, quanto menores os indivíduos, maiores as chances de uma mudança radical no contexto social atual porque o mundo é desconhecido para estes, que estão com as portas de suas mentes abertas para aventurar-se nas aprendizagens do mundo novo. É o momento de plantar bem, para colher bem. Que as crianças floresçam em sabedoria.

Os mecanismos de cerceamento aparecem em uma sociedade quando a cultura deste local determina que algo ruim é prejudicial e precisa ser evitado. Estes mecanismos surgem na tentativa de evitar que as pessoas absorvam os comportamentos errados. O contrário também acontece, e quando algo bom surge, algum mecanismo é acionado através da cultura para despertar boas posturas que estejam em conformidade com aquela circunstância benéfica. Este aparelho ideológico é conhecido como estruturas sociais que tem por função primeira inculcar ideias que conduzam a posturas e atitudes desejáveis para os mentores que estão por detrás do aparelho ideológico. A Família, a Escola, a Religião e o Estado são exemplos destes aparelhos que formam o caráter das pessoas de forma tal que coincidam com posturas que legitimem a ideologia dominante.

Independentemente dos fatores de risco aos quais as crianças estão expostas, janelas foram (e são) abertas por órgãos internacionais, entidades públicas e privadas dentre outros, a partir das inúmeras iniciativas em prol da melhoria na qualidade de suas vidas, de uma formação mais sólida no que tange ao ensino de valores humanos, de projetos de promoção de múltiplos saberes que transcendem os conhecimentos clássicos para vertentes psicológicas, sociais, espirituais, emocionais, psicomotoras e nesse ínterim a sociedade está a possibilitar uma maior participação da criança dentro da família, no ambiente escolar, nas instituições de lazer, nas instituições de amparo à criança e ao jovem, nos órgãos públicos de defesa aos direitos da criança, na própria legislação que inclui a criança como cidadã do mundo adulto. À medida em que sua voz ganha espaço e passam a ser ouvidas, os adultos começam gradativamente a reconhecê-las como atores sociais, sujeitos ativos de sua história, heterogêneos, indivíduos que reproduzem um modo de ser, adaptando-se aos contextos sociais e produzindo nova cultura, portanto, capazes de opinar e de fazer escolhas enquanto seres sociais, indivíduos portadores de direitos e deveres, agentes de mudança.

Há de se fazer aqui uma ressalva, porque apesar das crianças estarem em sua maioria a conquistar novos espaços junto ao mundo dos adultos, a partir de um maior reconhecimento social, enfatiza-se que há ainda milhares de crianças pelo mundo órfãs das guerras, órfãs da fome, órfãs da miséria, da desigualdade social, da violência, da falta de educação escolar, da ausência de um lazer criativo, da crescente exploração sexual, crianças apartadas de seus pais numa busca de melhores condições de vida imigratória, crianças vítimas de inúmeras doenças, crianças nascidas em grupos familiares de extrema vulnerabilidade e desajuste e quadros de morte, desafios de uma modernidade injusta, que precisa urgentemente de mais ações globais de valorização e defesa da vida.

Não obstante, estes percalços terríveis acima citados, coexistem com os desafios e conflitos inatos aos indivíduos em sua fase de crescimento e desenvolvimento durante sua trajetória de vida, no mundo adulto e o no universo infantil, e a sociedade continua com seus reveses, com suas demandas que geram preocupações e expõem a família a fatores de risco e os filhos destes lares, as crianças ricas ou pobres, absorvem os sabores e dissabores de seu ambiente familiar, e os traduz conforme seu entendimento, deixando marcas e em seu íntimo positivas e negativas, que serão carregadas pela vida fora e que podem influenciar na construção de seus valores.

Para as famílias em situação de vulnerabilidade, os resultados são piores, uma vez que a luta pela sobrevivência, e os problemas internos na família, desestruturam pais e filhos. A escola tem então diante de si um grande desafio: se a escola não suprir os vácuos que surgem deixados pela família, seu futuro fica comprometido e as crianças em risco poderão tornar-se adultos com desajustes emocionais, pouco autônomos, pouco resilientes, pouco empáticos e com défices no aspeto cognitivo, social, e no caso deste estudo em questão, moral e ético.

Ainda no enfoque social, muitos problemas sociais impedem uma sobrevivência digna e justa para as crianças, e como já foi mencionado, problemas estes que se arrastam sem solução. A ordem social vigente é o consumo em massa e a visibilidade social como forma de adquirir um «status quo» que assegure uma posição na sociedade, e as crianças absorvem também esta visão e estes valores.

Neste cenário cheio de contrastes, no qual a criança está inserida, a receber os benefícios e as agruras do progresso, mesmo com a desigualdade social, gradativamente são reconhecidas como sujeitos sociais, históricos e heterogêneos, com direitos, produtores e reprodutores de cultura, ou seja:

(...) as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas. (...) a criança é vista

como agente ativo e um ávido aprendiz. Sob esta perspectiva, a criança constrói ativamente seu mundo social e seu lugar nele” (Corsario 2011 p. 15, 19 cit in Carvalho & Brostolin, 2017).

Consumir é necessário para a sobrevivência e a manutenção da qualidade de vida, pois, alimentos, vestuário, medicamentos, acessórios elétricos e domésticos tornam a vida mais fácil de ser vivida. E para este suprir, a sociedade, que antes da Revolução Industrial ²⁷produzia para seu consumo, após este evento passou a produzir para o mercado, e este mercado utiliza todos os meios para atrair os indivíduos que mergulham num turbilhão de consumo incessante, com as pessoas cada vez mais sedentas de adquirir o que precisam e o que não precisam. Vive-se uma ondu de produtos feitos para durarem pouco, e a Tecnologia contribui para este fim, pois o que dura pouco, requer substituição.

As autoras (Bassi & Lopes (2017) citam o psicólogo James Hillman²⁸ (1926 – 2011) que, em sua psicologia, defende principalmente que a Sociedade Ocidental vive imersa no consumo e que por sentirem-se esvaziadas de si, buscam preencher estes vazios de coisas transitórias até adoecerem sua psique.

Na era hipermoderna, que se dá sob o signo do excesso e do extremo, se realiza um prazer pela novidade. Nela, se constrói o hiperconsumo e sua doença (o consumismo), que ocupam terreno ao qual a lógica arquetípica do amor, amizade, religião entre outros, não pertence.

(...) Comprar é um impulso ascendente, de natureza espiritual, que nos joga no eixo entre elevação e mergulho. Mas é também um foco de fantasia, portanto, um lugar de alma, nunca um gesto puro. (...) Comprar é a magia do efêmero e é nosso modo de fazer o mundo virar alma” (Hillman, 1981, p.53 cit. in Bassi & Lopes, 2017).

Como observa Pedro (2002), um dos grandes desafios da educação nos dias atuais talvez seja ajudar as crianças a construir uma nova forma de pensar. Com este desafio superado, as portas das oportunidades estarão abertas para que possam criar no futuro, de forma mais autónoma, uma caminhada adulta com mais meios de agir em consonância com as exigências da sociedade sempre em transformação, com sua diversidade em todos os sentidos, e para a qual, uma educação baseada

²⁷ A Revolução Industrial foi um conjunto de mudanças que ocorreram entre os séculos XVIII e XIX marcado pela mudança do trabalho artesanal para o uso de maquinaria, com o trabalho assalariado, subordinado ao dono da oficina de trabalho (manufatura). Esta revolução foi iniciada na Inglaterra. (D. N. Silva, n.d.-b)

²⁸ James Hillman (1926-2011, nascido americano, foi um psicólogo e conferencista internacional, considerado o discípulo direto do psiquiatra fundador da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung (1875 – 1961).(Dallas, n.d.)

nos valores humanos possa contribuir positivamente e concretamente para uma atuação social mais ética, positiva e atuante.

Enquanto os indivíduos são crianças, é possível e viável germinar o “solo” (grifo pessoal) para novas mentes, ajudando-as a extrair conclusões acerca de acontecimentos factuais ou provocados através de atividades educativas e vivências; e na juventude, elaborar pensamentos e criar posturas de acordo com seus próprios pontos de vista, para, quando forem adultos, exercerem uma cidadania mais engajada (que a maioria dos adultos de hoje) com o compromisso de uma sociedade melhor para todos. Conforme o exposto a escola deve estar atenta quanto a sua proposta educativa para suas crianças.

Mas se a escola tem por função essencial educar o ser humano sobre o agir em todas as suas vertentes, ela não pode omitir, ou desinteressar-se, da educação para valores. O retorno atual às questões de natureza ética discutidas no espaço escolar surge em resposta às exigências e às necessidades ditadas pela transformação que a sociedade vai vivenciando, transferindo, para a escola, o exercício e o cumprimento das condições que assegurem a (com)vivência em sociedade. O conceito de educação acompanha, assim, a evolução de sentido(s) do ser humano na sua integridade e globalidade, tornando-se, também ela, num valor. (Pedro, 2002, p.91)

1.8.2. LEGISLAÇÃO E VALORES

A Constituição da República Portuguesa (DRE, 2022b), faz menção ao reconhecimento de que todos os cidadãos (e aqui se encontram as crianças), tem reconhecido o direito ao desenvolvimento de sua personalidade:

A todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar e à proteção legal contra quaisquer formas de discriminação. (DRE, 2022b)

Com efeito, este direito garantido pela Constituição expressa a missão social que as instituições educacionais têm de formar os alunos no que concerne ao seu pleno desenvolvimento, para o exercício de sua cidadania. Este pressuposto vem de encontro à ideia que fomenta este trabalho, da necessidade de trabalhar os valores humanos, como mais um caminho para uma boa formação da personalidade da criança, com vistas ao exercício da autonomia, do pensamento crítico, da liberdade de expressão, da criatividade, na busca por soluções para os percalços do quotidiano, de uma conduta construtiva, resiliente e independente.

A preocupação com o pensamento crítico está contemplada na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) N.º 46/86 (DRE, 2022a) em vários trechos, ao afirmar que a educação deve proporcionar a formação de “cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico” (art.2.º, n.º 5), e também “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta o desenvolvimento (...) da capacidade de raciocínio, de espírito crítico” (art.7.º).

Este espírito crítico registado na LBSE (DRE, 2022a) é reforçado pelo ensino em valores humanos que oferecem a garantia de que as crianças passem a pensar por si próprias e a ponderar nas mais diversas situações. Não é difícil ensinar as crianças sem desenvolver o pensamento crítico, especificamente para crianças com pouca escolaridade e origens mais humildes. Atenta-se que “moldar” (grifo pessoal) a consciência da criança, não é a maneira mais adequada de ensiná-la. Alerta-se que este facto não quer afirmar que é o modo certo de se ensinar, muito pelo contrário, quando as aulas não dão margem para o desenvolvimento da consciência, do senso crítico e uma análise sobre as situações que são vividas, a criança passa a aceitar tudo que lhe é dito, sem cogitar outras possibilidades e resoluções alternativas para problemas e desafios. É como tapar os olhos do aluno e impedi-lo de ver o ambiente ao seu redor, condenando-o a uma vida guiada apenas pelo que outros dizem ser o certo. O pensamento crítico é essencial para a vida das crianças, ao estímulo de sua curiosidade natural típica desta fase ajudando para o processo de tomada de decisão. A criticidade ensina a escolher a melhor informação, analisar e pesquisar antes de decidir acreditar ou seguir algum pensamento, ideia ou conceito. Uma criança que tem esta habilidade estará mais protegida contra as manipulações emocionais e conseguirá avaliar melhor suas escolhas, é claro que dentro de seu grau de maturidade e limites de pensamento. A LBSE²⁹ (DRE, 2022a) fornece uma consistente diretriz para a prática de propostas pedagógicas valorativas para as mais variadas escolas em Portugal, nomeadamente o que proclama o artigo 3.º, alínea b: “Contribuir para a realização do educando,

²⁹ Lei n.º 46/86 que regulamenta o sistema educativo português, aprovada em 14 de outubro de 1986, com alterações em 1987, 2005 e 2009, oferece um referencial para o desenvolvimento da educação e do sistema educativo. (Conselho Nacional de Educação, 2016)

através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico ”; e no próximo artigo:

Assegurar a formação cívica e moral dos jovens; pressupostos que alicerçam o fazer educativo e conseqüentemente influenciam no aprendizado de valores que contribuem no modo como os alunos compreendem o mundo e na habilidade de enxergar soluções diferentes para os problemas que porventura possa surgir em suas vidas. (DRE, 2022a , art.3.º alínea c)

A escola oferece um campo profícuo para o desenvolvimento de competências sociais, de habilidades, do exercício da cidadania, de uma postura ética e ativa dentro da sociedade. A cidadania por sua vez, implica em comportamentos que se baseiam nos direitos humanos, em valores que ajudam na formação de indivíduos críticos, criativos, responsáveis, que saibam respeitar o próximo para viver e conviver em sociedade de modo mais democrático e contribuir para transformar esta sociedade em um contexto mais igualitário e solidário para todos. Nesta perspectiva, é dada à escola a liberdade de autonomia e a flexibilidade frente ao currículo, dois valores muito importantes para o processo educativo, e a inserção de temas que favoreçam um educação para a cidadania de forma transversal em todas as áreas do Currículo Nacional, conforme está preconizado no texto do Decreto-Lei n.º 139/2012 (Ministério da Educação e da Ciência, 2012) que segue abaixo:

Por outro lado, no presente diploma pretende-se que a educação para a cidadania enquanto área transversal seja passível de ser abordada em todas as áreas curriculares, não sendo imposta como uma disciplina isolada obrigatória, mas possibilitando às escolas a decisão da sua oferta nos termos da sua materialização disciplinar autónoma.

Por conseguinte, foi criada em janeiro de 2017 pelo Grupo de Trabalho de Educação para a Cidadania (GTEC)³⁰ a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC)³¹, (Ministério da Educação, 2016), um documento que contempla os direitos e deveres essenciais para uma coexistência em sociedade justa, aberta e digna a todos os cidadãos, e para que isto ocorra, desde a mais tenra idade é facultado tais documentos, ensinados numa vertente transdisciplinar

³⁰ A GTEC é uma equipa criada em 10/05/2016 com o objetivo de conceber uma estratégias de Educação para a Cidadania a ser aplicada nas escolas portuguesas (Ministério da Educação, 2016).

³¹ A ENEC foi criada no âmbito das prioridades definidas no XXI Governo Constitucional para a área da educação e representa um documento a ser implementado no ano de 2017/2018 com atualizações nas escolas públicas e privadas que constituem o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular em convergência com o perfil dos Alunos à Saída da escolaridade obrigatória e com as Aprendizagens Essenciais. (Educação, 2020)

conhecimentos e valores. Nas linhas orientadoras do documento Educação para a Cidadania (Ministério da Educação, 2013) Esta proposta de educar para a cidadania é implementada junto com outros órgãos e instituições da sociedade, e já acontece em muitas escolas de Portugal, sendo desenvolvida de varias formas, mas com eixos comuns: a Educação Rodoviária; a Educação para o Desenvolvimento; a Educação para a Igualdade de Género; a Educação para os direitos Humanos; A Educação Financeira; A Educação para a Segurança e Defesa Nacional; o Voluntariado; A Educação Ambiental / Desenvolvimento Sustentável; A Dimensão Europeia de Educação; A Educação para os Média; A Educação para a Saúde e a Sexualidade; A Educação para o Empreendedorismo; a Educação do Consumidor e a Educação Intercultural, documentos que em trabalho posterior a esta pesquisa podem ser melhor explicitados e analisados conforme o tema central do estudo e da ótica do pesquisador. O importante a ressaltar é que as crianças do 1º ciclo são beneficiadas com o ensino de todos estes eixos, perpassando por todos valores humanos neles contemplados, a partir de vivências, para que possam sentir e compreender com mais profundidade, sempre de acordo com seu grau de maturidade, a realidade que as cercam.

1.8.3. O PAPEL DO EDUCADOR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO EM VALORES

Os valores podem ser ensinados e aprendidos. Há que se ter disposição e conhecimento para ensinar, abertura vontade de aprender, mas há outras circunstâncias envolvidas, assim pensa Pedro (2002, p. 96), para que haja uma aprendizagem em valores faz-se necessário uma condição: a educabilidade. Esta característica é intrínseca ao ser humano e outros seres vivos, porém, nos humanos, vai além da questão biológica; as suas aprendizagens ajudam a “aprender a ser”(Pedro, 2002, p. 96) e assim existe a oportunidade de tornarem-se mais humanos em sua essência.

Sem a educabilidade seria impossível para o ser humano sobreviver, e esta educação tem o caráter de permanência, uma vez que na vida o ato de aprender é constante, e que a partir de flexibilidade humana, da vontade para receber o novo, da liberdade pelo ato de escolher aprender quando , o que e como (claro que nas crianças isto ocorre paulatinamente, à medida que cresce e desenvolve-se, daí a importância de começar cedo este processo valorativo) aliado à capacidade de adaptação do homem às situações, este leque de fatores justifica a habilidade em adquirir novos conhecimentos. Esta capacidade de agregar saberes e de ser livre para produzir cultura permite ao homem, desde criança criar e recriar-se.

Neste sentido reside o papel singular do professor, que encontra um campo fértil para uma “educabilidade moral”(Pedro, 2002, p. 97), ao favorecer condições para o educando desenvolver-se interiormente, numa práxis contante de reflexão pessoal que pode conduzir a uma realização e um enriquecimento, que torna esta educabilidade num processo moral. O ser humano é livre para aprender e este sentimento de liberdade é inerente à criança, facto que favorece a aprendizagem de valores, à medida que cresce, aprende mais, e compete ao professor a mediação e efetivação deste processo “A inter-relação destas duas componentes, aprendizagem e maturidade, faz depender a última da primeira, condicionando-a de tal modo que se o homem não pudesse aprender não poderia educar-se.”(Pedro, 2002, p.98)

Outros pontos de igual relevância, que a autora (Pedro, 2002) apresenta, são a educação moral e a clarificação dos valores; os problemas morais e a criticidade. Sobre o primeiro aspeto, a educação moral é aquela que é vista como doutrinária, ao conservar sua rigidez e autoritarismo, ao adotar um tipo de educação em que os educadores direcionam seus programas de ensino e respetivamente suas aulas para a formação do caráter das crianças definindo o que julgam necessários e adequados para a vida em sociedade, desrespeitando a liberdade de cada um.

A clarificação dos valores pressupõe o relativismo no qual, ao contrário da postura anterior, os educadores defendem a conscientização de cada aluno para o aprendizado dos valores, que são descobertos mediante o processo, sem inculcações de valores pré-definidos.

É imprescindível, portanto que um clima de verdadeira democracia e autêntica liberdade se verifique a fim de que o sujeito possa verdadeiramente optar pelos seus valores. Ao contrário do método anterior, este método de clarificação de valores pressupõe que a criança é não só capaz de pensar e refletir autonomamente, como optar conscientemente pelos valores que considera mais importantes para si.(Pedro, 2002, p. 99)

Adotar um método ou outro vai de encontro ao tipo de escola e sua proposta no âmbito filosófico e pedagógico; o eixo comum entre ambas é considerar a escola e os educadores, através de suas linhas de ação, como elementos primordiais e indispensáveis e com o desejo verdadeiro de promover e desenvolver além do aspeto cognitivo, principalmente uma educação pessoal e valorativa da criança.

Os questionamentos acerca de uma metodologia mais adequada por parte dos educadores continuam, pois, o ato de educar é um ato contínuo. O que implica agora levantar uma interrogação sobre a influência do professor. Um professor consegue educar suas crianças sem as influenciar de alguma maneira? O professor que educa também não recebeu uma educação e recebeu influências do entorno social, cultural, político que o rodeava em sua infância e ainda recebe atualmente? Estas perguntas foram levantadas por Pedro (2002), que respondeu com outra indagação que conduz a uma reflexão profunda: “Será que primeiro temos de doutrinar para depois libertar pois, só assim, é que sabemos em relação a quê é que nos estamos a libertar ?” (p.101)

Mais uma vez, vem o pensamento crítico como o aspecto fundamental em todo este processo. A considerar a escola como instituição educativa inserida na sociedade, compete a mesma encarar os desafios desta sociedade, as mudanças científicas e tecnológicas. Compete aos professores uma renovação constante de suas práticas educativas, e fim de contribuir para a formação de crianças que aprendam a conviver com as mudanças, abertas ao novo com um pensamento crítico e principalmente com vistas à solução de problemas diante da ética e da moral. Aos professores compete a missão de fornecer às crianças conhecimentos, informações sobre os vários temas emergentes da sociedade, e dar-lhes condições de aprender e apreender valores, habilidades e atitudes necessárias à uma boa formação. Assim, mesmo que as crianças estejam em grau de maturidade em desenvolvimento e sejam receptoras passivas de tudo que lhes é ensinado, os educadores devem interferir com sua pedagogia na busca de firmar nas crianças o pensamento crítico, o agir consciente, a capacidade de elaborar conclusões e fazer escolhas, a partir do estudo de textos de vários gêneros literários, textos científicos, notícias, fotografias, músicas, folhetos publicitários, receitas culinárias, fichas de candidaturas, simulação de cheques, folhetos informativos, textos em outdoors, coleções, livros, revistas, jornais enfim tudo que contém informação e possibilite a discussão. Deve também, nesta discussão, abordar múltiplos conflitos que possam existir, as mensagens implícitas, os caminhos a adotar, com seus prós e contras. Ao ler, refletir e analisar a criança ganha informação e vocabulário e ao escrever, organiza o pensamento, adquire a consciência crítica.

Acrescenta-se que a prática docente junto às crianças vem imbuída de uma carga cultural que os docentes adquiriram em sua trajetória profissional e pessoal, e desta maneira as ações docentes nunca são totalmente neutras; e, com efeito, podem ser de algum modo doutrinárias.

Como sugere Jaume Carbonell (cit in Redação Pátio, 2019), professores e alunos devem sempre atualizar-se a partir da leitura, sugere uma leitura partilhada de um texto de um livro com discussão para estimular o pensar e argumentar em coletividade.

1.8.4. A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO ENSINO DOS VALORES PARA AS CRIANÇAS

Qualquer escola que tem como grau de escolaridade o 1º Ciclo possui como um de seus objetivos prioritários, a missão de preparar suas crianças para a vida, como cidadãos de bem. Contudo, a escola não executa o papel da família, e a família também não cumpre o papel da escola. É primordial que exista uma união de esforços de ambas as partes, uma participação mútua. Viver em sociedade implica trabalhar com os valores humanos, e por isto esta relação é indissociável.

A escola (...) deve fazer pensar de maneira sistemática e contribuir para o pensamento, para que não recaia só sobre a família a missão formativa. A escola deve sempre criar canais de comunicação e de participação com a família, mas com autonomia, pois não pode estar condicionada pelo o que a sociedade faz ou pelo que a família disse. Carbonell (cit in Redação Pátio, 2019)

Neste contexto, a família é o primeiro cerne no qual a criança faz sua interação, contato e relação social. Ainda bem pequena, inicia seu processo de socialização, e recebe formas de conduta e de moral, em concordância com os valores que a família acredita como corretos e adequados, dentro da cultura a qual pertencem, sendo esta a maior e mais significativa função da família junto à criança. Entretanto, a partir do momento em que a criança entra na escola, inicia uma nova etapa neste processo, pois se antes, no aconchego da família, ela era protegida, cuidada e cercada por atenção e orientação, ao adentrar no ambiente escolar passa a ter novos contatos, e fica suscetível a realidades diversas e diferentes valores. É neste convívio que a criança começa a desenvolver competências emocionais que objetivam capacitá-la a enfrentar os desafios que a vida oferece. Isto não significa dizer que a escola ensina o que é certo e a família o errado, muito pelo contrário, a escola e a família devem caminhar sempre juntas pois ambas as instituições ensinam valores, ensinam moral e ética.

Educar moralmente é tarefa de toda comunidade educativa: pais, professores, gestores, sendo importante que cada instituição tenha consciência de seu papel, no entanto, cabe a

instituição educativa (escola) a orientação e formação desses pais, sem terceirizar, culpar ou dizer o que é certo, mas oferecer formações que possibilitem pensar no desenvolvimento da criança (cognitivo e moral), nas relações interpessoais e nos tipos de educação familiar e suas consequências para o desenvolvimento da criança (De Nadai, Vicentin, & Bozza, n.d., p. 538).

A considerar esta corresponsabilidade na formação integral das crianças, compete à escola informar de maneira transparente os seus princípios e formas de agir, o tipo de proposta pedagógica a oferecer, as normas de convivência, pois assim poderá evitar problemas e conflitos com as famílias quanto aos valores que a escola vai trabalhar com as crianças. A escola deve esclarecer quais são os seus pilares e o que espera das crianças e dialogar sobre estas questões logo no início do período escolar e incitar estas famílias que façam uma reflexão sobre o que estas famílias querem de facto acerca da educação de suas filhos e perceber se a respetiva escola está em conformidade com seus quesitos e se não estiver, refletir juntamente com a instituição escolar suas dúvidas e juntas buscarem a compreensão dos objetivos a atingir, e de que forma cada uma pode contribuir neste processo rico e valorativo de experiências e atividades.

O conceito de conviver direcionado para o coletivo é um dos aspetos positivos e fundamentais na práxis escolar, visto que é a escola que tem a capacidade e a missão de exercitar a prática dos valores de uma maneira mais desafiadora, em relação ao ambiente familiar. Dentro de cada família, há variações quanto aos princípios e valores, e cada instituição cria de certa forma uma ordenação no sentido de alguns valores serem mais importantes que outros, e a escola deve ter ciência de que não conseguirá mudar a dinâmica pessoal familiar, mas que pode (e deve) equilibrar esta “balança” (grifo pessoal) a partir de uma relação dialética com os pais e demais responsáveis pela educação familiar das crianças. Dois alertas importantes a ressaltar são que os pais e educadores deve vigiar suas próprias condutas e primar por uma postura dentro da ética e que é fundamental que haja uma formação de professores para que estejam preparados e com as ferramentas necessárias para agir dentro desta prática educativa valorativa e que os pais também participem de uma formação dentro da escola para que possam agir em consonância com a proposta, e juntos somarem forças.

No entanto, isso é possível dentro de um espaço democrático e a escola, sendo a instituição formal responsável pela educação, possa dar o primeiro passo para repensar sua prática, suas concepções e relação existente com a família. Tornando-se parceiros, compartilhando responsabilidades e favorecendo a construção de seres humanos mais respeitosos consigo e com o outro. Para isso faz-

se necessário a formação dos educadores a fim de estabelecer uma parceria cooperativa. (De Nadai et al., n.d., p. 539)

1.8.5. A AFETIVIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO EM VALORES COM CRIANÇAS

As emoções são sentimentos que se compartilham. Quando o indivíduo sente alguma emoção, esta vivência não é isolada, e o indivíduo relaciona-se com seus semelhantes mediante as emoções, no desenrolar do tempo e do espaço. Se a criança conhecer e aprender valores que a edificam e dignificam sua vida, suas emoções estarão conectadas com este sistema valorativo que sua mente estabeleceu. No seio da sociedade, bons valores e bons sentimentos são partilhados traduzindo um clima afetivo que pode ser muito positivo aos indivíduos e muito negativo e danoso aos mesmos quando são contravalores. O mesmo acontece quando estes indivíduos são crianças.

O ensino dos valores com as crianças passa pela via da afetividade e dos sentidos. É impossível discutir valores com as crianças sem estes dois elementos. O ser humano, e em especial, a criança, move-se pela afetividade, seja positiva ou negativa, e nas duas situações, a afetividade age como um fator que impulsiona o desenvolvimento da criança no que se refere à criação de modos de compreensão, aceitação, defesa ou no modo como administra as sensações, emoções, pensamentos e ideias despertadas. Quando se trata do ensino e da aprendizagem de valores, ambos acontecem concomitantemente, mediante as interações sociais, e isto significa dizer que sem as interações da criança com seus pares, sem as interações com o professor e com o meio em que vive, não há ensino-aprendizagem, e conseqüentemente, de valores. Através da afetividade as trocas, o convívio, a vivência dos valores humanos tem melhores condições de serem intermediados junto à criança.

A escola e seus educadores não podem buscar os fins de uma educação pautada nos valores com certo grau de efetividade sem cruzar o caminho dos meios que propiciam a concretização do ato educativo. Assim, os educadores precisam estar abertos às inúmeras respostas das crianças, a gerir incertezas e prestar bastante atenção aos procedimentos que utilizam para lidar com estes conflitos naturais no percurso da descoberta, da evolução das crianças, de sua maturidade. É da maneira como os obstáculos são assumidos que se torna possível decidir o caráter de um projeto de uma educação pautada nos valores humanos. Vejamos a seguinte afirmação:

Assim, apesar de carecermos de um vocabulário amplo para designar os vários matizes que a componente afetiva do ato educativo assume, é

impossível ignorar o papel da emoção como moduladora e estabilizadora dos processos de aprendizagem, nem deixar de pensar na aventura pedagógica como uma procura afetiva de figuras de conhecimento, como um compromisso passional que deixa sua marca na rede intelectual. O que fica, no fim de um período de formação académica, não é apenas um conjunto de conhecimentos, mas também, e de maneira muito especial, um conjunto de hábitos, de escrúpulos morais e rotinas de conduta, que exercem um grande poder de regulação cognitiva sobre o educando. Restrepo (2004, p. 67)

O autor acima citado argumenta ainda que uma educação voltada para os valores humanos requer professores “formadores de sensibilidades” e que a afetividade precisa existir como um dos eixos valorativos principais do projeto pedagógico.

Desta maneira, a instituição escolar deixa de ser uma monocultura de crianças, onde só tem cabimento os comportamentos estandardizados e homogêneos, para conseguir um ambiente parecido com uma feira, com atrações que seduzem os nossos sentidos e nos convidam para uma construção calorosa e respeitosa das relações interpessoais (Restrepo, 2004, p. 69).

Não é uma questão de perder de vista todos os objetivos da esfera intelectual, mas a escola que direciona seu projeto pedagógico para a perspectiva dos valores, deve ter em mente que os sentimentos e afetos devem ser compartilhados, discutidos e refletidos, dentro e fora do ambiente escolar, e que o raciocinar e a capacidade de elaborar conclusões, de dar opiniões, de argumentar, envolve toda uma atmosfera em que todo é “respirável” (grifo pessoal), e assim os gestos, a simbologia, a transparência na relações professor-aluno determina (e muito) os comportamentos das crianças no momento presente e no futuro.

Neste ínterim, ser formador de sensibilidades aguça a criança em seu processo de desenvolvimento dentro da sala de aula e da escola como um todo. O afeto deixa assim de ser uma questão tratada no ambiente familiar para ser também considerado como assunto de alta relevância no espaço escolar, ambiente este em que as matrizes de identidades cidadãs se estabelecem.

Agir com ternura, incluindo a afetividade nas relações, é um ato humanista e de um verdadeiro cidadão. Adultos que reconhecem em si e na vida a ternura, conseguem ensinar às crianças sentimentos ternos, de uma consciência branda e pacífica, com uma visão mais harmónica do todo que as circundam, que optam por atitudes de mais entendimento e concórdia com seus pares, com a família e comunidade, gestos que promovam a paz que a sociedade tanto precisa.

Capítulo 2. METODOLOGIA DE AÇÃO

Com vista aos objetivos a alcançar, este estudo será realizado sob o paradigma Qualitativo-Interpretativo, mediante a metodologia de Entrevista (auto)biográfica Narrativa (Schütze in Appel, 2005), que considera o pressuposto de o relato da história de vida e suas vivências mais pessoais de forma natural, sem nenhuma organização interna para tal, conduz a um contato direto, frontal e mais verdadeiro com o conteúdo exposto pelo narrador e o ouvinte (investigador) (Appel, 2005).

2.1. Entrevista narrativa (auto) biográfica como forma de construção de conhecimento - Fundamentos teóricos

As narrativas (auto)biográficas encontram-se intrinsecamente relacionadas com o sociólogo Fritz Schütze (1899-1959) cuja importância reside no seu contributo para a interpretação das histórias de vida das pessoas e no estudo sociológico das mesmas mediante a pesquisa qualitativa, e é considerado o sociólogo que definiu e viabilizou a entrevista narrativa (auto)biográfica nas Ciências Sociais (Köttig & Völter, 2014). Em meados dos anos 70 desenvolveu um método de interpretação de histórias e análise de dados narrativos conhecido como Entrevista Narrativa. Esta modalidade de entrevista é feita a partir de narrativas espontâneas, ou seja, narrativas improvisadas, sem uma preparação prévia e sem a interrupção do entrevistador que não direciona a narração em nenhum momento. A entrevista narrativa (auto)biográfica ocorre quando o entrevistador aplica este método para estudar biograficamente, e ao término da narrativa elabora perguntas com um sentido de esclarecer pontos que, no julgar do pesquisador, necessitam de algum esclarecimento.(Germano, n.d.)

O método criado pelo referido sociólogo baseia-se em três bases teóricas: Interacionismo Simbólico, Fenomenologia Social e a Etnometodologia. Segundo Appel (2005), o Interacionismo Simbólico traduz que a realidade da vida social é gerada a partir das interações entre os indivíduos que compõem a sociedade. Esta realidade social é sempre dinâmica tendo em vista que nasce e renasce no próprio seio das relações, que promovem um ciclo ininterrupto de ações e reações entre os membros de um grupo. Neste contexto, esta pesquisa tem neste aspeto forte justificação, a considerar a interação entre as pessoas. A Fenomenologia Social é a ciência que estuda os fenômenos sociais e como estes se manifestam ao longo de um tempo, e no espaço, como as coisas são percebidas pelos indivíduos e o modo como as regras sociais influenciam as pessoas. Esta perspetiva teórica compreende que para explicar os fenômenos sociais é necessário o ponto de vista dos indivíduos, a

partir das vivências que experimentam em sua vida diária. E a etnomedologia é uma corrente de pensamento que descreve como os indivíduos utilizam formas diferentes, modos de pensar e agir diferentes, que os ajudam a explicar a sociedade em que vivem; e a narrativa (auto)biográfica favorece a percepção e a análise do pensamento e das ações dos narradores, dentro de seus pontos de vista e como interpretam os acontecimentos de suas vidas.

A teoria narrativa de Schütze é a história da vida de um indivíduo contada de forma livre, sem nenhum tipo de compromisso agendado, a partir de seu ponto de vista, obtido com suas vivências de vida. Ainda na linha de raciocínio de Appel (2005), no que se refere à narrativa (auto)biográfica, alguns aspectos são importantes: a) a narrativa é determinada pelo ótica do narrador, o sujeito ativo é autor de sua própria história; b) existe uma sequência de eventos que acontecem na vida do narrador que pertencem a um segmento de factos com experiências acumuladas e que possibilitam visualizar para quem está na posição de ouvinte e analista, uma melhor compreensão das mudanças que ocorrem no íntimo do indivíduo; c) o narrador apresenta cenários sociais constituídos por circunstâncias vividas em sua trajetória, que sintetizam sua biografia; d) a narração é feita mediante um tema principal, com seus momentos positivos e outros de dor, que elucidam e justificam seu historial de vida. Este modelo de entrevista é também chamado de “narrativa improvisada” (Weller & Otte, 2014, p. 327), na qual, segundo as autoras, “(...) busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas (...)”

A narrativa existe a partir da recapitulação de experiências contadas em sequência de ordenação e que podem ser vistas e analisadas através de “marcas linguísticas” com o autor citou, “então”, “depois”, “mais tarde”, “e um dia” e por meio de conjunções (e, mas), “fenómenos para linguísticos como pausas e correções e fenômenos de entoação de voz.” (Appel, 2005, n.p.). Ainda segundo os autores, a narração apresenta-se como figuras cognitivas sem preparação: estar vinculada à “perspetiva pessoal do narrador” como autor e proprietário de sua história de vida; existe um conjunto de “experiências e eventos ou um elo comum que revela o modo como o contador está conectado aos factos sociais e às mudanças que estes factos promovem em seu íntimo; apresentar “quadros sociais” (situações, ambiente social e mundos sociais) que direcionam a narrativa pessoal; a narrativa é apresentada numa ordem regida por um tema principal e exprime um momento de evasão de sentimentos, que pode ser uma história na qual o narrador tenha sofrido e superado as adversidades e conquistado novos espaços.

Ainda com base nos estudos de Appel (2005), a entrevista narrativa divide-se em duas partes significativas: a entrevista sempre tem seu início com a narrativa principal, na qual o narrador faz seus relatos livres de interrupções, e em seguida, a parte da saída, das questões que o pesquisador pode fazer, iminentes e não iminentes, conforme o caso. O próximo passo é a transcrição feita pelo pesquisador de tudo que foi narrado, de forma fidedigna, com as mesmas palavras do narrador.

2.2. A escolha da Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica com Docentes

No decorrer da vida, através das relações pessoais as pessoas interagem entre si e trocam experiências e partilham um pouco de suas vidas. Mas, ao contar sua vida para outra pessoa, mesmo que de forma resumida, é sempre um desafio, é um ato ousado e é singular, pois terá de abrir sua intimidade, momentos doces e outros amargos, seu contexto familiar, seu percurso acadêmico, suas práticas laborais, todo este processo requer disposição para abertura, requer retroceder no tempo, e predispor-se à sentimentos de alegria e também de dor, tarefa que exige coragem desprendimento e confiança, Desta maneira, para este trabalho, através das narrativas gravadas, os relatos obtidos tornam-se um registo valioso para a pesquisadora que tem em suas mãos a possibilidade de múltiplos olhares, de conhecer, de analisar e interpretar as histórias de vida dos professores do 1º ciclo e suas concepções acerca da construção de valores com as crianças.

A escolha de fazer entrevistas narrativas (auto)biográficas com professores do 1ºCiclo surgiu da necessidade de fazer um estudo empírico que revelasse as concepções de educadores (as) sobre como constroem valores humanos com suas crianças, questão principal deste trabalho. O educador é a peça chave neste processo, uma vez que é ele que está em contato diário com a criança, que acompanha e influencia o seu desenvolvimento, que participa do processo de ensino e aprendizagem, que avalia o seu desempenho escolar, que constrói uma rede de conhecimentos e transmite informações à criança, que embora convidada à participação, ainda é recetora passiva do processo de ensino e aprendizagem. Esta relação professor e aluno, como já foi dito no decorrer deste trabalho, não é neutra, ou seja, o professor oferece muito de si à criança, seu modo de pensar, sua ideologia de vida, seus valores, e nisto reside o grande significado e importância deste trabalho, conhecer histórias de vida de docentes que através de seus trabalhos promovem práxis educativas valorativas com seus pequenos aprendizes. Narrar factos de suas vidas conduz os docentes a um processo de reflexão íntima de suas vidas, da lembrança de eventos marcantes que envolveram personagens em cenários distintos, o qual refere-se por reflexividade (auto)biográfica. (Passeggi, Lani-Bayle, Furnaletto, & Rocha, 2018)

Num estudo sobre o grupo reflexivo, Passeggi (2011) cita princípios que são especialmente significativos para a entrevista narrativa (auto)biográfica: o princípio da liberdade, do participante falar o que quiser e o que não quiser de si ; a convivialidade , na promoção da simpatia e ajuda mútua; confidencialidade, na garantia de que o que é contado será mantido em sigilo; autenticidade, em tudo que é relatado e escrito; o direito à autoria do que foi contado, gravado e transcrito; formação do formador, no sentido do pesquisador ter um conhecimento razoável acerca da técnica da pesquisa, dos procedimentos de sua realização e o princípio da contratualização, o momento explícito de contrato ente todos os envolvidos no ato investigativo, para que os participantes possam tomar sua decisão em participar ou não do processo.

2.3. Características da pesquisa

Além de algumas características já ditas na fundamentação teórica, é importante esclarecer que a entrevista narrativa (auto)biográfica termina quando, nas palavras de Fritz Schütze (in Appel, 2005, n.p.): “termina a narrativa espontânea com um marcador final, que introduz o ato de passar a palavra adiante e, neste caso, também a faz das perguntas subsequentes”. Outra etapa importante é a pesquisadora reproduzir para o (a) entrevistado (a) as perguntas e respostas que concluíram a conversa, como conta na explicação abaixo:

(...) não são perguntas que visem produzir narrações. Pois o que nos interessa, como no final de qualquer entrevista, é dar espaço ao entrevistado para rever a história. Visa-se dar a ele a possibilidade de sair narrativamente do passado e voltar para a comunicação na linguagem do presente. (Köttig & Völter, 2014, p. 222)

Através das narrativas gravadas, a investigadora irá coletar os dados a partir das impressões, diálogos, interpretações dos próprios participantes. Quanto aos dados coletados, importa que sejam registados em palavras, extraídas a partir dos encontros diretos nas entrevistas, e indiretos nas observações e análise dos documentos, e que as palavras sejam estudadas de maneira que permitam a pesquisadora a efetuar contrastes, comparações, e se possível “desvendar padrões” no íntimo dos participantes. Ressalta-se ainda: compreender, através das narrativas as interações sociais, o alcance de uma proposta educativa na ótica dos valores humanos com crianças de 06 a 10 anos; a fonte direta de dados é o ambiente natural da escola ou outro escolhido pelos (as) entrevistados (as); Houve por parte da pesquisadora um maior interesse pelo processo de investigação do que simplesmente por

resultados obtidos; o projeto de pesquisa seguiu a conduta do respeito à dignidade humana, velando para que os objetivos da investigação não violem os Direitos e os Princípios da Ética, conforme recomenda a Subcomissão de Ética para as Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho. Para tanto, serão criados Termos de Consentimento/Autorização para todos os participantes da pesquisa. A pesquisadora seguiu um roteiro (elaborado pela mesma) com todas as etapas descritas para orientar-se na execução do trabalho.

O corpus da investigação constitui-se de narrativas ouvidas, gravadas e transcritas, cuja transcrição tem por objetivo o reescrever de forma fiel, o que os sujeitos têm a contar, da entrevista conforme salienta Oliveira (2008), coletadas pela própria pesquisadora, (Apêndice 1) através de videochamadas, previamente agendadas e autorizadas pela entrevistadas. O motivo dos encontros serem à distância e virtuais (com recurso de Áudio e Vídeo), reside no facto da pesquisadora morar em uma zona distante de Braga, e além disso por ser mais seguro manter o distanciamento social como uma das regras contra a transmissão da Covid 19.

Os recursos materiais utilizados na coleta e análise de dados foram computadores, web cam, colunas de som, telemóvel, aplicações do Skype, Plataforma Zoom, Conversor de fala para texto (Speech to text portuguese), impressora, fontes literárias caneta, lápis, papel. Todas a entrevistas orais convertidas em texto foram devidamente revisadas manualmente e corrigidas para assegurar a sincronicidade entre gravações e o texto escrito.

Os horários e modalidade das entrevistas encontram-se descritos no quadro abaixo:

DOCENTES	DATA	HORA	MODALIDADE
Aparecida	16/12/202 1	10h30	Plataforma Zoom
Mariana	19/12/202 1	11h	Plataforma Zoom
Catarina	23/11/202 1	14h	Skype

Quadro 1- Horário e Modalidade das entrevistas

Os (as) participantes da pesquisa são duas docentes portuguesas do 1º Ciclo, de um agrupamento escolar da rede pública no distrito de Braga, em Portugal e uma docente do 1º Ciclo de uma escola também da rede pública da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, Brasil. O local para as entrevistas é de livre escolha de cada uma conforme sua comodidade e conveniência; assim, uma docente foi entrevistada dentro da escola, a segunda docente em sua casa e a terceira dentro da escola. Para preservar suas identidades, foi dado para cada participante um nome fictício registado na pesquisa.

Aparecida (nome fictício) é portuguesa, professora há 32 anos, concluiu o curso em 1989, na altura era o antigo magistério primário de Braga, e no ano seguinte, passou para a Universidade do Minho, a Educação foi para ela uma escolha vinculada à sua vocação. Desde 13 anos sabia que queria trabalhar com crianças. Trabalhou em escolas diferentes, atualmente é Coordenadora Geral de Departamento no Agrupamento Francisco Sanches em Braga. É casada, tem duas filhas, uma estuda mestrado em Educação Básica na Universidade do Minho e a outra está a terminar a formação para a Magistratura Judicial.

Mariana (nome fictício) é portuguesa, não mencionou seu estado civil nem se tem filhos. Iniciou a sua carreira como professora do 2º e 3º. Ciclos, como professora de trabalhos manuais, que hoje em dia é Educação Tecnológica, mas como não tinha habilitação própria e estava a sempre à espera das vagas, concorreu à universidade e entrou no 2º. Ciclo. Fez seu percurso académico na Universidade do Minho, onde depois do bacharelato tirou a licenciatura em Expressões em Artes ligadas ao 1º. Ciclo, também Expressões Artísticas Integradas e ficou no 1º. Ciclo. Esteve nos Açores, na Ilha do Pico, a lecionar. Já trabalhou com meninos com necessidades educativas, esteve numa escola particular com necessidades educativas durante 05 anos e já está há uns 20 anos (não deu o número exato) no 1º. Ciclo no ensino normal. Já percorreu algumas cidades de Portugal, não muitas, e ficou em Braga, no Agrupamento Francisco Sanches à volta de 10 anos.

A professora Catarina (nome fictício) é brasileira, casada, mãe de um casal, ainda crianças. Ingressou com o ensino Secundário aos 17 anos na educação como forma de obter recursos financeiros para sua sobrevivência, numa escola pequena, de cariz filantrópico, a qual intitula de *escola de alpendre*, organizada por uma freira. Lecionou numa turma de 3º. Ano e depois na Educação Pré-Escolar. Posteriormente estudou licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), e afirma que foi o curso mais proveitoso da sua vida. Está na educação há 20 anos. Atualmente está na Escola Municipal Dona Dagmar Gentil, da rede pública.

De início, foi mantido entre a pesquisadora e cada participante uma conversa informal, para troca de ideias, e a promoção de um clima mais leve e de alguma confiança, através do qual a pesquisadora procurou facilitar o momento tornando-o o mais relaxante possível. Para recolha das narrativas optou-se por um diálogo franco, nas quais todas os (as) participantes expuseram algumas trajetórias de suas vidas dentro da perspectiva (auto)biográfica e temporal, com vistas às suas concepções acerca da construção de valores humanos com as crianças do 1º Ciclo. As narrativas aconteceram sem interrupções por parte da investigadora, que se manteve numa postura silenciosa, mas ativa, expressando concordância e acompanhamento com o olhar, acenos, emissão de pequenos sons ou palavras curtas, a demonstrar profundo respeito e interesse pelas histórias, e os relatos por sua vez, foram narrados de acordo com a livre expressão de cada participante, em factos marcantes que para si representavam momentos significativos. Cada encontro em videochamada durou: o primeiro 28min. e 06 seg.; o segundo 44min.; e o terceiro 47 min. A fim de proporcionar mais clareza durante as entrevistas, foi elaborado pela pesquisadora e a orientadora da dissertação, um “Guião” com algumas perguntas (Apêndice 1), a ser utilizado ao final de cada narrativa, para elucidação de aspetos que necessitam de maiores esclarecimentos. Este guião criado, segundo Coutinho (2020), é um instrumento válido a partir do momento em que podemos aceitá-lo como verdadeiro, consistente com o conhecimento estabelecido e fiável uma vez que as informações coletadas foram obtidas independente do contexto, do próprio guião ou da minha opinião enquanto pesquisadora.

2.4. As entrevistas narrativas com os docentes

No Apêndice 2, encontram-se registadas as entrevistas ouvidas, gravadas e transcritas num quadro com os objetivos deste trabalho, as questões levantadas no guião durante a entrevista e as respostas dadas pelas docentes entrevistadas com suas partes correspondentes mais significativas, segundo modelo aqui colocador:

Objetivos do estudo	Questões do guião	Professora Aparecida	Professora Mariana	Professora Catarina

As perguntas do guião foram elaboradas de acordo com a natureza dos objetivos do estudo e o desejo de obter dados explicativos e foram feitas na ordem em que estão dispostas no guião apresentado. Entretanto, é necessário e importante esclarecer que, na elaboração do Quadro de Resultados, percebi que havia questões que se relacionavam mais com um determinado objetivo do que com outro; assim, munida desse entendimento, reorganizei as perguntas de uma forma mais didática, e assim foram registadas numa outra ordem conforme é possível ver no Quadro de Resultados. Deste modo, para o primeiro objetivo “Conhecer as concepções dos (as) professores (as) sobre a educação de valores” encontram-se as questões 1, 2 e 6 do Guião (Apêndice 1) porque as três abordam os valores em seu significado, importância para a vida pessoal e a vidas das crianças; para o segundo objetivo “Compreender como a experiência profissional promove a (re) conceitualização da educação em valores”, estão as questões 5, 7 e 8 do Guião (Apêndice 1), por abordarem a aplicabilidade prática da educação em valores dentro da experiência profissional de cada docente e também com o conteúdo escolar; sendo que em minha análise também inverti esta ordem para a sequência 7, 8 e 5 porque em minha linha de pensamento fez sentido primeiro refletir sobre os valores dentro do Currículo Escolar, depois analisar o modo como cada docente abordou o desenvolvimento e a construção dos valores para, em seguida, na questão 05, realizar uma abordagem mais prática.,

No terceiro objetivo do trabalho “Averiguar os benefícios e desafios percebidos pelos educadores, a enfrentar no exercício desta proposta educacional para o exercício de uma cultura de paz, dentro e fora da escola, das crianças dos 06 aos 10 anos.” apresentam-se as questões 3 e 4 do Guião (Apêndice 1) uma vez que ambas indagam situações opostas, mas com a mesma raiz, a educação para os valores, no tocante aos desafios a serem enfrentados e superados por cada professora no exercício de sua profissão, bem como os benefícios desta proposta educativa junto às crianças do 1º ciclo a partir da narrativa de situações concretas vividas interna e externamente no coletivo educativo.

2.5. Apresentação e Análise das Narrativas

Através da análise das narrativas das professoras, relações são feitas que possibilitam perceber a construção dos valores humanos com as crianças do 1º Ciclo. Conforme a organização didática que fiz na divisão das perguntas de acordo com os objetivos, o primeiro objetivo que é conhecer quais as ideias de cada educadora acerca de uma educação valorativa, sobre a questão feita na entrevista (pergunta 01, do Guião, Apêndice 1) “Como percebe a presença dos valores humanos em sua história

de vida?” A clareza na definição dos valores no contexto da própria história de vida não ficou registrado com nitidez. Das três professoras entrevistadas, somente Catarina explicou como percebia a presença dos valores humanos em sua história de vida, ao mencionar as dificuldades que viveu, e ressalta valores que marcaram sua trajetória: “(...) percebo os valores dentro das aprendizagens que fiz, de ter coragem e resiliência de viver minhas dificuldades financeiras (...) enfim, os valores estavam presentes e ainda estão por toda a minha vida e me fizeram aprender muito”. A professora Mariana explicou o que pensa sobre a importância dos valores, sem relacionar a sua vida, mas sim a vida das crianças: *Ah, é fundamental os valores, e poderemos transmitir aos nossos alunos porque a criança tem que crescer com esses valores, não?* E enfatizou a problemática que *(...) hoje em dia as crianças não ligam muito para algumas coisas, alguns dos valores, a partilha, a companhia, a amizade*. E expôs a situação na qual as crianças de hoje enfrentam. A professora Aparecida foi enfática e revelou um conceito próprio: *Eu não concordo que haja cada vez menos valores; eu acho que há, e os miúdos têm a noção de valores, estes são dados na escola e em casa, a questão é que custa imenso a criança ter esse valor presente, estar intrínseco de forma a fazê-lo vir ao de cima nas atitudes e comportamentos (...)*.

Foi abordado neste estudo que vivemos numa sociedade muito consumista e é muito difícil dar-se valor às coisas quando em nossa casa existe abundância. É claro que o número de adultos e crianças a viver no limiar (e abaixo dele) da pobreza, com situações de extrema carência alimentar traduz um quadro avassalador. Este grande contraste de cenários envolve o mundo da criança de uma forma muito profunda; a criança que almeja e não consegue, deixando-a frustrada, triste, vulnerável, apática, com baixo autoestima e aquelas que são consumidoras, com um perfil mais exigente, difícil de agradar, manipulável /manipuladora e como assinala Sartori & Duarte (2017, p. 631),”diante destas discussões, percebemos que a infância inserida na sociedade do consumo é posicionada de diferentes modos, ora como poderosa capaz de influenciar os gastos da família, ora como uma vítima influenciada pela média e pelo poder de sedução do consumo.”. Salienta-se que as crianças convivem neste meio social tão diversificado a absorver valores e contravalores de todos os tipos. Neste estudo foram entrevistadas docentes da Escola Básica Francisco Sanches, no qual estudam crianças de várias realidades e, portanto, de variados olhares, anseios, desejos e valores. Como afirma Sartori & Duarte (2017) os mercadólogos³² dizem que a cada dia as crianças estão a agregar mais poder de compra, através de seus pais, que procuram satisfazê-los em seus “sonhos de consumo”, incentivados pelos média, e que por muito tempo as crianças foram desprezadas em seus pensamentos, necessidades e

³² Os mercadólogos são especialistas que procuram identificar quais as necessidades do público consumidor para então criar estratégias para promover um determinado produto e assim consumir vendê-lo mais através de uma ideia.(Mercadologia - Conceito e o que é, n.d.)

gostos, e hoje, este domínio social do adulto está a resignificar-se, com a busca dos pais pela compreensão do universo infantil e do que as crianças precisam para crescerem com mais qualidade. A fala das professoras neste aspeto diz muito sobre ajudar as crianças no aprendizado de valores. Aparecida afirma *não acredito que a criança nasça com os valores, até pode aprender alguns por experiências próprias, mas a verdade é que nos compete a nós, educadores, juntamente com os pais inculcar estes valores nas crianças*. Mariana também segue esta tendência do adulto em ir ao encontro da criança, (...) *não basta só em casa transmitir isso, mas nós também podemos transmitir; acho que é fundamental ter em nós e podermos transmitir esses valores*. Catarina também corrobora com esta linha de raciocínio ao dizer que os valores existem numa relação dinâmica entre professor e aluno, *através da experiência com o outro, do que o outro deixa em mim. É um ciclo de vivências*. Restrepo (2004) confirma esta visão quando reflete a necessidade de haver mais diálogo entre os indivíduos, sejam adultos entre adultos, adultos e crianças e crianças com crianças, diálogos sustentados por valores e ações valorativas, bons exemplos de cidadania em todas as esferas da sociedade, formando uma teia de contactos mais equilibrados, harmoniosos, de mais paz, respeito, alegria e afetividade. E com toda a certeza, esta dimensão lúdica pode e deve ser aprendida na família e na escola, com vivências que inspirem e despertem as crianças a uma postura valorativa e positiva diante da vida.

Ainda dentro do primeiro objetivo, encontra-se a pergunta n.º 2 (Guião, Apêndice 1), “O que pensa sobre a educação de Valores Humanos para o desenvolvimento da formação social, emocional, moral e ética das crianças”. Aparecida destaca a socialização infantil ao dizer *acho que são muito importantes para o desenvolvimento até para a socialização da criança, o crescimento harmonioso*. E finaliza sua afirmação com a palavra “harmonioso” (grifo pessoal) revelando a necessidade do equilíbrio na aprendizagem dos valores para que esta socialização aconteça de maneira satisfatória para a vida da criança. Tal harmonia foi também citada por Mariana: *É fundamental porque a partir dos valores que são transmitidos a criança cresce em harmonia e é um ser mais capaz e mais desenvolvido; não é?*

Outro ponto que comparece merecedor destaque, como observa Borsa (2007), a socialização é um processo participativo, de interação com o outro, muito importante para seu desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz suas necessidades, absorve cultura e nesta relação dinâmica a sociedade perpetua-se no decorrer de seu ciclo vital. Esta transmissão cultural acontece através de agentes culturais como a família, principalmente os pais, a escola, especialmente na figura do professor, os meios de comunicação e o grupo social no qual a criança está inserida. Dessarte, um dos aspetos mais relevantes da socialização infantil é as crianças aprenderem os valores morais corretos

dentro de seu meio social e também aqueles valores que não são bem aceitos em sociedade, por serem julgados incorretos. Durante a entrevista, Aparecida disse: *A criança que não interiorizou os valores e que não cresce baseando seus comportamentos nos valores vai ter problemas de socialização, vai ter problemas de aceitação pelos pais, vai ter problemas de aceitação por adultos, vai ter problemas de aceitação na escola, na sociedade e posteriormente então no trabalho.* Como observam Rengel & Guazzelli (2016), um dos desafios nas instituições educativas é contribuir para a formação moral e ética das crianças-cidadãs, sendo essencial que na educação a participação do indivíduo seja construída e problematizada na vida dentro de seu grupo social, para que a criança possa pensar sobre os problemas do cotidiano, interesses pessoais e dos seus pares, seus direitos e deveres para viver melhor em grupo, a noção dos seus limites e a aceitação dos mesmos e os dos outros. Mariana, ao afirmar que *é fundamental para uma criança crescer com esses valores quando nós não transmitimos e não falamos, acho que é mau, eles não crescem com isso*, considerou uma atitude negativa por parte dos professores não ensinar valores humanos porque as crianças não crescem com este conhecimento. Ao criticar esta atitude expôs a posição de total dependência dos pequenos face aos adultos, responsabilizando-os por esta aprendizagem. Seu pensamento vai ao encontro com o que este estudo aborda, a importância da educação em valores humanos. Como já foi mencionado em momentos anteriores neste trabalho, nos dias atuais a escola exerce seu papel de educadora e formadora de aprendizes para a vida. E os educadores devem estar atentos ao seu trabalho, procurando qualificarem-se mediante formações, cursos, grupos de estudo e leituras individuais para estarem à altura de suprir as necessidades das crianças e contribuir com o desenvolvimento de seu intelecto, mas principalmente da sua formação humana permeada de valores. A resposta de Catarina é concordante com as demais, *acredito que os valores são um norte para despertar práticas humanas desde os tempos mais infantis.* E evidencia estes tempos infantis como importantes para aprender e apreender valores. As crianças estão a ser enviadas para as escolas cada vez mais cedo, com menor idade (devido à organização social e familiar, que impõe aos pais mais horas de trabalho para garantir o sustento da família), e assim ficam mais tempo de suas vidas dentro de instituições educativas, o que lhes possibilita maior acesso ao universo de conhecimento e a aquisição de valores morais e éticos ao mesmo tempo que exige dos educadores mais competências e habilidades para educar em valores humanos. Rengel & Guazzelli (2016) declaram que a criança ao entrar na escola já vem com uma breve noção dos conceitos básicos como alguns procedimentos de autoridade; entretanto precisam de muito tempo, de ocasiões favoráveis e de estímulos para realizar atividades e tarefas, uma vez que estão em fase de evolução. Além disso, necessitam de proteção,

cuidados, afetividade e atenção, e infelizmente quanto mais a sociedade se desenvolve mais difícil se torna para muitas famílias cumprirem com seu papel de formadora primária, de fornecer as bases iniciais para as crianças.

A última pergunta consoante ao primeiro objetivo (pergunta 06 do Guião, Apêndice 1) é “Qual a importância de ensinar Valores Humanos para as crianças do 1º Ciclo”. A resposta de Aparecida tem duas abrangências: quando afirma *eu, para mim, considerava importante trabalhar desde o Pré-Escolar (...) a partir do momento que eles começam a perceber que existe mundo à volta deles, não é? (...) mas se conseguíssemos trabalhar sem pressões com as crianças logo após os três anos (...) e não só após os 06 anos (...) também já acontece, os educadores já trabalham com eles a partir dos 03 anos que eu sei que sim.* A professora enfatiza a importância da aprendizagem na idade Pré-Escolar e reitera que seja um processo *sem pressões*, o que reporta ao pensamento das autoras citadas no parágrafo anterior, quanto ao que as crianças necessitam (atenção, estímulos, vivências valorativas, etc.). Ao mesmo tempo dá a entender que na educação Pré-Escolar trabalha-se com certa pressão, logo após justifica sua própria opinião, ao dizer que já acontece da maneira mais adequada. Muitos pensamentos vieram à minha mente, por perceber certa contradição no que afirmou. Será que as crianças da idade pré-escolar estão, de alguma forma, pressionadas durante o processo de ensino e aprendizagem de alguns valores? Será que estava a reportar-se à dificuldade inerente à própria faixa etária? Talvez estivesse a fazer uma crítica a alguma realidade que observou na instituição em que trabalha ou em outra instituição do seu passado laboral ou apenas uma sensível crítica ao ambiente social no qual vivemos nos dias atuais, que é um ambiente cheio de stresse e que atinge também as crianças. São hipóteses que estou a levantar, pois na altura da entrevista, sem o recurso da interpretação que agora faço, fica difícil definir o que de facto quis dizer. A outra abrangência detetada no discurso de Aparecida é: *Eu penso que o trabalho mais intenso e penso que não estou errada, é precisamente no 1º Ciclo que tem mais condições para isso, havendo um sistema de monodocência o professor consegue gerir muito melhor esses valores porque está lá 25 horas por semana.* Silva(1998) refere-se ao professor do 1º Ciclo como monodocente porque é único em sala de aula durante toda a semana para um grupo de alunos e generalista porque assume a docência de todas as disciplinas, e hoje em dia, além das disciplinas comuns ao 1º Ciclo da Educação Básica, compete ao professor ensinar as crianças outras áreas do conhecimento, nomeadamente a Informática, utilização de calculadoras e outras ferramentas eletrónicas, pois ser analfabeto digital no Século 21 é estar em falta com a urgência do momento, é não conseguir ler o mundo com as lentes da modernidade. Aparecida valoriza esta condição polivalente do docente ao citar *que ele se torna mais eficiente para administrar o*

ensino dos valores pela permanência com a mesma turma (e por anos a seguir, dentro da realidade educacional portuguesa) com as mesmas crianças, e visualizei nas entrelinhas de seu discurso a capacidade do professor viver valores, ser mais afetivo e pessoal com os alunos, numa relação mais direta e íntima com as crianças. Mariana, ao responder: *Eu acho que a educação para os valores e é o que nós temos em Educação para a Cidadania, mas acho que é uma disciplina que deve ser a todos os níveis porque não só no 1º Ciclo. Claro que o primeiro ciclo é o primeiro passo deles, até mesmo na Pré (...) e acho que é fundamental levarem esses valores pela vida toda.* Esta professora comunga com a opinião de Aparecida, de educar valores em todos os níveis, e cita a *Educação para a Cidadania* como vertente que favorece esta educação em valores, sendo o 1º Ciclo o ponto de saída para a caminhada *por toda a vida*. Esta área será mais citada em outros momentos da entrevista que virão a seguir. Pelo facto de a Catarina ser a professora brasileira residente no Brasil, e por pertencer obviamente a outro Sistema Escolar regido por outra Legislação Educativa³³, sua formação, e consequente visão, é diferente, uma vez que já não existe esta área disciplinar em oferta para os alunos de nenhum ciclo de estudos (mais adiante na entrevista falou a respeito). De acordo com o que a pergunta propôs, respondeu: *Pronto, é a própria formação humana, chega a ser um pilar para uma sociedade verdadeiramente mais humana e igualitária para todos. Se você começa a cultivar esses valores, hoje muito mais a questão do respeito (...).* Ao citar o respeito, a professora enfatiza este valor para conviver em sociedade, a compreensão que o indivíduo precisa ter, e desde cedo, as crianças podem e devem aprender que as pessoas pensam diferente, que cada um tem sua visão acerca dos factos e nem todas as pessoas pensarão como ele ou se adaptam a sua forma de viver. Conseguir compreender essas diferenças (que podem ser expressadas em crenças, formas de agir orientação sexual, etc.) é o primeiro passo para aprender o valor do respeito.

O segundo objetivo deste estudo busca compreender de que forma as educadoras reconcetualizam a educação em valores a partir de suas experiências profissionais. Na primeira pergunta, (pergunta 07 do Guião, Apêndice 1), as participantes foram indagadas “Como aborda o tema valores humanos em consonância com os conteúdos do currículo escolar do 1º Ciclo?”. Aparecida limita-se a citar a disciplina *Educação para a Cidadania* como fator preponderante para a existência de uma promoção de valores em educação. Não fez nenhuma análise a esse respeito, talvez por concordar totalmente com a proposta da disciplina e estar satisfeita com esta oferta em educação. *É assim, primeiro no nosso caso, aqui nossa oferta complementar já é a Cidadania, portanto isso já diz*

³³ A educação no Brasil é defendida na Constituição Federal de 1988, em um capítulo com 10 artigos referentes à educação. Apesar da Constituição, a lei n.º. 9344, sancionada em dezembro de 1996, chamada de Lei de Diretrizes da Educação Nacional, é a que rege o Sistema Educativo Brasileiro. (Serenna, n.d.)

tudo, não é? (...) temos a disciplina que é transversal no 1º Ciclo, a todas as disciplinas (...). Todos os valores da cidadania encontram-se contemplados na Lei de Bases do Sistema Educativo (Conselho Nacional de Educação, 2016), já referida no decorrer deste trabalho, e determina que o sistema educativo deve proporcionar o desenvolvimento integral da criança, e realça o espírito cidadão. A Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (Gabinetes da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade e do Secretário de Estado da Educação, 2016), com dezassete domínios que constituem a matriz curricular de Cidadania e Desenvolvimento, representa um conjunto de diretrizes, competências e conhecimentos em consonância com o Perfil de Alunos à Saída da escolaridade obrigatória (PA) e com as Aprendizagens Essenciais (AE). Neste sentido, compete aos professores e demais educadores das instituições uma boa formação profissional e humana para promover a Cidadania e Desenvolvimento. (CeD) nos alunos. Quando Aparecida enaltece a Educação para a Cidadania, acredito no pressuposto de que reconhece na criança a capacidade de desenvolver-se a partir da aprendizagem de valores, sendo sujeito e agente deste processo, sendo da sua competência como também dos demais educadores de quaisquer instituições a garantia destes direitos que foram estabelecidos na Convenção dos Direitos da Criança (Unicef, 2004).

A professora Mariana também fez jus aos argumentos acima expostos: *Educação para a cidadania. Sim, é uma disciplina transversal a todas as disciplinas, por isso não é especificamente. Estou ali porque é uma hora por semana não estou ali especificamente a falar de cidadania ou de valores naquela hora, ela é transmitida em português e matemática, em estudo do meio, onde, até mesmo no próprio recreio muitas vezes nós podemos ir transmitir esses valores, não é?* E justificou o trabalho perpassado entre as demais áreas do conhecimento e também em outros momentos da rotina escolar, nomeadamente o recreio. Destaco este momento como um rico espaço para troca de experiências e novos saberes em valores.

Catarina relatou outra realidade, a presença da disciplina Educação Religiosa dentro do conteúdo programático escolar brasileiro dentro da qual os valores humanos são ensinados: *É assim, quando a gente tem a disciplina de educação religiosa sempre a gente procura trabalhar os valores nesta disciplina.* Sem dúvida cada país tem seu sistema escolar, e até aqui nada de diferente além do esperado; o ponto em comum que encontrei entre os três discursos é o facto de dizer: *Não é uma questão de parar os conteúdos para trabalhar os valores, nós tentamos inseri-los nas outras disciplinas (...)* é o carácter transversal presente. Em outras palavras, houve um grande destaque para o trabalho com valores em simultâneo com todas as disciplinas da grade curricular escolar, enquanto uma

proposta de ação que deve ocorrer a qualquer momento do cotidiano educativo da criança e não um mero programa a seguir numa disciplina isolada do todo. Apesar da disciplina Educação Religiosa, o Ministério da Educação e Cultura (MEC)³⁴ desenvolveu os temas transversais que devem ser aplicados nos planos de ensino por todo o Brasil, a ética, a saúde, o meio ambiente, a orientação sexual, o trabalho, o consumo, a pluralidade e cultura concomitante às disciplinas básicas. O facto mais relevante sobre as respostas é que as três responderam a importância de trabalhar os valores humanos ao longo do dia a dia escolar da criança.

Sobre a pergunta: “Em sua relação com seus alunos, como desenvolve a construção e a vivência dos valores?” (pergunta 08 do Guião, Apêndice 1). Aparecida citou as noções básicas que as crianças aprendem no seio familiar e na escola assim que ingressam na instituição educativa, *(...) porque a verdade é que nós, no 1º Ciclo, educamos a partir do início (o sentar, o respeitar o outro, no sentido de levantar a mão para falar, o ouvir o outro, o nosso levantar sem autorização, o respeitar o material, o não pegar no material do outros, ter a responsabilidade de trazer sempre o seu material, o não pegar no material dos outros, (...)) não há aula nenhuma em que não sejam trabalhados..* Além de revelar a aprendizagem destas noções básicas e de as considerar valores indispensáveis para o desenvolvimento da criança, enfatizou que independentemente da natureza da aula ensinada tais valores estão ali centrados.

Mariana apresentou outro ponto de vista sobre esta questão ao pôr em relevo não mais o ensino dos valores enquanto proposta em si, mas o que faz para que este ensino seja mais significativo e concreto para todos, especialmente para aquelas crianças que apresentam maiores dificuldades de aprendizagem, *(...) temos 05 horas por semana, o que quer dizer que muitas vezes nós também aproveitamos essas aulas para dar apoio àqueles alunos que têm mais dificuldade.* E destaca o valor da partilha entre as crianças, vai muito além da partilha como geralmente entendemos, que é muito comum de ser trabalhado entre as crianças, dividir seus bens materiais, objetos escolares, brinquedos, mas a partilha de conhecimento: *(...) Uma das coisas que eu converso muito com eles é sobre essa partilha. (...) muitas vezes eu ponho um aluno que é mais rápido, que tem melhor desempenho com um aluno que tem menos, não é capacidade, mas que é mais lento na realização e isso ajuda um e outro e acho que há ali depois uma ajuda mútua (...) vejo uma partilha grande entre eles (...).* Percebi, em seu discurso, seu desejo de que os próprios alunos se ajudem entre si, a partir do momento em

³⁴ O Ministério da Educação e Cultura no Brasil foi criado no governo do presidente Getúlio Vargas (1882 – 1954) chamado Ministério da Educação e Saúde Pública e tinha estas duas pastas. Este ministério representou a valorização da educação que não era reconhecida como um direito de todos os brasileiros até a Constituição de 1934. (Moraes, 2020)

que faz uso das parcerias nos estudos entre os mesmos no desenvolvimento de competências. Vale ainda ressaltar que quando as crianças trabalham com outras, a vivência em dupla ou em grupo possibilita a aprendizado dos conhecimentos pela troca de informações, pelo estímulo que podem oferecer uns aos outros.

Catarina citou a elaboração de uma lista de posturas organizadas com a participação da turma em menor ou maior grau de participação, conforme o grau de maturidade das crianças como uma diretriz para reger a convivência em sala e dentro da escola com base nos valores humanos: *Pronto, quando eu estava em sala de aula construía a lista dos combinados, a tradicional lista dos acordos de convivência, onde você vai desde o respeito (...) a questão ambiental, a questão de cuidar do seu material, despertar o valor da autonomia, eles dão ideias, e dependendo das turmas nós colocamos nos terceiros, quartos e quintos anos, para eles mesmo escreverem a lista. Estas regras são nada mais que valores construídos para aquele ano letivo. Não uso a palavra regras, porque parece uma coisa distante, mas se falarmos: - Olha o que nós combinamos para nossa realidade, em nosso dia a dia, em como nos comportar? Eles entendem mais.* Catarina trouxe à tona três aspectos muito importantes para a questão da construção dos valores com crianças: a questão da participação das crianças na elaboração das atividades; a escuta ativa do que as crianças têm a dizer, sua opiniões e ideias acerca de um contexto; e a importância dos adultos falarem de uma forma que elas entendam, numa linguagem que faça mais sentido, conforme sua forma de pensar e ver o mundo. Sublinhe-se ainda nesta questão o que a professora afirmou: *(...) eu me vi nessa construção de valores, a docente posiciona-se como doadora e recetora do processo de ensino e aprendizagem. Equivale asseverar o que Freire (1996 p. 26), “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, o professor precisa proporcionar uma prática contextualizada na qual situa a criança como sujeito ativo e pleno (o melhor possível de acordo com o contexto em que está), e concreto das ações, construídas a partir de uma interação com o meio em que está inserida, para formar uma identidade além de individual, também coletiva, que pode ligá-la com a realidade que está a ser apresentada e vivenciada em sala de aula ou em qualquer ambiente escolar.*

Nos termos da próxima questão (pergunta 5 do Guião, Apêndice 1) “Dentro de sua experiência profissional, é capaz de encontrar e narrar algumas situações concretas que envolvam educação de valores?”, Aparecida apresentou uma prática que é feita na escola que busca reconceitualizar a educação dos valores, que é um dos objetivos deste estudo, a partir de encontros com as crianças: *Sim, começamos para aí há coisa de uns 05 anos atrás, a fazer Assembleias de Turma, são feitas mais ou menos uma vez por mês (...).* Através desta iniciativa é possível perceber o esforço que é feito pela

escola e pelos docentes para refletir com as crianças os valores humanos, a partir de situações que surgem no cotidiano escolar, conflitos naturais da convivência em grupo, da fase descobertas e afirmações, de momentos que suscitam as crianças às aprendizagens em todas as áreas da vida, que envolvem comportamentos morais e éticos que cabe aos adultos oferecer-lhes ferramentas emocionais para que desenvolvam posturas equilibradas, uma vez que segundo a própria professora a ausência de muitos valores causa um quadro de conflito: (...). *Não digo sempre, mas a maioria das vezes aparece precisamente por falta de valores dos alunos, não é?* Esta reconceitualização de valores é produtiva a considerar o trabalho em conjunto, no confronto de ideias e opiniões, que proporciona o desenvolvimento da competência comunicativa, um trabalho feito a partir de conversas, do exemplo de cada um, do debate construtivo, (...) *os próprios alunos sugerem os temas, mais a ver com a gestão de conflitos (...) eles debatem o porquê, as causas, consequências e assumem as determinadas responsabilidades naquilo que aconteceu (...) e ao elaborarem a ata eles dizem o que devem fazer para melhorar e como são eles próprios (...) a sugerir o que fazer, comprometem-se (...) e realmente consegue-se notar melhoria (...).* Daí reside a importância dos grupos, e o modo como podem influenciar as interações criança-criança neste processo de descoberta e construção dos valores.

Consoante a Mariana, afirmou que (...) *acho que às vezes também é preciso saber transmitir a estas crianças. Às vezes não são os valores, é como não são passados em casa. Como lhe disse, nós, escola, temos obrigação, entre aspas, de poder transmitir, (...) é muito lento realmente, mas está a ter frutos.* Como já foi afirmado neste estudo, a família exerce sobre a criança grande domínio, uma vez que é o primeiro espaço de convívio da criança. Atualmente a família lida com as fragilidades decorrentes de fatores internos e externos, sejam eles de ordem pessoal, social ou profissional e mesmo com muitos desequilíbrios, favorece à criança diversas aprendizagens, e como afirmou a professora Mariana, o modo como a família ensina influencia todo o processo de desenvolvimento da criança pela vida afora. Convém a afirmação de Brito & Soares (2014, p. 249):

Logo, na tentativa de se evitar tais consequências surgidas no âmbito social, econômico, afetivo, que atualmente envolve as famílias, faz-se necessário um repensar das relações familiares. Esse pode ser o primeiro passo para proporcionar um ambiente familiar que satisfaça as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina, aprendizagem e comunicação, pois é nele que se estrutura a mais importante forma de aprendizagem: a de estabelecer vínculos, isto é, a capacidade de aprender a se relacionar.

De seguida encontra-se o depoimento de Catarina, que ao contar um caso de uma criança com necessidades educativas especiais: *Era uma criança que tinha muita dificuldade motora e as crianças ficavam com ela no recreio porque foram incentivadas em sala (por mim) para a aceitação das diferenças. E tinha outro caso de crianças que tiveram que ser transferidas da escola porque não conseguiam conviver com o comportamento de certas crianças autistas, com dificuldade de convivência, de enfrentar nesta situação em sala de aula, houve uma criança com tanto medo, não aceitava ficar perto, num mesmo ambiente com crianças deficientes que chorava de aflição (...) a família pediu transferência da escola.* Em sua procura por posturas valorativas de empatia, afeto, aceitação entre as crianças, Catarina usava estratégias que favorecessem a aceitação das diferenças. Se os valores são aprendidos, ao dizer *sim, eu vi bons e maus valores numa situação*, ela faz uma comparação entre o que seja bom e mau valor, ou contravalor, conforme sua apreciação de duas realidades antagónicas numa mesma turma de alunos. Sabe-se que dentro de uma família, filhos educados de um mesmo modo acabam por tornarem-se bem diferentes, por elementos como personalidade, história de vida, acontecimentos do quotidiano que levam a lições de vida distintas, fatores externos, e outros, de modo mais acentuado na escola, mesmo sendo uma professora polivalente, responsável por todas as disciplinas durante o ano letivo (no Brasil a legislação não determina que uma mesma docente assuma uma mesma turma durante o 1º. Ciclo) cada criança tem as suas posturas diante das situações, independentemente dos valores que a professora ensine, em outras palavras, a professora ensinou os mesmos valores que não foram assimilados da mesma maneira com consequências positivas e negativas diante do conflito apresentado. Andrade (1997) afirma que os valores são conceitos e educar para os valores não é a mesma coisa. Um indivíduo adulto ou ainda criança pode conhecer o conceito de um determinado valor, como a empatia, e não ser de facto empática. Saber significa conhecer a definição, seu uso, dar exemplos, mas não implica no ato em si de empregar o valor referido enquanto predicado. Ainda segundo o autor, outro ponto importante é que os valores são conceitos que se encontram numa hierarquia, aos quais a pessoa dá valor. Esta comparação que aparece diante de um conflito pode ser de cunho intrapessoal, quando uma mesma pessoa entra em conflito consigo acerca de um dilema e tem de escolher qual dos valores para si é o mais importante e estabelece uma hierarquia de valores, ou interpessoal quando, há um conflito entre pessoas, ou entre crianças e tem de ser decidido sobre um determinado ato, se ele é bom ou mau, fazendo-se um juízo de valor sobre uma hierarquia que já existe, como no caso da criança que saiu da escola.

O terceiro e último objetivo do estudo refere-se à "investigação dos benefícios e desafios percebidos pelos Educadores, a enfrentar no exercício desta proposta educacional para o exercício de uma cultura de paz, dentro e fora da escola, das crianças dos 06 aos 10 anos", e constitui-se da questão "Quais os principais desafios com que se confronta para realizar educação de valores com as suas crianças? Porque? (pergunta 03 do Guião, Apêndice1). A professora Aparecida levantou 04 (quatro) desafios como obstáculos importantes para a educação em valores e para ficar mais didático optei por fracionar a resposta da professora à medida em que apontava os desafios: Como primeiro desafio, *Falo especificamente das crianças das cidades que são diferentes das aldeias, são crianças com um stresse enorme; são miúdos que não têm grandes espaços ao ar livre para brincar, saem muito tarde das escolas, os pais vm buscá-los a correr para os meter noutras atividades e depois chegam a casa e é tomar banho, fazer os trabalhos de casa (...)*. É na família e na escola que a criança busca e encontra um melhor entendimento das situações que acontecem em seu mundo. A situação económica pela qual muitas famílias enfrentam nos dias de hoje, aliada à outros fatores, como crises na família, desemprego, baixos salários, carências de recursos que causam instabilidade mental e emocional dentre outros problemas afetam o bem estar das crianças. Além deste quadro, numa classe mais favorecida da sociedade, as crianças encontram-se como bem descreveu a professora, sobrecarregadas de atividades durante o dia, limitando a livre expressão de sua infância. A investigadora e autora do livro *Crianças ocupadas*, Maria José Araújo, afirma numa entrevista ao site Educare.pt (Oliveira, 2009), que a criança após o ensino regular no 1º. Ciclo tem o pleno direito de fazer outras atividades sem, contudo, serem direcionadas como se fosse um segundo turno de trabalho e que esta carga extra representa um desequilíbrio, pois a criança não deve ser igualada a um adulto. Esta carga extra muitas vezes causa nas crianças ansiedade, nervosismo, agitação, melancolia o que pode caracterizar um quadro de stresse infantil. A autora refletiu ainda que o oposto de tempo livre não é tempo ocupado, e que as crianças precisam ocupar-se com liberdade e terem voz ativa e uma escuta sensível por parte dos pais na escolha do que fazer com seu tempo, do contrário tornam-se vítimas de uma escolha imposta e finaliza seu pensamento ressaltando que não há lógica estender o tempo de ocupações e obrigações das crianças em demasia de forma a impedir as crianças sem tempo para o descanso e a brincadeira, isto é, sem tempo para serem o que são: crianças. O segundo desafio apresentado por Aparecida é a falta de tempo dos pais em ensinar valores *(...) quando nós falamos para os pais, nós não gostamos, os pais sabem perfeitamente o que é certo e errado, e aquilo que deve falar e o que devem inculcar nos filhos, mas alguma coisa aqui está a falhar e eu suponho que seja essa falta de tempo, de qualidade entre os encarregados de educação e educandos, para que sejam*

realmente interiorizados os valores. Como já foi visto, a considerar a atual sociedade, cheia de obstáculos que impedem uma vida de mais qualidade, muitas famílias não têm estrutura para oferecer às crianças uma educação em valores como deve ser, em termos de ensinamentos morais e éticos e delegam para a escola esta função, quando na realidade deve existir uma parceria sólida e constante. Maria José Araujo ainda faz um apelo para uma maior parceria entre a família e a escola, tal como exposto no corpo deste estudo, quanto à importância da família e escola adotarem uma mesma linguagem:

É muito difícil quando são alunos que não querem aceitar regras, que os valores não são transmitidos, que acham que a escola não vale a pena, que não aprendem, (...) isso vem muito de casa (...) muitas vezes os pais falam da professora de uma forma menos correta à beira dos filhos e isso leva os filhos a rejeitarem um bocado a professora e aquilo que ela pode transmitir" (Oliveira, 2009, n.p.).

Afirma que "quando nos descobrimos limitados e fracos então questionamo-nos, surgindo a rutura com a indiferença" (Oliveira, 2009), é o que de facto acontece na medida em que os pais muitas vezes por não entenderem a proposta filosófica e pedagógica da instituição não a aceitam, e questionam a própria escola e seus professores, e alegam não ser o suficiente para educar os seus filhos e este é o terceiro desafio, *(...) são implementados valores que em casa não dão continuidade e essa implementação dos valores de maneira que encontra-se uma barreira grande para, digamos, educar a criança para os valores.*

O quarto desafio apresentado por Aparecida encontra-se no contravalor da intolerância, *(...) e às vezes há uns ajustes, mesmo na criança na escola, porque a criança não consegue entender isto, o que é ser intolerante, eu percebo imensa intolerância.*". A indiferença, citada por Pereira (1997), está de certa forma implícita aqui, quando os alunos não dão atenção ao contexto escolar do momento, revelando desinteresse e discordância na aprendizagem de valores, mas penso que o quadro vai mais além do que esta análise, porque a indiferença é uma característica existente na sociedade moderna e as crianças estão inseridas neste contexto e recebem dos adultos esta influência agindo em conformidade. Mariana afirmou que *os pais têm pouco tempo com os filhos e então é um bocado esse desafio, por que nós queremos transmitir os valores e não quero dizer com isto que os pais não transmitem também, mas muitas vezes facilitam e como tem pouco tempo com eles deixam-nos fazer tudo e não conversam muito com os filhos.* Mariana evidencia o modo como os pais agem com os filhos, ao deixá-los muito livres em suas condutas e decisões, por que os pais são muito facilitadores,

podem transmitir os valores mas não são assertivos, eles deixam muitas vezes os alunos tomarem, não fazem as coisas para facilitar a vida deles. Catarina sintetizou num único desafio o impedimento para uma educação de valores que é a realidade das próprias crianças sendo assim para si é o grande obstáculo a ser superado: *Olha, o grande desafio é justamente a realidade dessas crianças. É a confrontação desses valores com o que muitas crianças trazem de suas realidades. (...) e daqui que você desconstrua esse pensamento na criança, porque ela vem de casa com uma verdade de sua mãe daqui que você desconstrua isso vai ter que trabalhar muita coisa, né? Um pensamento surge à tona, que é a questão de desconstruir na criança ideias. Talvez o verbo seja agregar novos conhecimentos, pontos de vista, ao invés de uma desconstrução.*

A última pergunta feita, "É capaz de identificar situações concretas que mostrem benefícios da aplicação de uma proposta educacional em valores humanos dentro e fora da escola, com crianças dos 06 aos 10 anos?" (pergunta 04 do Guião, Apêndice 1), Aparecida cita a aula de educação física como um momento em que os valores são mais trabalhados: *Então, nas aulas de Educação Física é a rainha de trabalhar os valores porque é onde eles estão mais descontraídos e se esquecem deles, então não é preciso chamar os valores (...).* A professora afirma que nessa aula os valores estão sempre a ser chamados para a reflexão. Sem dúvida que a educação física é essencial para o desenvolvimento da criança em fase de escolaridade não somente pela questão do corpo, mas da mente, sua estrutura emocional e social. Como bem afirma Mota (1997), a saúde enquanto uma ação individual e também coletiva está associada a uma qualidade de vida que dentro de uma hierarquia de valores assume a atividade física como uma componente essencial. Portanto, a educação física só pode atuar na nossa perspectiva como agente de educação da saúde enquanto procurar em confrontar a criança não apenas com a ideia de um futuro distante, mas com a de um cotidiano que tem que ser vivido sentido e mais importante em que se confronta com muitos valores e influências. Pressupõe-se por saúde aqui como um conjunto de posturas equilibradas que a criança desenvolve no âmbito físico mental e emocional para viver com mais qualidade de vida e a expressar-se mediante valores positivos. A professora Mariana afirmou através da sua resposta que quando o trabalho é feito de fora para dentro, ou seja, um projeto desenvolvido por pessoas que não estão diretamente envolvidas em sala de aula surte o efeito maior e mais positivo junto as crianças no que se refere a educação em valores humanos. Considerou que, por ser professora titular, está com as crianças todo o tempo e na maioria das vezes ensinamentos de natureza moral, portanto, valorativos, são melhor assimilados pelas crianças quando são outras pessoas a dar exemplos e a promover vivências com esta finalidade. Catarina que Aparecida relatam casos semelhantes de crianças que perderam um dos seus

progenitores e passaram por inúmeras dificuldades. Contam que foram apoiadas pelas outras crianças da turma numa manifestação de carinho e empatia assim como outras famílias e membros da escola. Aparecida disse (...) *a turma toda reagiu realmente de uma forma fantástica eles ajudaram aquela colega mesmo e eles deram-se bem e os pais dos meninos ajudaram e ofereceram qualquer auxílio que a senhora precisasse, extrapou a escola (...).*

Ambas as professoras demonstraram contentamento por estas reações positivas onde muitos valores foram revelados, o que expressam os frutos de um trabalho: *Foi triste, mas muito lindo ver os valores que nasceram daquela situação (...) E conversando com os demais professores sobre o que matou a mãe, pensamos que foi a própria sociedade sem valores"* (Catarina) Esta professora faz uma análise dos motivos que levaram a mãe da sua aluna a falecer, e encontra na sociedade o cerne da questão. Não é mérito deste estudo analisar a sociedade atual e as consequências devastadoras que muitas famílias enfrentam nos dias de hoje, embora afirmar que os valores estão a ser discutidos porque a sociedade está numa crise não é nenhuma heresia, muito pelo contrário. Muitos problemas já foram relatados acerca deste assunto neste trabalho, ou seja, do quanto a sociedade com os seus obstáculos impede muitas famílias de uma vida digna do quanto é necessário e fundamental ensinar valores humanos as crianças desde pequenos num esforço conjunto entre família e escola na superação das dificuldades que a vida impõe.

Capítulo 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoalmente, tenho muitas perguntas, indagações que fiz ao longo de minha caminhada educativa. Algumas delas em minha trajetória profissional respondi; outras, espero um dia ainda as ver respondidas. São reflexões que faço como educadora e refiro-me em especial ao questionamento do “porque” (grifo pessoal) que apesar dos muitos projetos escolares bons que existem na sociedade para promoção de valores humanos, porquê há tantas crianças com dificuldades de convivência, com características de agressividade e outros problemas de ordem emocional? Penso que as dificuldades que muitas famílias enfrentam atualmente, devido a uma série de problemas sociais como o desemprego os baixos salários a carência alimentar ou até mesmo situações de fome, falta de moradia, quadro de violência doméstica, uso de álcool ou drogas por familiares e outros desequilíbrios interferem negativamente no desenvolvimento pleno da criança, mas no âmbito escolar, o que falta fazer para a implementação e o sucesso de uma educação em valores humanos? O tempo urge por transformações constantes e para a superação dos desafios, e assim, por pessoas cada vez mais capacitadas e competentes para a vida em sociedade.

Acredito que temos de nos revestir de novos valores para a sociedade pós-pandemia, que não podemos continuar com os mesmos valores, temos que desenvolver uma consciência mais humana e sustentável, pensar nos recursos naturais que o planeta possui, explorados e usados de maneira irresponsável, na fauna ameaçada de extinção, no excesso de violência, nas desigualdades sociais nos apelos de consumo, perceber que a pandemia trouxe novos desafios para as pessoas, novas formas de conviver e viver, um novo olhar não só para si mesmo, mas para o outro, uma consciência de que a vida é partilha mútua, é reciprocidade, é solidariedade, é ter menos egoísmo e mais empatia, é ter mais responsabilidade com os nossos direitos e deveres. A considerar que as crianças fazem parte da sociedade, que devem ser vistas como sujeitos capazes de desenvolver habilidades que serão necessárias para a vida adulta, nisto reside a importância da educação em valores humanos ao fornecer conhecimentos práticos formas de pensar e de agir tão necessárias para a formação das crianças.

Se os que detêm o poder econômico do mundo voltarem seus olhos para as crianças, especialmente para as que mais sofrem, que se encontram em situação de vulnerabilidade, talvez alguns destes questionamentos encontrem resposta. Em meu país natal, trabalhei em algumas escolas em zonas muito carentes da cidade, em instituições com um número grande de famílias e de crianças que demonstravam desequilíbrios e uma formação em valores deficitária. Tais crianças revelavam

problemas comportamentais como a indisciplina e oposição às regras de convívio social. O intervalo (a hora do recreio) o momento mais livre, da descontração, de relacionamento aberto e prazeroso, das trocas positivas de afeto, era um espaço para brigar ao invés de brincar. Nos casos de maior repetição destes incidentes, os pais, quando contactados, demonstravam nitidamente através de olhares e expressões faciais, e mesmo da verbalização, que não sabiam mais o que fazer para lidar com certos problemas, que os filhos agiam muito diferente da maneira como foram ensinados em casa. Mas cada família tem sua rotina e sua maneira de viver e conviver, e nesta perspectiva seus valores são aprendidos e repassados aos filhos. Valores que muitas vezes entram em choque com os valores transmitidos pela escola.

As crianças convivem dentro da sociedade que os adultos constroem, permeadas de valores contraditórios, e convivem com estes adultos, espelhos desta ordem social. Tais adultos influenciam as suas crianças através dos laços familiares e ensinamentos, muitas vezes distorcidos do que é realmente essencial, e as suas crianças levam esta bagagem de conhecimentos para a escola, e no convívio com seus pares, assimilam novos padrões de comportamento que se não forem trabalhados com afinco e sabedoria pelas instituições educacionais, correm o risco de viver uma ilusão, como se tudo fosse fácil na vida. Como prepará-las para uma vida real, sem perderem a fantasia de sua infância? Uma educação em valores humanos pode ser a chave para esta emergente e urgente situação social. Como viver, educar e aprender numa mesma língua de valores? Munida com estes pensamentos percebo a necessidade de mais pesquisadores nesta área, porque a educação familiar, a educação institucional e as aprendizagens sociais, nunca param. E não podem parar. E quanto mais pessoas, de várias áreas do conhecimento se dispuserem a refletir estas questões, mais rapidamente novos caminhos poderão ser encontrados. As crianças terão muito a ganhar com o esforço conjunto dos adultos.

As lições adquiridas das experiências que a escola pode oferecer são marcantes para toda a vida da criança, e numa educação em valores estas lições devem ser como a vida fora das paredes da escola, cheia de conflitos, os quais exigem do indivíduo todo o seu potencial criador e transformador, que por sua vez é adquirido com conhecimentos conceituais, sem dúvida, os conhecimentos académicos são importantes para a formação do aluno, o que fazer, mas acima de tudo com conhecimentos procedimentais, as ferramentas necessárias para a ação, o como fazer, e os conhecimentos atitudinais, as razões intrínsecas da ação, os motivos que levam a ação, e os valores encontram-se nesta esfera e nesta caminhada da vida da criança, e cabe aos docentes (e os encarregados de educação) fornecer elementos que estimulem a criança em sua trajetória para que ela

aprenda valores e possa perceber-se com um ser em transformação, nos acertos e erros que faz ao longo de seu percurso escolar.

Mais importante que conceituar e hierarquizar valores, está a valorização da escola, como ambiente em que a educação acontece, local em que a criança desenvolve sua humanidade, onde são cultivados, os valores humanos. Quando os professores educam as crianças, constroem em cada pequeno ser horizontes do saber teórico, do campo afetivo, da capacidade de agir. Digo horizontes porque no enfoque infantil este processo de construção está somente no início.

Através dos relatos obtidos nas entrevistas narrativas (auto)biográficas pude observar e constatar os docentes como agentes ativos desta construção, porque proporcionaram, através de suas práticas, momentos em que as crianças puderam descobrir-se, descobrir os outros, seu mundo e a vida. E neste sentido, a narrativa (auto)biográfica quando foi apresentada por minha orientadora, à primeira vista rendeu-me muita dúvida, como as docentes poderiam fornecer-me dados suficientes e satisfatórios para a investigação, através da narrativa de histórias de vida. Isto gerou-me insegurança, dado o meu desconhecimento da técnica, mas, à medida que comecei a entender o processo e posteriormente a aplicá-lo juntos às docentes pareceram ser os melhores recursos para compreender, através da narrativa de fatos da vida de cada docente, a dinâmica dos valores, a sua construção e solidificação junto as crianças através da prática docente, as contribuições destas professoras para o desenvolvimento das crianças enquanto sujeitos do processo de uma educação valorativa. Cada professora entrevistada ofereceu em sua narrativa um pouco da sua maneira de educar em valores humanos em situações concretas, uma vez que para ensinar valores é fundamental haver o envolvimento de pessoas. Pude comprovar que essas situações podem ocorrer no âmbito de qualquer área de ensino, sem necessariamente ser uma disciplina curricular para este fim.

Entendi que as situações propostas pelas docentes e vivenciadas pelas crianças são situações que levam a ações humanas e assim a educação para os valores pode ser trabalhada mediante tais situações que desencadeiam em decisões e as crianças que aprendem a tomar decisões desenvolvem um pensamento autónomo tão necessário para a vida em sociedade. As professoras relataram casos de crianças em variadas circunstâncias que me levaram a crer que são situações que manifestam conflitos intrapessoais e ao mesmo tempo interpessoais, pois a criança é um ser por inteiro, que analisa uma situação a partir de seus conceitos elaborados e de critérios considerados como importantes para si.

Ainda quanto ao método utilizado neste trabalho, as narrativas (auto)biográficas, reforço que foram para mim uma grande descoberta, desde o processo de obtenção das informações, a

transcrição e a análise. É facto que todos os indivíduos narram seus feitos ao longo de suas vidas, em diálogos e conversas em grupos, adultos e crianças utilizam a narrativa para comunicação e desenvolvem-se por meio dela, E hoje respondo com um assertivo sim, quanto ao efeito desta metodologia. Lani-Bayle (2018) afirma que existem muitas ligações entre a capacidade narrativa e o aprendizado. Que os indivíduos aprendem melhor senão contando as descobertas, postura muito adotada pelas crianças na escola. E destaca ainda que os melhores candidatos para aprender são os professores. Através de seu ofício, das experiências que realizam com as crianças, as professoras tecem uma malha de ensinamentos e aprendizagens, com sensibilidade para perceber as histórias das crianças, à medida em que os conflitos surgem.

Conclui que as histórias de vida narradas pelas professoras são um capital vital para o entendimento da construção dos valores humanos com as crianças e que o indivíduo deve assumir a tarefa de se reinventar a cada dia se deseja viver com mais qualidade de vida, e carece de muitas pesquisas e mais ações nesta área, nomeadamente com crianças do 1º. Ciclo, para formar no professor esta postura de reinventar-se, de construir-se, enquanto realiza o processo ensino e aprendizagem com as crianças para (re)conceitualizar os valores humanos como meta a atingir.

A sociedade em constante mutação exige da escola, com os seus docentes e demais profissionais da educação, um esforço cada vez maior em suas práticas educativas, que haja uma revisão crítica de suas posturas, que os docentes reflitam periodicamente seus propósitos junto às suas crianças, sua motivação em ensinar, e a importância que dão para os valores em sua ação educativa, para que o trabalho junto às crianças seja potencializado, com respeito à liberdade individual, fornecendo informações e conhecimento dos valores, as consequências das escolhas feitas e assim contribuir para o desenvolvimento realmente integral dos educandos. Neste contexto, uma escola que se preocupa com a construção de bons valores e que esteja comprometida com a formação de cidadãos empáticos, conscientes, íntegros e justos é a melhor escolha para as crianças e também adolescentes. É preciso multiplicar nos professores esta responsabilidade enquanto agentes de educação.

Observei que as narrativas das professoras revelaram sua intenção em empreender junto às crianças uma educação em valores humanos, através de suas práticas e sua visão pessoal de mundo. Encontrei professoras verdadeiramente preocupadas como as crianças, engajadas em projetos que objetivam a melhoria na qualidade do processo educativo, comprometidas com a aprendizagem de valores morais e éticos, a partir do diálogo, da reflexão em grupo, do acompanhamento individual, de projetos, do despertar de iniciativas dos próprios alunos. As três professoras entrevistadas,

independente da geografia, buscaram alternativas para amenizar ou solucionar conflitos do cotidiano, uma constatação muito positiva.

Pelas experiências apresentadas, percebe-se que a competência docente das participantes para tal fez-se ao caminhar, isto é, ocorreu durante o processo de ensino e aprendizagem, pois relacionou-se com o saber em ação, que abrange um conjunto de conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais desenvolvidos, que devem ser contemplados numa formação de docentes. A partir do pressuposto de que as professoras não descuidaram de trabalhar os conteúdos do programa escolar assumiram a responsabilidade pela transmissão dos conhecimentos conceituais, aqueles que remetem ao conhecimento construído pela humanidade que são importantes para a formação do pensamento e tais conhecimentos ajudam a criança a diferenciar o que é real e o que é fantasia, gera dúvidas e as dúvidas incentivam a criança a descobrir, analisar e a pensar, elementos que produzem mais conhecimento (vale salientar que não é a proposta deste trabalho analisar a importância de todos os conhecimentos formais ensinados às crianças); nas suas estratégias de ação propuseram às crianças a oportunidade de interagir e agir com o mundo a partir dos conhecimentos procedimentais com o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para resolução de conflitos e por fim as docentes proporcionaram conhecimentos atitudinais que envolvem conceitos, valores e normas, ajudaram as crianças a tomada de atitudes frente a situações de conflito, e a utilizarem valores como forma de conduta. Óbvio que cada professora agiu consoante a sua realidade numa atuação em maior ou menor escala de intensidade com resultados proporcionais ao trabalho desenvolvido, mas isto não implica dizer que houve um trabalho melhor do que o outro.

Penso que uma formação em valores deve ser mais intensificada e seria interessante se houvesse um círculo de discussões entre professores de variadas escolas para a troca de ideias e sugestões, bem como a apresentação de projetos e estratégias de ação utilizadas com as crianças para o intercâmbio de informações e o enriquecimento da prática docente e, quem sabe, a apropriação de novos conhecimentos pelos participantes. Creio que quanto mais intensificada for esta formação, melhores resultados podem ser obtidos.

Reflico que independente das formações oferecidas pela DGE, as Faculdades de Educação têm muito a oferecer às instituições educativas no que se refere à formação docente, a partir das produções dos alunos em conjunto e sob acompanhamento de professores, com os projetos de estudo oriundos das aulas dos cursos de mestrado em educação ou pesquisa. A realização de seminários e oficinas práticas pelos professores, ou produção literária, em eventos abertos à comunidade docente para escolas do 1.º Ciclo, (inclusive com a discussão do tema Valores Humanos), mesmo que fossem

realizados com grande espaço de tempo, as faculdades estariam a realizar um serviço que agregaria valores ao trabalho que os professores já desenvolvem com as crianças. Fica aqui um registo para reflexões posteriores.

Os quatro pilares da Educação fundamentos educativos baseados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors³⁵ em seu relatório editado sob a forma do livro: "*Educação: Um Tesouro a Descobrir*" de 1999 e reeditado pela Editora Cortez (tendo parte da 7ª edição, de 2012, a reflexão dos "quatro pilares" propõe um modelo de educação voltada para os quatro tipos fundamentais de educação: aprender a conhecer (adquirir instrumentos de compreensão), aprender a fazer (ter condições de agir sobre o meio que envolve o indivíduo), aprender a viver juntos (a colaboração entre as pessoas nas atividades sociais), e, por último, e não menos importante aprender a ser (premissa que unifica todas as dimensões) fizeram parte dos trabalhos narrados pelas professoras. Quando as docentes conversam e refletem com um ou mais alunos acerca de uma situação-problema ajudam as crianças a criar um suporte mental e emocional para lidar com os conflitos que é o aprender a conhecer; quando elas criam um espaço e momentos para discussão e reflexão, através dos quais as próprias crianças participam da construção de valores e quando propõem às crianças que encontrem respostas para seus problemas e analisem o seu próprio comportamento, e elaborem atas e listas de posturas valorativas desenvolvem uma reconcetualização dos valores, com a significação de pensamentos e atitudes, destaca-se o conceito aprender a fazer e aprender a ser. Esta compreensão da (re)concetualização da educação em valores é o segundo dos três objetivos deste estudo, apontados na introdução.

O objetivo central proposto para este trabalho, conhecer quais as concepções de professores do 1º ciclo sobre a Educação de Valores Humanos para o desenvolvimento da formação social, emocional, moral e ética das crianças, em linhas gerais foi concretizado através das narrativas (auto)biográficas das docentes. Ao narrarem desafios numa educação em valores mostraram persistência, engajamento e interesse na superação dos obstáculos pelas crianças; ao narrarem benefícios obtidos conseguiram realizar uma construção em conjunto (professoras e crianças) dos valores humanos.

Face ao primeiro objetivo específico deste trabalho “quais as suas concepções sobre a educação de valores”, com a pergunta “como percebe a presença dos valores humanos em sua história de vida”, apesar de as narrativas (auto)biográficas terem fornecido muitas informações importantes, neste

³⁵ Jacques Lucien Jean Delors nasceu em Paris, em 20 de julho de 1925 é um político europeu, foi presidente da Comissão Europeia entre 1985 e 1995, autor e organizador do relatório para a UNESCO intitulado: Educação, um Tesouro a descobrir (1996), em que se exploram os Quatro Pilares da Educação. (Secretaria da Educação, n.d.)

questão não foi de todo respondido tendo em vista que somente duas professoras explanaram mais a respeito do que pensavam sobre valores humanos. Penso que talvez a pergunta feita não tenha sido de todo clara, ou eu enquanto investigadora não explorei com mais rigor este assunto ou a própria docente não quis abordar mais especificamente este tema. As demais perguntas foram respondidas a contento, com a minha satisfação nas respostas porque foram ao encontro dos interesses traçados.

A seguir encontra-se o terceiro objetivo - averiguar os benefícios e desafios percebidos pelos educadores a enfrentar na aplicação da proposta educacional no exercício de uma cultura de paz dentro e fora da escola das crianças dos 6 aos 10 anos - ;pode-se afirmar que as narrativas foram suficientes dentro das premissas deste trabalho, para perceber o esforço e a iniciativa em promover uma educação em valores humanos na busca de um ambiente escolar mais salutar, de bom convívio e participativo, com boas possibilidades de ajudar as crianças em seu desenvolvimento e assim prosseguirem, como pessoas ativas, criativas, empáticas, justas e equilibradas em sociedade, desde que este modelo educativo seja mais aprofundado pelos docentes em suas reflexões em grupo e implementado em todas as escolas do Primeiro Ciclo. Os desafios apresentados, embora em realidades distintas, tiveram raízes comuns que foram a agressividade infantil, a impaciência, a intolerância, a dificuldade das crianças em conviver em grupo, a ainda fraca participação dos pais na educação dos filhos, facto que merece também muito estudo e reflexão. A professora residente num país de grandes dificuldades desigualdades sociais apresentou um desafio com maior complexidade que foi a realidade vivida pelas crianças cujos pais demonstravam maior índice de rejeição ao modelo educativo proposto pela escola, facto que revela que o contexto social difícil vivido pelos adultos tem influência decisiva na postura dos pais frente à escola. Contudo, a rejeição das famílias e o pouco esforço em ajudar a escola no processo de educação e valores não difere das barreiras encontradas pelas professoras portuguesas, o que pode indicar que uma proposta de educação em valores humanos não importa onde seja trabalhada, depara-se com as diferenças inerentes à sua realidade, mas encontra alguns frutos doces e amargos em comum na sua colheita.

Nós, adultos, exigimos e ensinamos nossos pequenos a agir com respeito. Cito o respeito por ser um valor essencial para convivência em grupo e a escola é o primeiro grupo social fora do círculo familiar onde a criança se insere, onde se torna indispensável que haja este respeito mútuo para aprendizagem de valores. Este valor leva à compreensão dos limites de cada um, das limitações dos professores em ensinar e das limitações das crianças em aprender. Mas será que, na prática, nós também os respeitamos? Afinal, a melhor forma de passar bons valores para nossas crianças, é pelo exemplo, e uma educação humanizada é responsabilidade de todos.

Atendendo à importância que o conceito de valores na educação tem ganho nos últimos anos é extremamente relevante um estudo mais aprofundado deste tema. Uma forte constatação que fiz durante as entrevistas é que as docentes abordaram os valores somente enquanto elementos essenciais para assegurar um bom convívio escolar de paz e harmonia, o que de facto é muito importante e de muito mérito. Mas a minha compreensão da questão dos valores vai muito mais além. Neste sentido, as professoras deram um enfoque mais específico dos valores voltados essencialmente para a finalidade educativa e com ações que amenizassem ou solucionassem a problemática da agressividade infantil, outro tema que eu penso estar interligado ao tema valores e que também precisa de mais estudo. Creio firmemente que antes de ensinar valores às crianças é preciso trabalhar estes valores com os professores, conhecer mais a fundo o seu significado, a sua tipologia, a sua aplicação prática na vida do ser humano, todo o seu potencial; assim a pergunta que foi feita na introdução deste trabalho, “como a escola pode contribuir para esta formação das crianças em valores morais através de exemplos bons que contribuam para seu crescimento enquanto cidadãos do bem, promotores de paz e de uma consciência mais humana de igualdade e justiça, com seres mais empáticos e solidários?” possa ser respondida.

De facto, consoante as narrativas das professoras, os valores devem ser trabalhados com as crianças a partir da transversalidade dos conteúdos, na vivência de situações de conflito com discussões e reflexões individuais e de grupo. No entanto, como afirmou Pedro (2002, p.2) “A escola não pode ser transmissora de valores, como se fosse uma doutrinadora (...)”, creio que é possível fazer mais. Criar mais momentos na escola para que as crianças elaborem o seu pensamento, as suas ideias, a sua visão de mundo. Verifiquei que as professoras portuguesas Aparecida e Mariana utilizam todas as disciplinas e alguns momentos educativos para trabalhar os alunos e que a professora brasileira Catarina também o faz; mas, em detrimento da disciplina Educação Religiosa, faz uso também deste momento para a discussão dos valores e em ambas as circunstâncias é possível e viável a realização destas oficinas como mais um complemento de uma educação em valores.

Vale também asseverar que haja mais produções escritas, pesquisa, e investigação acerca deste tema, para conhecer e compreender com mais propriedade a construção de valores humanos junto às crianças do primeiro ciclo, pois parece-me que o foco das pesquisas nesta área ainda é mais recorrente na Educação Pré-Escolar, fase importantíssima para a criança; mas, como a aprendizagem não se encerra neste período, as crianças do primeiro ciclo precisam de toda a atenção e estudo. Conhecer a realidade não só superficialmente é o que se almeja para o ideal das sociedades para todos os cidadãos. Digo aquelas coisas que são importantes de serem aprendidas pelas crianças e

também o modo de aprender como ensinar estas coisas. Para tanto, percebo que os professores do 1º. Ciclo precisam manter-se numa postura de constante estudo, perseverança e renovação de estratégias de ação para que permaneça viva a chama da vontade de ensinar valores, a humildade de reaprendê-los pois os valores estão em constante mudança, e a disposição de ensiná-los.

É sabido que o indivíduo, quando criança, é envolvido inicialmente numa educação informal, e muitas vezes, esta é completada e continuada pela escola que assume o papel da educação formal, com conceitos e saberes técnicos, científicos, históricos, matemáticos. Diante desta realidade é importante considerar a necessidade desta educação formal inserir de forma mais incisiva no seu currículo mais projetos em educação de valores éticos e morais, de maneira interdisciplinar, sempre a suscitar discussões e reflexões, que de maneira livre e aberta levará a criança a refletir o seu papel no grupo social e as contribuições que lhe serão exigidas como futuro executor ativo de sua cidadania. É possível conhecer os problemas e circunstâncias vividas pela sociedade, todos os dias nos telejornais, jornais, revistas e demais meios de comunicação, problemas muitas vezes gerados pela falta de educação preventiva que desperte o cidadão, no caso, mais especificamente a criança e o adolescente, para o que realmente importa. Esta educação preventiva pode iniciar-se no seio familiar, e trago a reflexões futuras a possibilidade da criação de uma espécie de escola de pais, um centro de oficinas de reflexão para os pais como expressão da democratização da educação em valores e para superar que se imponha uma lógica de valores direcionada somente pela instituição escolar, num processo transformador e compartilhado mutuamente, para que as crianças sejam mais beneficiadas em sua educação em valores humanos

Para um estudo mais profundo e pormenorizado do tema é interessante fazer uma retrospectiva de tudo o que já foi feito em termos de educação para valores humanos, as ideias veiculadas nos projetos aplicados; e mais positivo ainda o registo deste conteúdo num portefólio a ser divulgado entre as escolas do 1º. Ciclo como sugestão para a realização de novos projetos em valores humanos. Na esteira deste processo de educação e valores vislumbrei também a ideia de uma Escola de Aplicação dentro de alguma universidade, para favorecer as crianças de uma determinada região a promoção e o desenvolvimento educativo e, além de contribuir para formação destas crianças e um espaço para o uso de práticas voltadas à educação de valores, como escola-modelo de atuação para as mais variadas iniciativas e parcerias estabelecidas. A intenção seria contribuir para o avanço de trabalhos que privilegiam uma educação em valores humanos, que, segundo a minha opinião, penso ser uma abordagem viável para desenvolver práticas com a criança e prepará-la para um futuro permeado por transformações.

Perscrutando-se a importância que os valores humanos têm frente à educação das crianças, pode-se asseverar que a escola, em especial os professores, precisam ter “olhos abertos” (grifo pessoal), ou seja, estar vigilantes quanto aos valores, visto que a complexa sociedade na qual a escola está inserida dificulta sua organização de maneira produtiva neste quesito, o que inviabiliza e dificulta a aprendizagem pelas crianças de novas competências, sem perder de vista que a escola (e os professores), como reflexo da engrenagem social, não consegue responder a todos os desafios e esta vigilância e avaliação de suas metas devem ser constantes como a própria práxis educativa. Uma atenção especial deve ser destinada para a reflexão das reais funções da escola, que ultrapassam o cuidar, entreter e proteger, e o cerne da questão é a escola conciliar de forma equilibrada e produtiva este binómio, educar e cuidar.

O que importa, o que verdadeiramente importa, é recentrar o nosso discurso sobre a escola. Dar prioridade, não ao sistema ou às escolas, mas à Escola com letra grande. (...) Como todas as instituições humanas, tem que respeitar a sua essência, manter-se fiel ao seu destino, sob pena de se desintegrar, de perder todo o sentido.(Pombo, 2003)

A par dos limites que este trabalho apresenta, houve problemas de ordem financeira, laboral e de saúde que enfrentei, e que foram grandes obstáculos para a realização do trabalho e fechamento do mestrado, aliado ao facto de ter estado afastada do universo académico por muitos anos, e o meu desconhecimento de muitas ferramentas tecnológicas; no entanto, no que pese o vigor deste cenário, com o olhar firme nos propósitos deste curso, finalizei este estudo com a ajuda da minha orientadora de dissertação e de presenças amigas, com resultados concretos e adversidades superadas.

Quero aqui destacar que devido à pandemia não foi possível fazer a coleta de dados junto às crianças do 1º. Ciclo e muito menos fazer visitas à instituição escolar, como é evidente; entretanto, este estudo teve por intenção a constatação das experiências e concepções de professoras, e um trabalho investigativo com crianças representa outra vertente, a qual pode ser realizada em estudos futuros, e em seguida pode ser feito um estudo comparativo destes dois pontos de vista, a educação de valores pela ótica dos professores e a mesma prática educativa pelo olhar das crianças. Ou ir mais além, investigar os reflexos desta prática e as concepções dos pais. Dando prosseguimento a esta temática, ficam registadas as ideias e abertos novos caminhos a serem percorridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, J. V. de. (1997). Os valores na educação: uma perspectiva universalizante. In F. M. Patrício (Ed.), *A escola cultural e os valores* (pp. 145–150). Porto, Portugal: Porto Editora.
- Andrade, F. P., Bispo, K. A. S., & Dos Santos, M. C. S. (n.d.). *Valores humanos na educação*. Retrieved from https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_15.pdf
- Anónimo. (2010). Origem da palavra. Retrieved from <https://origemdapalavra.com.br/palavras/valor/>
- Appel, M. (2005). A entrevista narrativa autobiográfica: Fundações teóricas e a prática da análise mostrada a partir do estudo de caso sobre a mudança cultural dos otomíes no México. *Fórum Investigação Social Qualitativa*, 6(2).
- Artigos Nacionais. (1995). Declaração universal dos direitos humanos. *Comunicação & Educação*, 0(3), 13–17. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i3p13-17>
- Aurea-Tardeli, D. D. (2009). Adolescência, personalidade e projeto de vida solidário. In Y. de La Taylle & M. S. D. S. Menin (Eds.), *Crise de valores ou valores em crise?* (pp. 1–19). Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/281463307_Crise_de_Valores_ou_Valores_em_Crise
- Bassi, M. C. P. C., & Lopes, C. C. (2017). A sociedade do consumo e suas consequências socioambientais. *Caderno PAIC*, 18(1), 100–125. Retrieved from <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/251>
- Béji, H. (2004). A cultura do inumano. In J. Bindé (Ed.), *Para onde vão os valores* (pp. 57–64). Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Bindé, J. (2004). *Debates do século XXI - Para onde vão os valores?* Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Borsa, J. C. (2007). O papel da escola no processo de socialização infantil. *Psicologia. Com. Pt O Jornal Dos Psicólogos*. Retrieved from <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>
- Brasil Assessoria. (n.d.). Relacionamento intrapessoal x interpessoal no ambiente de trabalho. Retrieved from <https://www.jjabrasil.com.br/relacionamento-intrapessoal-x-interpessoal-no-ambiente-de-trabalho-2/>

- Brito, R., & Soares, S. (2014). Influência da família na aprendizagem escolar da criança: ponto de reflexão. *Revista Exitus*, 4(1), 241–253. Retrieved from <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/140>
- Carvalho, J. N. M., & Brostolin, M. R. (2017). Crianças como atores sociais no espaço/tempo da creche: Um olhar pela sociologia da infância. *Nuances: Estudos Sobre Educação*, 28(3), 287–305. Retrieved from <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5289>
- Casanova, M. P. S. M. (2011). Educação em valores : necessidade ou obrigação ? *Actas Do XVIII Congresso Da AFIRSE*, 473–481. Retrieved from [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5154/1/Educação em Valores Necessidade ou Obrigação.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5154/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Valores%20Necessidade%20ou%20Obriga%C3%A7%C3%A3o.pdf)
- Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Movimento Nacional de Direitos Humanos, & Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. (2000). *O Brasil e o pacto internacional de direitos econômicos, sociais e culturais*. Retrieved from <https://www.camara.leg.br/Internet/comissao/index/perm/cdh/Pidesc - Relatório Final.html>
- Comissão Europeia. (2017). Os 20 princípios do pilar europeu dos direitos sociais comissão europeia. Retrieved from https://ec.europa.eu/commission/priorities/deeper-and-fairer-economic-and-monetary-union/european-pillar-social-rights/european-pillar-social-rights-20-principles_pt
- Comissão Europeia, & Direção Geral da Comunicação. (2021). *A união europeia - O que é e o que faz*. Retrieved from <https://op.europa.eu/webpub/com/eu-what-it-is/pt/>
- Concil of Europe Portal. (n.d.). O conselho da Europa em resumo. Retrieved from <https://www.coe.int/pt/web/about-us>
- Conferência Episcopal Portuguesa. (2008). A escola em Portugal - educação integral da pessoa. Retrieved from <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-escola-em-portugal-educacao-integral-da-pessoa/>
- Conselho Nacional de Educação. (2016). Lei de bases do sistema educativo. Retrieved from <https://www.cnedu.pt/pt/noticias/cne/1039-lei-de-bases-do-sistema-educativo>
- Correia, C. (n.d.). Ecosistema humano. Retrieved from

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/ecossistema-humano>

Costa, F. N. da. (2013). Sobre o Subjetivismo. Retrieved April 19, 2021, from Blog Cidadania & Cultura website: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/08/04/sobre-o-subjetivismo/>

Costa, M. A. P. (2008). Aproximação à questão - o que são valores. Retrieved April 29, 2021, from rotas filosóficas website: <https://rotasfilosoficas.blogs.sapo.pt/11543.html>

Coutinho, C. P. (2020). *Metodologias de investigação em ciências sociais e humanas*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, S.A.

Dallas, I. de H. & C. (n.d.). Sobre James Hillman. Retrieved from <https://jameshillmansymposium.com/james-hillman/>

De Nadai, S. C. T., Vicentin, V. F., & Bozza, T. L. (n.d.). *Desenvolvimento moral de uma criança considerada "difícil": foco na relação escola-família*. Retrieved from <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7749/5402>

Dhnet. (n.d.). Carta Social Europeia Revista. Retrieved from <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/euro/7.htm>

Direção Geral da Educação. (n.d.). *Convenção europeia dos direitos humanos*. Retrieved from <https://cidadania.dge.mec.pt/sites/default/files/pdfs/convencao-europeia-dos-direitos-humanos-1950-2020.pdf>

DRE. (2022a). Lei de Bases do Sistema Educativo Lei n.º 46/86. Retrieved from <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/1986-34444975>

DRE, D. da R. (2022b). Constituição da República Portuguesa. Retrieved January 3, 2022, from <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-aprovacao-constituicao/1976-34520775>

EducaBras. (n.d.). Os sofistas. Retrieved from https://www.educabras.com/enem/materia/filosofia/aulas/os_sofistas

Educação, D.-G. da. (2020). Estratégia nacional de educação para a cidadania. Retrieved from <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>

España, D. (2014). Tecnologia e humanidade. *Revista Exame*. Retrieved from

<https://exame.com/blog/o-que-te-motiva/tecnologia-e-humanidade/>

Filho, A. B. (2021). A tecnologia e os valores pós-pandemia. *Correio Do Povo*. Retrieved from <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/artigos/a-tecnologia-e-os-valores-humanos-pós-pandemia-1.662493>

Flecha, R., & Tortajada, I. (2000). *A educação no século XXI - Os desafios do mundo imediato* (F. Imbérnon, Ed.). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: Artmed Editora.

Folter, R. (n.d.). O que é patriarcado. Retrieved from <https://www.politize.com.br/patriarcado/>

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra.

Freitas, B. de. (2008). A declaração universal dos direitos do homem. Retrieved from <https://ensina.rtp.pt/artigo/declaracao-universal-direitos-do-homem/>

Gabinetes da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade e do Secretário de Estado da Educação. (2016). Despacho n.º 6171/2016. *Diário Da República*, 14676. Retrieved from http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Legislacao/despacho_6171-2016_grupo_trabalho_educacao_cidadania.pdf

Gama, M. (n.d.). *Os valores: horizontes para o novo milénio*. 1–11. Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28408/3/VALORES.pdf>

Germano, I. M. P. (n.d.). *Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em psicologia social*. Retrieved from http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/147.aplica%C7%D5es e implica%C7%D5es do m%C9todo biogr%C1fico de fritz sch%DCtze em psicologia social.pdf

Gregório, S. B. (2007). Valor. Retrieved April 13, 2021, from <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/valor>

Hessen, J. (2001). *Filosofia dos valores*. Coimbra, Portugal: Ed. Armênio.

Köttig, M., & Völter, B. (2014). Dossiê : Narrativas “Isso sim, é ser sociólogo!” uma entrevista narrativa com Fritz Schütze sobre a história de sua obra na sociologia. *Civitas*, 14(2), 204–226. <https://doi.org/https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17840>

- Lani-Bayle, M. (2018). A história da pesquisa com crianças - em direção a uma clínica narrativa com crianças. In M. da C. Passeggi, Lani-Bayle, E. C. Furlaneto, & S. M. da Rocha (Eds.), *Pesquisa (auto)biográfica em educação - infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares* (pp. 71–88). Retrieved from [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/57855/1/Pesquisa auto biográfica de crianças - alguns pontos de análise.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/57855/1/Pesquisa%20auto%20biografica%20de%20criancas%20-%20alguns%20pontos%20de%20analise.pdf)
- LaTaille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed.
- Leitão, J. O. (2022). Organização mundial de saúde (OMS). Retrieved from <https://www.infoescola.com/saude/organizacao-mundial-de-saude-oms/>
- Lima, F. B. F. de. (2016). *Desafio de educar para valores no séc . XXI* (Tese de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências). Retrieved from <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20258/1/Tese.pdf>
- Lima, L. (n.d.). Ecosistema humano. Retrieved from <https://www.ufmg.br/ciencianoar/conteudo/o-ecossistema-humano/>
- Lucas, L. B., & Passos, M. M. (2015). Filosofia dos valores: uma compreensão histórico-epistemológica da ciência axiológica. *CONJECTURA: Filosofia e Educação*, 20(3), 123–160. Retrieved from [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5584415/mod_resource/content/1/Filosofia dos valores.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5584415/mod_resource/content/1/Filosofia%20dos%20valores.pdf)
- Macedo, M. (2019). Nihilismo. Retrieved from <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/nihilismo>
- Martins, A. M. da S. (2008). Os valores em Miguel Reale. *Revista de Informação Legislativa*, 45(180), 263–278. Retrieved from <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/176575/000860623.pdf>
- Mercadologia - Conceito e o que é. (n.d.). Retrieved from <https://conceitos.com/mercadologia/>
- Mereles, C. (2017). ONU: o que é a organização das nações unidas? Retrieved from <https://www.politize.com.br/onu-organizacao-das-nacoes-unidas/>

- Ministério da Educação. (2013). Educação para a cidadania – linhas orientadoras. *Direção- Geral Da Educação*, 1–5. Retrieved from https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf
- Ministério da Educação. (2016). Estratégia nacional de educação para a cidadania. *D.R., II.ª Série, n.º 90, de 10 de Maio de 2016*, 4. Retrieved from http://dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania_original.pdf
- Ministério da Educação e da Ciência. (2012). Decreto-Lei n.º 139/2012. Retrieved from <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/139-2012-178548>
- Moraes, I. (2020). O que faz o ministério da educação? Retrieved from <https://www.politize.com.br/o-que-faz-o-ministerio-da-educacao/>
- Neme, C. M. B., & Santos, M. A. P. (2003). Ética : conceitos e fundamentos. *Unesp – Bauru*, 1–6. Retrieved from https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155316/1/unesp-nead_reei1_ee_d05_texto1.pdf
- Neto de Carvalho, F. (1992). *Direito, biologia e sociedades em rápida transformação*. Coimbra, Portugal: Almedina.
- Neves, D. (n.d.). Império romano. Retrieved from <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/imperio-romano.htm>
- Nigro, R. (n.d.). A modernidade e a crise de valores. *Era: Ética e Realidade Atual*. Retrieved from <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12473883/a-modernidade-e-a-crise-de-valores-etica-e-realidade-atual>
- Nogueira, V. F. P. (2007). Axiologia: apontamentos sobre o valor. *Sistema Anhaguera de Revistas Eletrônicas*, 1(1), 75–80. Retrieved from [https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/1293/1/Artigo 12.pdf](https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/1293/1/Artigo%2012.pdf)
- Oliveira, C. L. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias Pesquisas Em Educação, Cultura, Linguagem e Artes*, 2(3).

Retrieved from <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>

Passeggi, M.; Nascimento, G.; Oliveira, R. (2016). As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. *Revista Lusófona de Educação*, 33, 111–125. Retrieved from <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682>

Passeggi, M. da C. (2011). A experiência em formação. *Educação*, 34(2), 147–156. Retrieved from <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>

Passeggi, M. da C., Lani-Bayle, M., Furnaletto, E. C., & Rocha, S. M. da. (2018). *Pesquisa (auto) biográfica em educação infâncias e adolescência em espaços escolares e não escolares*. Retrieved from [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26927/1/Pesquisa %28auto%29 biográfica em educação.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26927/1/Pesquisa%28auto%29%20biografica%20em%20educacao.pdf)

Pedagogia & Comunicação. (2005). Paul Valéry. Retrieved from <https://educacao.uol.com.br/biografias/paul-valery.htm>

Pedro, A. P. (2002). *Percursos de uma educação em valores em Portugal influências e estratégias*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pombo, O. (2003). O insuportável brilho da escola. In Conferência Internacional Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa (Ed.), *Direitos e responsabilidades na sociedade educativa* (pp. 31–59). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ramiro, M. (n.d.). *Dicionário breve de pedagogia 2ª edição (revista e aumentada)*. 1–138. Retrieved from [http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/dicionario pedagogia.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/dicionario_pedagogia.pdf)

Reale, M. (1991). Invariantes axiológicas. *Estudos Avançados*, 5(13), 131–144. <https://doi.org/10.1590/s0103-40141991000300008>

Redação Pátio. (2019). Jaume Carbonell: “Função do professor não é ditar pensamento, mas ensinar a pensar.” Retrieved from Desafios da Educação website: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/jaume-carbonell-entrevista/>

Rengel, P., & Guazzelli, C. T. (2016). Reflexões sobre a ética na educação. *Uniedu*, 1–9. Retrieved from <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Patricia-Rengel.pdf>

- Restrepo, L. C. (2004). *Ética do Amor*. Coimbra: Ariadne Editora.
- Ruiz, M. J. F. (n.d.). Reflexões sobre a moralidade infantil. *Revista Iberoamericana de Educación*, 1–20. Retrieved from <https://rieoei.org/historico/deloslectores/555Ruiz.PDF>
- Santi, A. de, & Lisboa, S. (2020). Epicuristas e estoicos: a filosofia grega depois de Platão e Aristóteles. Retrieved from <https://super.abril.com.br/especiais/epicuristas-e-estoicos-a-filosofia-grega-depois-de-platao-e-aristoteles/>
- Sartori, A. S. T., & Duarte, C. G. (2017). Uma infância produzida na sociedade de consumidores : práticas da educação matemática. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, 7(2), 632–646. Retrieved from <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165929/001045940.pdf?sequence=1>
- Secretaria da Educação. (n.d.). Organização do trabalho pedagógico - Pensadores da educação - Jacques Delors. Retrieved from <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=337>
- Serenna, N. (n.d.). Leis que regem o sistema educacional brasileiro. Retrieved from <https://serenna.jusbrasil.com.br/artigos/605460083/leis-que-regem-o-sistema-educacional-brasileiro>
- Silva, C. M. R. (2001). *Monodocência no 1.º ciclo do ensino básico: Por entre características e soluções*. (1), 121–127. Retrieved from http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/51800/1/Monodocência_texto_%28Silva%20CFev_2005%29.pdf
- Silva, D. N. (n.d.-a). Idade antiga. Retrieved from História do Mundo website: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-antiga>
- Silva, D. N. (n.d.-b). Revolução industrial. Retrieved from <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/revolucao-industrial.htm>
- SNS. (n.d.). Direção-Geral da Saúde. Retrieved from <https://www.sns.gov.pt/entidades-de-saude/direcao-geral-da-saude/>
- Sousa, R. (2002). Romana. Retrieved from <https://www.historiadomundo.com.br/romana>

- Tesini, B. L. (2021). COVID-19. Retrieved from <https://www.msmanuals.com/pt-pt/casa/infecções/covid-19/covid-19>
- Torres, C. V., & Schwartz, S. H., & Nascimento, T. G. (2016). A teoria dos valores refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva. *Psicologia, USP*, 27(2), 341–356. Retrieved from <https://doi.org/10.1590/0103-656420150045>
- União Europeia. (n.d.). Comissão Europeia. Retrieved from https://europa.eu/european-union/about-eu/institutions-bodies/european-commission_pt
- Unicef. (2004). A convenção dos direitos da criança. Retrieved from <https://www.unicef.pt/actualidade/publicacoes/0-a-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca/>
- Unicef para cada criança Brasil. (n.d.). Declaração universal dos direitos humanos. Retrieved from <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- Unidos pelos Direitos Humanos. (n.d.). *Lei internacional dos direitos humanos*. Retrieved from <https://www.unidospelosdireitoshumanos.org.br/what-are-human-rights/international-human-rights-law/international-human-rights-law-continued.html>
- Weller, W., & Otte, J. (2014). Análise de narrativas segundo o método documentário Exemplificação de um estudo com as gestoras de instituições públicas. *Civitas*, 14(2), 325–340. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/277719252_Analise_de_narrativas_segundo_o_metodo_documentario_Exemplificacao_a_partir_de_um_estudo_com_gestoras_de_instituicoes_publicas

APÊNDICES

Apêndice 1. Guião de perguntas

1. Como percebe a presença dos valores humanos em sua história de vida?
2. O que pensa sobre a Educação de Valores Humanos para o desenvolvimento da formação social, emocional, moral e ética nas crianças?
3. Quais os principais desafios com que se confronta para realizar educação de valores com as suas crianças? Porquê?
4. É capaz de identificar situações concretas que mostrem benefícios da aplicação de uma proposta educacional em valores humanos dentro e fora da escola, com as crianças dos 06 aos 10 anos?
5. Dentro da sua experiência profissional, é capaz de encontrar e narrar algumas situações concretas que envolvam educação para os valores? (convém explorar bastante esta questão, procurando que as pessoas narrem situações concretas que se relacionem com a educação em valores)
6. Qual a importância de ensinar Valores Humanos para as crianças dos 1º Ciclo?
7. Como aborda o tema valores humanos em consonância com os conteúdos do currículo escolar do 1º Ciclo?
8. Em sua relação com seus alunos, como desenvolve a construção e a vivência dos valores?

Apêndice 2 – Quadro de Resultados

OBJETIVOS DO ESTUDO	QUESTÕES DO GUIÃO	PROFA. APARECIDA	PROFA. MARIANA	PROFA. CATARINA
1º. Conhecer as concepções dos (as) professores (as) sobre a educação de valores.	<p>1. Como percebe a presença dos valores humanos em sua história de vida?</p> <p>2. O que pensa sobre a educação de valores humanos para o desenvolvimento da formação social,</p>	<p>“Eu não concordo que haja cada vez menos valores; eu acho que há, e os miúdos têm a noção de valores, estes são dados na escola e em casa, a questão é que custa imenso a criança ter esse valor presente, estar intrínseco de forma a fazê-lo vir ao de cima nas atitudes e comportamentos. (...) não acredito que a criança nasça com os valores, até pode aprender alguns por experiências próprias, mas a verdade é que nos compete a nós educadores juntamente com os pais inculcar estes valores nas crianças.”</p> <p>“Acho que são muito importantes para o desenvolvimento até</p>	<p>“Ah, é fundamental, os valores, e podemos transmitir aos nossos alunos porque a criança tem que crescer com esses valores, não? Já sim, hoje em dia as crianças não ligam para algumas coisas, alguns dos valores, a partilha, a companhia, a amizade. Se nós docentes também, não basta só em casa transmitir isso, mas nós também podemos transmitir; acho que é fundamental ter em nós e podemos transmitir esses valores.”</p> <p>“É fundamental porque a partir dos valores que são</p>	<p>“(…) sobre a minha vida (...) percebo os valores dentro das aprendizagens que fiz, de ter coragem e resiliência de viver minhas dificuldades, financeiras, (...) de aprender a gostar de algo que eu não gostava. Enfim os valores estavam presentes e ainda estão por toda a minha vida e me fizeram aprender muito. Através da experiência como outro, do que o outro deixa em mim. É um ciclo de vivências.”</p> <p>“É essencial este aprendizado, mais do que nunca nós percebemos que</p>

	<p>emocional, moral e ética das crianças?</p> <p>6. Qual a importância de ensinar valores humanos para as crianças do 1º ciclo?</p>	<p>para a socialização da criança, o crescimento harmonioso. A criança que não interiorizou os valores e que não cresce baseando seus comportamentos nos valores vai ter problemas de socialização, vai ter problemas de aceitação pelos pais, vai ter problemas de aceitação por adultos, vai ter problemas de aceitação na escola, na sociedade e posteriormente então no trabalho.”</p> <p>“Eu para mim considerava importante trabalhar desde o Pré-Escolar (...) a partir do momento que eles começam a perceber que existe mundo à volta deles, não é? (...) mas se conseguissem trabalhar sem pressões com as crianças logo após os três anos (...) a partir dos três anos, que eu</p>	<p>transmitidos a criança cresce em harmonia e é um ser mais capaz e mais desenvolvido; não é? Porque os valores estão presentes em todos os momentos da nossa vida o simples cumprimentar, o dizer bom dia, ou boa tarde ou olá, é fundamental para uma criança crescer com esses valores quando nós não transmitimos e não falamos, acho que é mau, eles não crescem com isso.”</p> <p>“Eu acho que a educação para os valores e é o que nós temos em Educação para a Cidadania (...) mas acho que é uma disciplina que deve ser a todos os níveis, não só no 1º Ciclo. Claro que o 1º ciclo é o primeiro passo deles, até</p>	<p>essas pequenas situações se resumem em valores. Acredito que os valores são um norte para despertar práticas humanas desde os tempos mais infantis.”</p> <p>“Pronto, é a própria formação humana, chega a ser um pilar para uma sociedade verdadeiramente mais humana e igualitária para todos. Se você começa a cultivar esses valores, hoje muito mais a questão do respeito, (...) Claro, tem que ser trabalhado o ano todo, mas tem um</p>
--	---	---	--	---

		sei que sim. Eu penso que o trabalho mais intenso e penso que não estou errada, é precisamente no 1º Ciclo que tem mais condições para isso havendo um sistema de monodocência o professor consegue gerir e implementar muito melhor esses valores porque está há 25 horas por semana”	mesmo na Pré (...) acho fundamental levarem esses valores pela vida toda.”	momento em que você tem que puxar mais certos temas (projetos). Se tiver um bom pilar aqui na educação do 1º ciclo, tendem a multiplicar (...).”
2º. Compreender como a experiência profissional promove a (re) conceitualização da educação em valores.	7. Como aborda o tema valores humanos em consonância com os conteúdos do currículo escolar do 1º ciclo?	“É assim, primeiro no nosso caso aqui nossa oferta complementar já é a cidadania, portanto isso já diz tudo, não é? (...) temos a disciplina que é transversal no 1º Ciclo, a todas as disciplinas (...)”	“Educação para a cidadania. Sim, é uma disciplina transversal a todas as disciplinas por isso não é especificamente. Estou ali porque é uma hora por semana não estou ali especificamente a falar de cidadania ou de valores naquela hora, ela é transmitida em português e matemática, em estudo do meio, onde, até mesmo no próprio recreio muitas vezes nós podemos ir	“É assim, quando a gente tem a disciplina de educação religiosa sempre a gente procura trabalhar os valores nesta disciplina. Não é uma questão de parar os conteúdos para trabalhar os valores, nós tentamos inseri-los nas outras disciplinas, mas como tem esta disciplina educação a gente sempre puxa mais, dentro do seu conteúdo, explora mais os valores, e de resto você vai conciliando. Também faço com os géneros

	<p>8. Em sua relação com seus alunos, como desenvolve a construção e a vivência dos valores?</p>	<p>“(...) no nosso caso com o horário próprio é uma disciplina transversal a todas porque a verdade é que nós, no 1º Ciclo educamos a partir do início (o sentar, o respeitar o outro, no sentido de levantar a mão para falar, o ouvir o outro, o nosso levantar sem autorização, o respeitar o material, o não pegar no material do outros,</p>	<p>transmitir esses valores, não é? Por isso não há, é ao longo do dia letivo. No 1º Ciclo temos a oferta curricular a disciplina educação e cidadania. Temos vários temas, este ano por exemplo é relacionado com o ambiente, nós vamos trabalhar os valores (...) o projeto em si é por anos de escolaridade, mas o tema é geral. É trabalhado conforme a professora”</p> <p>“(...) temos 05 horas por semana, o que quer dizer que muitas vezes nós também aproveitamos essas aulas para dar apoio àqueles alunos que têm mais dificuldade. (...) Uma das coisas que eu converso muito com eles é sobre essa partilha. Hoje em dia (...) eles não podem partilhar os</p>	<p>textuais é quando você coloca muitos textos sobre os assuntos que tenham valores, não é?”</p> <p>“Pronto, quando eu estava em sala de aula construía a lista dos combinados, a tradicional lista de acordos de convivência (...) Onde você vai desde o respeito, é a questão da disciplina mesmo, em levantar a mão e esperar a sua vez de ser atendido, respeitar a vez do outro, o lixo, a questão ambiental a</p>
--	--	---	---	---

	<p>5. Dentro de sua experiência profissional, é capaz de encontrar e narrar algumas situações concretas que envolvam educação de</p>	<p>ter a responsabilidade de trazer sempre o seu material, o não pegar no material dos outros, (...) não há aula nenhuma em que não sejam trabalhados.”</p> <p>“Sim, começamos para aí há coisa de uns 05 anos atrás, a fazer assembleias de turma, são feitas mais ou menos uma vez por mês, (...) às vezes</p>	<p>materiais uns com os outros por causa da Covid, claro, (...) logo no início do primeiro ano nós começamos logo com eles esses valores de partilha, de solidariedade, de ajuda, está muito presente nas minhas aulas é um dos valores é isso que eu transmito (...) muitas vezes eu ponho um aluno que é mais rápido, que tem melhor desempenho com um aluno que tem menos, não é capacidade, mas que é mais lento na realização e isso ajuda um e outro e acho que há ali depois uma ajuda mútua (...) uma partilha grande entre eles (...)”</p> <p>“(...) temos um menino que é um bocadinho, lá está as famílias tem nesse aspeto tem muito uma quota de</p>	<p>questão de cuidar do seu material, despertar o valor da autonomia as crianças, eles dão ideias, e dependendo das turmas nós colocamos nos terceiros, quartos e quintos anos, para eles mesmo escreverem a lista. Estas regras são nada mais que valores construídos para aquele ano letivo. Não uso a palavra regras, porque parece uma coisa distante, mas se falarmos, “olha o que nós combinamos para nossa realidade, em nosso dia a dia, em como nos comportar? Eles entendem mais. (...) eu me vi nessa construção de valores”</p> <p>“Sim, eu vi bons e maus valores numa situação. Era uma criança que tinha muita dificuldade motora e</p>
--	--	--	---	--

	valores?	<p>são temas que são impostos, mas a grande maioria das vezes os temas têm a ver com os problemas dos alunos, os próprios alunos sugerem os temas, mais a ver com a gestão de conflitos (...). Não digo sempre, mas a maioria das vezes aparece precisamente por falta de valores dos alunos, não é? (...) eles debatem o porque, as causas, consequências e assumem as determinadas responsabilidades naquilo que aconteceu (...) e ao elaborarem a ata eles próprios depois dizem o que devem fazer para melhorar e como são eles próprios (...) a sugerir o que fazer, como fazer, eles comprometem-se (...) e realmente consegue-se notar melhoria (...)."</p>	<p>responsabilidade complicado no nível até de linguagem e de agressividade verbal e física e pronto é o menino e que está a ser acompanhado (...) de uma psicóloga e mesmo meu, está a ir no bom caminho e se ele escuta-nos muitas vezes, está agressivo mas falando com ele e compreendendo e levando-o a compreender a razão da agressividade ele muda o comportamento. Por isso acho que às vezes também é preciso transmitir a estas crianças. Às vezes não são os valores, é como não são passados em casa. Como lhe disse nós escola temos obrigação, entre aspas, de poder transmitir, (...) é muito lento realmente, mas está a ter frutos."</p>	<p>as crianças ficavam com ela no recreio porque foram incentivadas em sala (por mim) para a aceitação das diferenças. E tinha outro caso de crianças que tiveram que ser transferidas da escola porque não conseguiam conviver com o comportamento de certas crianças autistas, com dificuldade de convivência, de enfrentar nesta situação em sala de aula, houve uma criança com tanto medo, não aceitava ficar perto, num mesmo ambiente com crianças deficientes que chorava de aflição (...) a família pediu transferência da escola."</p>
--	----------	--	--	--

<p>3°. Averiguar os benefícios e desafios percebidos pelos Educadores, a enfrentar no exercício desta proposta educacional para o exercício de uma cultura de paz, dentro e fora da escola, das crianças dos 06 aos 10 anos.</p>	<p>3. Quais os principais desafios com que se confronta para realizar educação de valores com as suas crianças? Porquê?</p>	<p>“Falo especificamente das crianças das cidades que são diferentes das crianças das aldeias, são crianças com um stresse enorme são miúdos que não tem grandes espaços ao ar livre para brincar, saem muito tarde das escolas, os pais vem buscá-los a correr para os meter noutras atividades e depois chegam a casa e é tomar banho, fazer os trabalhos de casa (...) Acho que quando nós falamos para os pais nós não gostamos, os pais sabem perfeitamente o que é certo e errado, e aquilo que deve falar e inculcar nos filhos, mas alguma coisa aqui está a falhar e eu suponho que seja essa falta de tempo, de qualidade entre os encarregados de educação e educandos, para eu seja inculcado, realmente</p>	<p>“Hoje em dia as crianças eu acho que os pais têm pouco tempo, não é? (...) e então é um bocado esse desafio, porque nós queremos transmitir os valores e não quero dizer com isto que os pais não transmitem também (...) facilitam e como tem pouco tempo deixam-nos fazer a tudo e não conversam muito com os filhos (...) porque os pais são muito facilitadores podem transmitir os valores, mas não são assertivos, eles deixam muitas vezes os alunos tomarem, não fazem as coisas para facilitar a vida deles.”</p>	<p>“Olha o grande desafio é justamente a realidade dessas crianças. É a confrontação desses valores com o que muitas crianças trazem de suas realidades. (...) crianças que entram em conflito com os colegas e com ela mesmo, principalmente por causa da violência, (...) A questão do revidar... e daqui que você desconstrua esse pensamento na criança, porque ela vem de casa com uma verdade de sua mãe vai ter que trabalhar muita coisa, né? Olha, principalmente com exemplos (...) Mas a criança continua a agir com o modo que vem de sua casa! (...) Não são todas as famílias, graças a Deus, mas eu sinto por eles, por trazerem esta realidade de casa, entendeu o</p>

	<p>4. É capaz de identificar situações</p>	<p>interiorizado os valores. Infelizmente é que muitas vezes não é isto que acontece, (...) e às vezes há uns ajustes, mesmo na criança na escola, porque a criança não consegue entender o que é ser intolerante, eu percebo imensa intolerância.”</p> <p>(...) muitas vezes aquilo que aqui na escola os pais não aceitam, então na escola são implementados determinados valores que em casa não dão continuidade assim encontra-se uma barreira grande para, digamos, para os valores. (...) não é fácil realmente se não houver uma ótima relação escola e família, não é? Pronto; isto compete a nós e a família compete a toda a gente melhorar esta vertente da escola, não é?”</p>	<p>desafio?”</p> <p>“Eu era</p>
--	--	---	---------------------------------

	<p>concretas que mostrem benefícios da aplicação de uma proposta educacional em valores humanos dentro e fora da escola, com crianças dos 06 aos 10 anos?</p>	<p>“Então, nas aulas de Educação Física é a rainha de trabalhar os valores porque é onde eles estão mais descontraídos e se esquecem deles então não é preciso chamar os valores volta e meia o respeitar quando estão a jogar ou vão passar à bola, o aceitar a perder um jogo, aceitar que o colega jogue pior, o aceitar na sua equipa as crianças que jogam menos bem, são sempre trabalhados os valores. Claro que eu vou lhe dizer nota-se por uns tempos e depois caem no mesmo, mas nós estamos a educar (...) e isto leva o seu tempo e paciência, ser persistente, (...), já se nota a intenção dos valores nos comportamentos</p>	<p>“ Eu há(...) 05 anos uma professora estava a fazer um trabalho e que era um bocadinho na volta disso e os alunos, gostavam de trabalhar os valores do ambiente, e acho que ficaram mais enriquecidos com essas aulas que compreendiam e acho que até a nível de comportamento houve uma melhoria(...) eles compreenderam e ficaram até mais amigos uns dos outros, havia uma partilha maior entre eles(...), e quando falo no 1º ciclo como nós somos titulares e únicos, às vezes os miúdos também já estão um bocadinho mais saturados ,às vezes esses projetos quando vem de fora com outra professora que vá lá, eles ficam mais animados estão</p>	<p>professora do 1º ano e havia uma mãe muito pobre, de cinco filhos. Eu era professora de uma dessas crianças (...) Num determinado dia, esta mãe atentou contra a própria vida e faleceu (...)Aquilo foi um abalo muito grande para todos nós, enquanto professores, enquanto crianças Nós já tínhamos o hábito de ampará-la economicamente dada sua situação económica, mas infelizmente a pressão foi maior do que nossa ajuda...a escola se juntou na época para dar mais assistência à família(...)Foi triste, mas muito lindo ver os valores que nasceram daquela situação (...)E conversando com os demais professores sobre o que matou a mãe, pensamos que foi a própria sociedade sem valores. E um outro</p>
--	---	--	--	--

		<p>resolvidos (...)”</p> <p>“No primeiro ano que eu vim para aqui eu aquilo tive duas turmas amorosas, onde havia uma relação afetiva muito forte, (...) de meninos que não se conheciam (...) faleceu o pai de uma das meninas mais amorosas, mas com o nível socioeconômico dos mais baixos da turma (...) e a turma pôs aquela menina acima de tudo e de cima, nunca deixavam aquela criança sozinha. E eu falei (...) que ela iria precisar de muita atenção e que teríamos que entender alguns comportamentos mais estranhos da menina pelo que eu iria ser mais benevolente com ela do que com os outros (...) a turma toda reagiu realmente de uma forma fantástica eles ajudaram aquela colega mesmo e eles deram-se bem e os</p>	<p>sempre, são aulas diferentes por assim dizer e ficam e ficam mais ansiosos e gostam dessa partilha (...). Pronto, também somos estudantes não mais da idade deles, mais velhos então esses projetos de fora são muito positivos.”</p>	<p>caso, este ainda vou transformar em um conto, quando eu virar uma escritora (risos). Foi sobre o projeto Papai Noel nos Correios. Cada criança escrevia uma cartinha e as cartas eram enviada aos correios para ver se alguém escolhia uma para responder e apresentar uma criança pobre (...), e lá na agência dos correios, estavam expostas numa árvore. Alguém tirou uma cartinha, leu, e jogou-a no chão. Uma funcionária dos correios viu aquela cena, resgatou a carta e convocou os demais funcionários para comprarem a boneca pedida (...) Um adulto descartou a carta e isso foi necessário para que outro adulto, outros adultos, despertassem seus melhores valores.”</p>
--	--	---	--	---

		<p>pais dos meninos ajudaram e ofereceram qualquer auxílio que a senhora precisasse, extrapolou a escola (...).”</p> <p>“Ora vamos, enfim, é assim quando há uma relação escola encarregada de educação, uma relação que aperta, uma relação de confiança, e isso é fácil inculcar nas crianças porque trabalhamos todos no mesmo sentido escola e em casa, então é fácil, não é? A criança não fica ali dividida.”</p>		
--	--	---	--	--